



Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

André Mateus Pupin

Pontes de papel:

**Intelectuais, projetos revolucionários e concepções americanistas
nos *Cuadernos Americanos* (1942-1959)**

Campinas

2023

André Mateus Pupin

***Pontes de papel: intelectuais, projetos revolucionários e concepções americanistas
nos Cuadernos Americanos (1942-1959)***

Dissertação apresentada ao Instituto de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Estadual de
Campinas como parte dos requisitos exigidos para a
obtenção do título de Mestre em História, na Área de
Política, Memória e Cidade.

Orientador: Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO
DEFENDIDA PELO ALUNO ANDRÉ
MATEUS PUPIN E ORIENTADA PELO
PROF. DR. JOSÉ ALVES DE FREITAS NETO.

CAMPINAS

2023

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
Cecília Maria Jorge Nicolau - CRB 8/3387

P969p Pupin, André Mateus, 1995-
Pontes de papel : intelectuais, projetos revolucionários e concepções americanistas nos Cuadernos Americanos (1942-1959) / André Mateus Pupin. – Campinas, SP : [s.n.], 2023.

Orientador: José Alves de Freitas Neto.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Periódicos mexicanos. 2. Intelectuais. I. Freitas Neto, José Alves de, 1971-. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

Informações Complementares

Título em outro idioma: Paper bridges : intellectuals, revolutionary projects and Americanist's conceptions in Cuadernos Americanos (1942-1959)

Palavras-chave em inglês:

Mexican periodicals

Intellectuals

Área de concentração: Política, Memória e Cidade

Titulação: Mestre em História

Banca examinadora:

José Alves de Freitas Neto [Orientador]

Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Caio Pedrosa da Silva

Data de defesa: 09-02-2023

Programa de Pós-Graduação: História

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-4681-3675>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/6484065053959712>

Universidade Estadual de Campinas
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

A Comissão Julgadora dos trabalhos de Defesa de Dissertação/Tese de Mestrado/Doutorado/Mestrado Profissional, composta pelos(as) Professores(as) Doutores(as) a seguir descritos, em sessão pública realizada em 09/02/2023, considerou o candidato André Mateus Pupin aprovado.

Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto

Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes

Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva

A Ata de Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertações/Teses e na Coordenadoria do Programa de Pós-Graduação em [nome do Programa] do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

Agradecimentos

Realizar uma pesquisa de mestrado e, sobretudo, escrever a dissertação durante uma pandemia aumentaram o isolamento e a solidão que marcam o ofício do historiador. No entanto, foram justamente os encontros que permitiram que esse trabalho chegasse ao fim, com a satisfação e o saudosismo que todo fim de ciclo traz.

Agradeço ao meu orientador e amigo Prof. Dr. José Alves de Freitas Neto, por todas as conversas e abraços desde 2016. Foram 6 anos de muito aprendizado entre iniciação científica, intercâmbio, monografia e mestrado. E, também, de muito companheirismo que quero levar comigo!

Agradeço ao Prof. Dr. Caio Pedrosa da Silva e ao Prof. Dr. Luiz Estevam de Oliveira Fernandes pelas observações, sugestões, correções e comentários valiosos na banca de qualificação, as quais me orientaram na reta final da escrita da dissertação.

Agradeço ao Prof. Dr. Stefan Rinke, pela supervisão do meu estágio de pesquisa durante a iniciação científica, na *Freie Universität Berlin*, e pelo estímulo ao mestrado, mesmo que a pandemia tenha impedido um novo estágio.

Em um período que foi marcado pelo negacionismo, meu agradecimento à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) pelo apoio financeiro, através da bolsa de mestrado indispensável para a realização da minha pesquisa (Processo nº 2019/26616-4). Que os novos ventos democráticos unam e reconstruam a universidade pública e a pesquisa acadêmica!

Também agradeço ao Departamento de História do IFCH-Unicamp, aos professores, funcionários e aos meus colegas na graduação e na pós-graduação. Em especial, agradeço meus amigos: Caio Arrabal, Diego Pereira, Eduardo Baena, Luísa Segalla, Samuel Matias, Thiago Kovaliski, Vinícius Lustoza, Vítor Menini e Vitor Boldrini. Agradeço também aos meus amigos que, longe de Campinas e da História, sempre estiveram comigo!

Minha gratidão à minha família por todo o apoio de sempre: Luís, Márcia, Amanda, Guilherme, Theo e Elis.

Por fim, agradeço aquela que ao longo dessa jornada foi namorada, noiva e, hoje, é minha esposa: Ana Livia. Palavras não são suficientes para agradecer tudo o que você faz, representa e o quanto me fortalece. Muito obrigado pelo apoio incondicional de sempre!

RESUMO

O objetivo da pesquisa é analisar repertórios e produções discursivas sobre as concepções americanistas expostas e defendidas nos Cuadernos Americanos, publicação mexicana criada em 1942, e que teve grande relevância no cenário político e cultural do continente. O México pós-revolucionário, com a consolidação do poder do Partido Revolucionário Institucional (PRI), fomentou debates e discussões sobre a identidade e a unidade dos povos latino-americanos. Os Cuadernos Americanos, fundado e dirigido por Jesús Silva Herzog, reuniu intelectuais que problematizaram a noção de revolução, de participação popular e o ideário de pautas associadas a diferentes experiências históricas, como a Guerra Civil espanhola e a propagação do socialismo pelo mundo. Desta forma, o recorte temporal da análise sobre produções identitárias estende-se da origem da revista até 1959, ano da Revolução em Cuba - marco fundamental na história da América. Muitas concepções americanistas de autores de diversos países atravessaram a revista, como por exemplo Haya de la Torre propunha uma Indoamérica, valorizando o índio ao invés do latino, de origem europeia; por outro lado a noção de Pan-americanismo, centrada nos Estados Unidos, foi muito criticada. Assim, analisaremos esta revista-mundo a partir da história intelectual e da história global, a fim de evidenciarmos que ao articular tantas questões e reposicionar a discussão sobre as identidades em um país multifacetado, os colaboradores procuravam construir pontes de papel e projetar um ideário estruturado pelo clamor - tanto pela experiência como pela expectativa - da revolução.

Palavras-chave: concepções americanistas; projetos identitários; revistas culturais; redes intelectuais.

ABSTRACT

The research's objective is analyze repertoires and discursive productions about Americanist's conceptions wrote and defended inside Cuadernos Americanos, Mexican cultural review created in 1942, which had an important relevance in Latin America political and cultural scenario. Mexico post-revolutionary, with the consolidation of Institutional Revolutionary Party (PRI), stimulated debates and discussions about identity and unity of Latin American people. Cuadernos Americanos, founded and directed by Jesús Silva Herzog, brought together intellectuals who questioned notions of revolution, popular participation in politics and ideals related to many historical experiences - for example, Spanish Civil War and the spread of socialism throughout the world. Therefore, our investigation extends from the review foundation until 1959, when happened the Cuban Revolution - fundamental milestone in American history. Many Americanist's conceptions, idealized by authors from several Latin American countries were manifested in the review, such as Haya de la Torre proposed an Indoamérica, valuing the indigenous culture, instead of the European origin manifested in "Latin"; on the other hand, the Pan-americanism notion, centered in United States, has been widely criticized. Thus, we propose to analyze this world-magazine using intellectual history and global history, in order to show that by articulating so many questions and repositioning the discussion about identities in a multifaceted country, the collaborators sought to build paper bridges and project a structured ideaby clamor of the revolution.

Key words: americanist conceptions; identity projects; cultural magazines; intellectual networks.

Sumário

Introdução	10
Capítulo 1. No México, uma revista-mundo: <i>Cuadernos Americanos</i> (1942-1959)	23
Capítulo 2. A revista e as revoluções	57
Capítulo 3. Visões do americanismo em <i>Cuadernos Americanos</i>	77
Conclusão	110
Referências bibliográficas	113

Introdução

“Todo pensar científico se dá a partir de um mundo não construído cientificamente”
Jorge Portilla¹

Ao longo dos últimos seis anos, em que desenvolvi essa e pesquisas anteriores, a expressão América Latina fortaleceu-se como um termo polêmico, perpassado por disputas complexas, parte de um jogo político muito intrincado, e pendular. O movimento desse pêndulo vai da admiração ao rechaço, do encantamento pela cultura e diversidade latino-americanas ao fantasma da revolução. Em exemplos concretos, desde a valorização da unidade americana vista nos governos de esquerda no início do século XXI, a denominada Onda Rosa, ou, em blocos econômicos regionais, como o Mercosul; até as críticas alucinadas a um suposto bolivarianismo, ou, ao Foro de São Paulo – entidade que, funcionando como “cortina de fumaça”, é mais importante para a extrema direita do que para a esquerda, e a opinião pública de forma geral. Defendendo essa dissertação em fevereiro de 2023, me vejo diante da posse de Lula para seu terceiro mandato, marcado pela volta da representatividade, da diversidade e do protagonismo brasileiro a nível regional e global, em uma nova Onda Rosa; e também assisto estupefato a invasão e depredação dos prédios e símbolos da República, por aqueles que dizem defender a pátria contra o perigo do comunismo.

A potência criativa e inovadora dos povos e países latino-americanos de fato gera identificação com a palavra revolução - no sentido amplo, de mudança profunda nos mais diversos setores, apesar de tantas continuidades estruturais -, a despeito do sentido pontual de revolução enquanto parte de movimentos socialistas e comunistas, que existiram, mas foram muito menores do que algumas narrativas buscam construir. Talvez por isso, a complexidade e a polêmica do termo América Latina - no debate público em geral, com destaque para as discussões

¹ “Todo pensar científico se dá a partir de um mundo não construído cientificamente.” (tradução nossa). PORTILLA, Jorge. La crisis espiritual de los Estados Unidos. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 65, n. 5, p.69-87, jul./out. 1952.

políticas e o ensino de História - esteja mais relacionada com a ideia de revolução, do que propriamente com o latino-americanismo.

Na tentativa de compreender a América Latina e a produção dos seus significados, há uma vasta produção marcada por intelectuais, figuras públicas e representantes da cultura que pertencem ao imaginário latino-americano, um dos momentos centrais para a construção dessas representações está na circulação de ideias e sua sistematização em publicações que circularam entre as elites intelectuais no continente. Uma dessas revistas é a *Cuadernos Americanos (CA)*, e a ênfase da minha pesquisa é pensar como seu corpo editorial e seus colaboradores representaram a América Latina, e contribuíram para a construção de diversas concepções americanistas. Isso porque a revista dedicou-se a compreender a América de forma progressista e, ao mesmo tempo, plural; preocupando-se com a ideia de revolução, sem comprometer-se com a causa revolucionária. Dessa forma, a partir da análise dos CA, pretendemos contribuir com uma temática fundamental para a História das Américas - as identidades americanistas - através do uso da História Intelectual e da História Global, entre 1942 e 1959.

Os CA foram fundados no México, em 1942, e até hoje são publicados. Surgiram no encontro de diferentes redes intelectuais e de sociabilidade, questionando o nacional a partir do seu título e subtítulo continentais – *Cuadernos Americanos: La Revista del Nuevo Mundo* – e global no seu conteúdo, com destaque para a salvação americana da cultura ocidental em crise. Por esses motivos, a capa vistosa da revista nos apresenta ondas, como metáfora de novas realidades a serem descobertas, e representando a fundação da revista por mexicanos e espanhóis desterrados. Hoje, com a digitalização da revista e sua disponibilização online, tais ondas representam a democratização do seu acesso dentro de uma História e Historiografia Global e Digital. O *Centro de Investigaciones sobre América Latina y el Caribe (CIALC)* da *Universidad Nacional Autónoma de México (UNAM)*, é o atual responsável pela publicação, sendo o agente dessa disponibilização digital do acervo da revista. Importante mencionar que o CIALC/UNAM também agencia digitalmente outras duas revistas: *Latinoamérica*, fundada em 1968, por

Leopoldo Zea; e *Archipiélago*, fundada em 1992. Ambas possuem temas que interseccionam-se com *Cuadernos Americanos*, e todas publicam até hoje².

A revista é considerada “uma das publicações de maior tradição e continuidade de nosso continente”³. Sua fundação é resultado do entrelaçamento de três redes intelectuais com distintas experiências e perspectivas⁴: os intelectuais e servidores públicos da burocracia priista⁵, a “diplomacia das letras” e os republicanos espanhóis exilados.

No primeiro grupo destacamos Jesús Silva Herzog⁶, diretor da revista desde sua fundação até sua morte, em 1985; e, Daniel Cosío Villegas⁷, primeiro diretor do *Fondo de Cultura*

2 *Cuadernos Americanos* e as outras duas revistas estão disponíveis no site do centro de estudos, vide: <<http://www.cialc.unam.mx/#>>. Acesso em 04 de agosto de 2020.

3 “*Cuadernos Americanos* es una de las publicaciones de mayor tradición de nuestro continente: su primer número – que llevaba un significativo subtítulo: *La Revista del Nuevo Mundo* –, apareció en el primer bimestre de 1942, y se sigue publicando, con mínimas interrupciones, hasta la actualidad.” Disponível em: WEINBERG, Liliana. El encuentro de un escritor y una revista: Alfonso Reyes y Cuadernos Americanos. In: CRESPO, Regina (org.). **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales**. Cidade do México: UNAM e Ed. Eón, 2010. p. 300.

4 WEINBERG, Liliana. Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultural. In: ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 240.

5 Com “priista” adjetivamos o Partido Revolucionário Institucional (PRI). Sobre o PRI é necessário explicar que ao longo da sua história possuiu três nomenclaturas diferentes. Primeiramente, Partido Nacional Revolucionário (PNR), desde sua fundação em 1929 até o governo de Lázaro Cárdenas (1934-1940). Durante o governo de Cárdenas até 1948, foi denominado Partido da Revolução Mexicana (PRM); e, desta última data em diante, Partido Revolucionário Institucional (PRI).

Como o próprio esforço de autonegação indica, o PRI buscou se colocar como herdeiro da Revolução Mexicana (1910) tendo governado o México – através de eleições fraudulentas – até 2000, quando foi derrotado pelo PAN (Partido da Ação Nacional). Cf: SADER, Emir (coord.). **Latinoamericana**: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Boitempo: Laboratório de Políticas Públicas da UERJ, 2006. 1342 p., il. ISBN 8575590847 (enc.). p. 994 – 995. E, BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora Unesp, 2010, p. 22.

Vale observar que há uma divergência historiográfica entre os autores com relação à data da mudança de PRM para PRI afirmando que ocorreu, respectivamente, em 1946 e 1948.

De forma distinta, a revista CA também buscou o legado da Revolução Mexicana como espaço de experiência para afirmações de ordem continental e global, além de amparar discussões no âmbito nacional, obviamente.

6 Jesús Silva Herzog produziu muitas obras na área de história e economia, com destaque para *Un ensayo sobre la Revolución Mexicana*. Além disso, foi secretário da Fazenda do governo Cárdenas e teve papel importante na nacionalização do petróleo mexicano. MARTINS, Maria Antonia Dias. **A identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955**. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social, 2012, p. 17.

7 Daniel Cosío Villegas foi diretor da Escola de Economia da UNAM, fundador e diretor da *FCE* e presidente de *El Colegio de México*. Também participou da edição da revista *España peregrina*. Publicou, dentre outros livros, *Historia General de México*. WEINBERG, Liliana. Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultural. In: ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II**. Los avatares de la

Económica (FCE), criado poucos anos antes, em 1934. O segundo grupo é composto por intelectuais atuantes no serviço diplomático, político e cultural do México pós-revolucionário, com destacado papel a Alfonso Reyes⁸, primeiro diretor de *El Colegio de México*, e sua proposta de uma “americanería andante”. O terceiro grupo diz respeito aos intelectuais espanhóis que fugiram da Espanha devido a Guerra Civil e posterior vitória de Francisco Franco. Nesse último merece ênfase Juan Larrea⁹, secretário da revista entre 1942 e 1949.

O surgimento da revista está no entrelaçamento destas três redes. O México foi o segundo país que mais recebeu republicanos espanhóis desterrados¹⁰, atrás apenas da França. Devido à grande presença de intelectuais neste grupo, o então presidente Lázaro Cárdenas fundou *La Casa de España en México* (1938-1940), transformada em *El Colegio de México*, em 1939, com a nomeação de Alfonso Reyes como primeiro diretor. Três anos depois surgiram os *Cuadernos Americanos* que, apesar da vinculação com essas outras instituições mencionadas, foram um empreendimento cultural privado, sendo impressos pela *Editorial Cultura*. Mesmo assim, o projeto intelectual e editorial usufruía da posição de Silva Herzog no governo, recebendo anúncios de diversas empresas estatais¹¹.

"ciudad letrada" en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 241.

- 8 Alfonso Reyes produziu e divulgou um americanismo ao longo de sua carreira diplomática – por isso uma “americanería andante”. Foi diplomata em Buenos Aires, entre 1927 e 1930, e no Rio de Janeiro, entre 1930 e 1934, onde utilizava os recursos da embaixada e do governo para eventos culturais americanistas. Além disso, de 1938 até sua morte em 1959, presidiu *La Casa de España en México*, depois *El Colegio de México*. Sobre Reyes destacamos o já mencionado texto de Weinberg na coletânea organizada por Crespo, e também: MYERS, Jorge. El intelectual-diplomático: Alfonso Reyes, sustantivo. In: ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX.** Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 82-97.
- 9 Juan Larrea foi um poeta surrealista espanhol, vinculado ao movimento artístico vanguardista do início do século XX. Na visão de Larrea e de outros espanhóis, os *Cuadernos Americanos* seriam uma continuidade de *España Peregrina*, criada no exílio espanhol, em Paris. Larrea deixou a revista em 1949, quando foi aos Estados Unidos, momento em que critica Herzog por ter desvirtuado o propósito “americano-universal” da revista, ao torná-la demasiadamente mexicana. Cf.: GONZÁLEZ NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). *Cuadernos Americanos*. México, D.F., vol. 1, n. 127, 2009.
- 10 Sobre o exílio espanhol no México destacamos, respectivamente, um artigo e uma tese: BRUGAT, Dolores Pla. La presencia española en México, 1930-1990.: Caracterización e historiografía.. **Migraciones y Exilios**, Madrid, v. 2, n. 1, p.157-188, jan. 2001. Anual. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/revista/6483/A/2001>>. Acesso em: 02 maio 2020. VELÁZQUEZ HERNÁNDEZ, Aurelio. **El exilio republicano Español en México: una emigración subvencionada (1939-1949).** Universidad de Salamanca.
- 11 WEINBERG, Liliana. Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultural. In: ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX.** Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 247-253. Por exemplo, eram recorrentes propagandas em defesa da

Jesús Silva Herzog, Daniel Cosío Villegas, Alfonso Reyes e Juan Larrea faziam parte do corpo editorial (denominado “Junta de Gobierno”), além de outros sete homens. A escrita masculina compunha a totalidade da direção e predominava, embora não fosse exclusiva, na autoria de textos durante o recorte aqui proposto. Dentre os onze membros do corpo editorial, havia participação apenas de mexicanos e espanhóis, com predominância dos primeiros que eram sete dos onze. De forma sucinta a divisão era a seguinte, os sete mexicanos: Jesús Silva Herzog, Daniel Cosío Villegas, Alfonso Reyes, Mario de la Cueva, Eugenio Ímaz, Manuel Martínez Báez e Bernardo Ortiz de Montellano. E os quatro espanhóis: Juan Larrea, Pedro Bosch Gimpera, Agustín Millares Carlo e Manuel Márquez Rodríguez.

Sendo nosso objetivo discutir as concepções americanistas presentes na revista cumpre observar que a presença dos espanhóis no corpo editorial fomentava uma outra relação com o passado colonial espanhol e com as vinculações entre a experiência revolucionária mexicana e a proposição republicana dos ibéricos. Nesse sentido, os americanismos revestem-se de um discurso democratizante e de construção de modelos que estavam em linha com outros grandes movimentos do século XX.

Importante destacar que nossa proposta de pesquisa não se limita em analisar o papel dos “grandes homens” na história. Ao passar por eles buscaremos entender as concepções americanistas presentes nos *CA*, algo amplo e complexo que não poderia ser controlado por um pequeno grupo de indivíduos. Consideramos que as tentativas de elaboração discursiva dos intelectuais reverberam concepções históricas e sociais mais amplas e, conseqüentemente, participam e interferem no debate público sobre o tema.

Afirmamos que nos centraremos na sintaxe interna dos *Cuadernos Americanos*. Seguindo o proposto pela pesquisadora mexicana Liliana Weinberg, a qual afirma que as revistas devem ser analisadas tanto na sintaxe interna como na sintaxe externa, ou seja, as dinâmicas internas de produção, edição e escrita; e as relações externas entre intelectuais que colaboraram em diferentes revistas, bem como diferentes projetos editoriais.

nacionalização do petróleo mexicano, movimentação que possuía Silva Herzog como uma das principais lideranças.

A distribuição dos textos era feita em quatro seções: *Nuestro tiempo*, *Aventura del pensamiento*, *Presencia del pasado* e *Dimensión imaginaria*. Segundo o secretário e codiretor da revista até 1949, Juan Larrea, funcionavam como quatro revistas complementares responsáveis, respectivamente, por ensaios sobre a atualidade; discussões filosóficas e científicas; discussões sobre história e arqueologia; e, arte e literatura¹².

A complementaridade das seções é profunda, entrelaçam-se no objetivo de pensar o que é a América e o que significa ser americano. Um exemplo é a presença constante de discussões arqueológicas ameríndias na revista, dado o movimento indigenista no México daquele período. Por conta da extensão das revistas, selecionamos a seção *Nuestro tiempo* para nossa investigação, afinal tal parte da revista concentrava ensaios sobre questões do tempo presente, com destaque para discussões políticas e culturais no âmbito global – México, América Latina e Ocidente.

Por fim, gostaríamos de apresentar alguns autores e temáticas presentes nos *Cuadernos Americanos*. Além dos autores integrantes do corpo editorial, entre os mexicanos e espanhóis que contribuíam para a revista: Leopoldo Zea¹³, Miguel León-Portilla, José Vasconcelos, Ramón Menéndez Pidal; de outros países latino-americanos, aparecem Victoria Ocampo, Víctor Raúl Haya de la Torre, Gabriela Mistral, Pablo Neruda; pensando especificamente em brasileiros – e residentes no Brasil – Gilberto Freyre, Caio Prado Júnior e Otto Maria Carpeaux e, para além da Ibero-américa, Fernand Braudel e Jean-Paul Sartre, citando apenas uma amostragem.

Já com relação às temáticas presentes na revista, eram variadas, com discussões sobre as diversas identidades e concepções de América Latina, além de críticas e disputas com relação aos

12 GONZÁLEZ NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). *Cuadernos Americanos*. México, D.F., vol. 1, n. 127, 2009, p. 13.

13 Leopoldo Zea sucedeu Herzog na direção da revista, ocupando o posto de diretor de 1987 até sua morte, em 2003. Zea pensou a América Latina dentro de universais, buscando inseri-la numa história universal, algo central na proposta da revista. Sobre seu pensamento destaque dois livros traduzidos para o português: *Discurso desde a marginalização e a barbárie* e *A filosofia latino-americana como filosofia pura e simplesmente*.

Estados Unidos¹⁴, a União Soviética¹⁵ e a Espanha¹⁶. Outro debate político e cultural diz respeito à crise da cultura ocidental, que deveria ser salva pela América, que analisaremos na próxima seção deste texto. Além disso, muito presente é a discussão sobre o legado da Revolução Mexicana, relacionada à direção de Herzog, e muitos outros debates e homenagens a escritores que seriam representativos do mundo americano ou das concepções que a publicação queria valorizar como parte da contribuição americana ao mundo¹⁷. Enfim, longe de um mapeamento total da revista que demandaria um conjunto de pesquisadores, essa breve exposição procura demonstrar a riqueza e as possibilidades de pesquisa que os *Cuadernos Americanos* possibilitam.

Revistando a História Intelectual Global: localização, significado e limites

A localização da presente pesquisa é o México, e os diversos americanismos veiculados através da revista *Cuadernos Americanos* por autores de diversos países. O lugar do México, a experiência da Revolução Mexicana e sua reverberação em todo o século XX, serão discutidos no próximo capítulo. Aqui destacamos que pensar uma publicação mexicana como revista-mundo não é, definitivamente, um acaso. O país foi o local do exílio latino-americano e ocidental – como os já comentados casos dos republicanos espanhóis em CA, e de Haya de la Torre e a fundação da APRA – e referência revolucionária principal no continente até 1959, quando perdeu espaço para a Revolução Cubana, algo aprofundado com o Massacre de Tlateloco, em 1968, e a deflagração da crise do PRI.

14 Temática muito importante para toda a América e, por questões geopolíticas, em especial para o México. Um exemplo dentre muitos é: FRONDIZZI, Ricardo A.. La doctrina Monroe y la tesis de Truman. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 39, n. 3, p. 8-19., mai./jun.. 1948. Bimestral.

15 Sobre as disputas de alinhamento durante a Guerra Fria, há o icônico caso do mural de Diego Rivera reproduzido pela revista na quinta edição de 1952, “Pesadilla de Guerra y Sueño de Paz. Fantasía Realista”, que detalharemos no capítulo 1.

16 Pela presença de intelectuais republicanos espanhóis exilados havia uma intensa crítica ao franquismo, o que motivou a criação, em 1948, da revista *Cuadernos Hispanoamericanos* pela ditadura de Franco. Com relação a historiografia sobre este debate, temos a já citada tese de Maria Antônia Dias Martins; o artigo de Maria Helena Capelato: CAPELATO, Maria Helena R.. “Cuadernos Hispanoamericanos – ideias políticas numa revista de cultura”. In *Varia História*, Belo Horizonte, v. 21, n. 34, p. 344-370, 2005; e um artigo meu, pela revista *Temáticas do IFCH-UNICAMP*, intitulado “*Cuadernos Hispanoamericanos*: o projeto franquista para a América Latina”.

17 Por exemplo, na sexta edição de 1950 há o texto de Alfredo Cardona Peña intitulado “Pablo Neruda: breve historia de sus libros”.

Considerando a especificidade mexicana, destacamos as formas de refletir sobre o pensamento latino-americano, bem como compreender as dinâmicas intelectuais e americanistas nessa revista-mundo, através do marco teórico da História Intelectual Global, campo recente que encontra-se no cruzamento e combinação entre História Intelectual e História Global.

Primeiramente, com relação à História Intelectual, nos amparamos principalmente em autores latino-americanos. O volume II de “Historia de los intelectuales en América Latina” possui introdução de seu organizador, Carlos Altamirano, muito relevante para nossa pesquisa. Altamirano argumenta que tanto a Revolução Mexicana como a Cubana solicitaram e obtiveram a colaboração de intelectuais, mas a primeira não foi pensada a partir de experiências externas. Conforme argumenta:

Na América Latina, a revolução social não foi apenas uma ideia, um programa de partidos e movimentos políticos, ou a reverberação produzida por eventos distantes nos círculos ideológicos do subcontinente. Era tudo isso, mas também experiência. A Revolução Mexicana de 1910 inaugurou o ciclo mundial das revoluções agrárias e sociais do século XX e, como Javier Garciadiego observa no primeiro texto deste volume, os intelectuais mexicanos não precisaram pensar essa experiência à luz de revoluções alheias.¹⁸

Também Reinhart Koselleck, especialista em História Intelectual, ou mais especificamente em História dos Conceitos¹⁹, traz na última parte de *Futuro Passado*²⁰ importante reflexão teórica para nossa pesquisa, mesmo que tenha forjado tais conceitos para explicar o século XVIII e XIX europeu. Koselleck propôs uma explicação do tempo histórico a partir do espaço de experiência e do horizonte de expectativa. O primeiro remeteria à lembrança, a

18 “En América Latina la revolución social no fue sólo una idea, un programa de partidos y movimientos políticos, o la reverberación que producían acontecimientos lejanos en medios ideológicos del subcontinente. Fue todo eso, pero también experiencia. La Revolución Mexicana de 1910 inauguró el ciclo mundial de las revoluciones agrarias y sociales del siglo XX y, como observa Javier Garciadiego en primer trabajo de este volumen, los intelectuales mexicanos no tuvieron que pensar esa experiencia a la luz de revoluciones ajenas.” ALTAMIRANO, Carlos. Introducción al volumen II. *Élites culturales en el siglo XX latinoamericano*. ALTAMIRANO, Carlos (direc.). **Historia de los intelectuales en América Latina: II**. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 16.

19 Optamos, para nossa investigação, o uso dos conceitos elaborados por Koselleck, mas é importante dizer que há outros autores que dialogam entre si. Elías Palti em *El tiempo de la política. El siglo XIX reconsiderado* vincula-se a uma nova história política-conceitual. Segundo o autor, tal renovação ocorreu por duas vias: uma com Quentin Skinner e John Pocock; outra com Reinhart Koselleck, sendo que os três criticaram e aperfeiçoaram o estudo de câmbios semânticos realizado por Raymond Williams.

20 KOSELLECK, Reinhart. **Futuro pasado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC – Rio, 2006. p. 305 – 327.

presença do passado; enquanto o segundo à esperança, o desejo de futuro; e como produto destes dois: o tempo histórico. Assim, a problemática das concepções identitárias americanistas nos *Cuadernos Americanos* vincula-se tanto ao espaço de experiência, a lembrança da Revolução Mexicana (1910), como também ao horizonte de expectativa, a esperança revolucionária, concretizada em Cuba a partir de 1959.

Em contraposição ao uso de um conceito não pensado para a América Latina, Beatriz Sarlo coloca que “As revistas têm suas geografias culturais, que são duplas: o espaço intelectual concreto onde circulam, e o espaço de construção imaginário onde estão idealmentelocalizadas”²¹. Também sobre estas geografias culturais, Sarlo diz que a partir disso devemos pensar nas revistas e na intelectualidade por meio de três perguntas: “Quem subordina? Quem é subordinado? Qual é o valor que organiza o resto dos valores?”²² Sobre isso entendemos que os imaginários americanistas organizavam a revista *Cuadernos Americanos*, e estabeleciam *pontes de papel* em que a revista e seus organizadores foram os engenheiros.

Com relação ao uso da História Global, primeiramente destacamos que há uma variedade de autores sobre o tema, de forma que optamos por utilizar a História Global pensada para os estudos latino-americanos. A História Global surgiu para estudar fenômenos ligados à realidade oriunda da globalização, na segunda metade do século XX, conforme aponta Conrad²³. Dessa forma auxilia na compreensão das *pontes de papel* americanistas da revista-mundo *Cuadernos Americanos*, sendo importante destacar que o global não é igual a soma dos nacionais, de forma que nossa análise da revista não é um compilado de textos e autores de diversas nacionalidades.

Por fim, gostaríamos de explicar a validade e coerência na aproximação entre História Intelectual e História Global. Primeiro, autores e textos fundamentais para a História Intelectual já destacaram as fronteiras permeáveis e difusas da abordagem²⁴, e também sua autonomia e

21 “Las revistas tienen sus geografías culturales, que son dobles: el espacio intelectual concreto donde circulan y el espacio-bricolage imaginario donde se ubican idealmente” SARLO, Beatriz. *Op. cit.* p. 12.

22 “¿Quién subordina? ¿Quién es subordinado? ¿Cuál es el valor que organiza el resto de los valores?” *Ibid.* p. 12.

23 CONRAD, Sebastian. *Historia Global – Agendas y Perspectivas*. In: RINKE, Stefan; RIOJAS, Carlos. **Historia Global: Perspectivas y Tensiones**. Stuttgart: Verlag Hans-dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart, 2017. p. 29.

24 MYERS, Jorge. *Músicas distantes. Algunas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem*. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). **História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016. p. 23 – 56.

intersecções. Também é importante dizer que recentemente surgiram os estudos da chamada *Global Intellectual History*, pensando as duas abordagens conjuntamente. Na introdução do livro homônimo, os organizadores Samuel Moyn e Andrew Sartory escreveram:

Uma história intelectual global deve estudar o surgimento de uma consciência e de concepções da escala global em si como um problema de história intelectual, ou, pelo menos, como uma pré-condição para desenvolver uma teoria sofisticada do global contra o pano de fundo de teorizações anteriores. Tal abordagem deve examinar a história de espaços imaginários, mapeamentos, imagens do mundo e representações do globo, ou a história dos cosmopolitismos.²⁵

A História Intelectual já possuía uma importante faceta internacional²⁶, sobremaneira no estudo de revistas, uma vez que foram engendradas através de redes intelectuais e de sociabilidade que atravessaram diversas fronteiras. A História Intelectual Global visa ampliar os estudos que privilegiam essas dimensões que extrapolam o âmbito nacional. Nesse sentido, o excerto acima pontua a importância da abordagem para pesquisas como a nossa, na medida que defende a necessidade de estudos sobre concepções de escala global como problema de História Intelectual, bem como sobre as representações do globo, e o estudo de espaços imaginários. Dessa forma, ao pensarmos as *pontes de papel* americanistas presentes nos *Cuadernos Americanos*, e sua construção enquanto revista-mundo, localizamos também eventos-mundo que contribuíram para a edificação do intelectual e de suas intervenções.

A História Global, segundo Sebastian Conrad²⁷, possui três variantes: sínteses em grande escala; foco em conexões e câmbios; e, casos particulares em contextos globais – na qual nos inserimos. Assim, com uma revista, sediada em um país, e recorte temporal de 18 anos, buscamos

25 “A global intellectual history might study the emergence of a consciousness and conceptions of the global scale as itself a problem of intellectual history, or at least as a precondition for developing a sophisticated theory of the global against the backdrop of prior theorizations. **Such an approach might look into the** history of spatial imaginations, mapping, world pictures and representations of the globe, or the history of cosmopolitanisms.” MOYN, Samuel; SARTORY, Andrew *Approaches to Global Intellectual History*. MOYN, Samuel; SARTORY, Andrew. **Global Intellectual History**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2013. p. 27.

26 “Intellectual history was born international, and it remained so long after the rise of nationalism within and beyond the historical profession.” ARMITAGE, David. The international turn in Intellectual History. *Rethinking modern european intellectual history*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014. p. 234.

27 CONRAD, Sebastian. Historia Global – Agendas y Perspectivas. In: RINKE, Stefan; RIOJAS, Carlos. *Historia Global: Perspectivas y Tensiones*. Stuttgart: Verlag Hans-dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart, 2017. p. 32 – 35.

o global a partir do problema de redes, conceitos e propostas que extrapolaram até mesmo as dimensões continentais.

Importante localizarmos o debate da História Global, a fim de retirar a aparente presunção que o termo carrega. Longe de reivindicar um ineditismo, a abordagem soma-se a esforços anteriores, como os estudos decoloniais, visando superar o nacional não apenas na recombinação de elementos nacionais, ou fórmulas explicativas globalizantes, mas com problemas que extrapolam essas comunidades imaginadas. A abordagem também possui proposição política ao questionar eurocentrismos, nesse sentido Barbara Weinstein²⁸ problematiza a globalização como divisor de águas da abordagem, uma vez que trata-se de um acontecimento neoliberal, que acentua desigualdades, e, contraditoriamente com a proposta, está centrado no Norte Global.

Para Walter Mignolo, refletir globalmente a partir do Sul Global, significa justamente se opor aos universalismos centrados no Norte Global. Conforme coloca o autor (2007, p. 298):

O fato de que a “filosofia” se tornou global não significa que também é “uni-versal”. Simplesmente significa que o conceito grego de filosofia foi assimilado pela *intelligentsia* ligada à expansão imperial/colonial, aos fundamentos do capitalismo e da modernidade ocidental.

Trago esses exemplos porque estou interessado em três (entre outros) tipos de projetos que confrontam a globalização neoliberal, e no entanto, ao mesmo tempo trabalham em direção a uma organização sócio-política, em escala global, baseada na desfeticização do poder político e em uma organização econômica que visa à reciprocidade e à distribuição justa da riqueza entre muitos, e não à acumulação de riqueza entre poucos.

Também Arjun Appadurai (2021) coloca que, diferente de rios e montanhas, anteriores à existência humana, regiões geográficas são um resultado social. Assim, a história produz as geografias, as cartografias do mundo, e não o contrário. Nesse contexto, a imagem do artista uruguaio Joaquín Torres García (1874-1949) vem aos olhos de qualquer americanista, pois sendo a geografia um produto histórico e social, pode ser invertida e subvertida. O artista uruguaio fez justamente isso, ao inverter o mapa da América do Sul, e declarar que “Nosso Norte é o Sul”!

O pressuposto contrário a universalismos atravessa variados marcos e nomes para abordagem, mas não de sua proposição que forma-se a partir da escrita da história enquanto

28 WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da Anphlac**, São Paulo, v. 1, n. 14, p. 9-36, jan./jun. 2013. Semestral. Disponível em: <https://revista.anphlac.org/anphlac/article/view/2331/2063>. Acesso em: 01 nov. 2020. p. 14.

ofício de execução, e não mera conjectura teórica. Diante disso, conforme aponta Sanjay Subrahmanyam, criador do termo Histórias Conectadas, o importante não é o nome (conectadas, transnacional, global) mas a abordagem que, importante reiterar, não resume-se a soma de fatores nacionais²⁹. Por sua vez, para que possamos produzir uma História Global não globalizante é preciso reconhecer e manifestar que, mesmo a abordagem deslocando-se do Norte Global, da rigidez nacional e de eurocentrismos, o termo global possui alcances menores que o globo. Em nossas leituras e aportes teóricos, bem como nos problemas que buscamos responder, ao pensarmos a América Latina a partir do México nos situamos no Sul Global ocidental³⁰.

Finalmente, com relação ao presente texto, busquei dividi-lo em três partes. No primeiro capítulo, há o aprofundamento da fonte e, de seus contextos históricos cruzados de fundação e circulação, com as redes intelectuais, de sociabilidade e, também, de disputa em torno do legado da revista mexicano-americana *Cuadernos Americanos*. Também aprofundo o debate teórico-metodológico na intersecção entre a História Intelectual e a História Global, além do debate bibliográfico, seja o mais direto, com pesquisadores que já estudaram a revista, ou mais amplo, com outras revistas e redes intelectuais.

No capítulo 2, o foco foi analisar as duas balizas temporais desta pesquisa. A final, mais óbvia, é a Revolução Cubana, colocada como marco pois foi uma fronteira no imaginário e nas concepções americanistas. Contudo, é o marco temporal da Revolução Mexicana (1910) que mais impacta a pesquisa, na medida que amalgamou o México como local privilegiado não apenas do exílio, mas das visões latino-americanas. Por sua vez, é importante destacar que a pesquisa não propõe uma análise da revolução em si, mas de como os projetos revolucionários reverberaram nos intelectuais e suas concepções manifestadas na revista *Cuadernos Americanos*, entre 1942 e 1959.

Já no capítulo 3, o objetivo foi compreender os diferentes imaginários da América, e seus contextos históricos. Começando pela relação com os republicanos espanhóis que também

29 SETTER, Anne-Julie; GRILLOT, Thomas. O gosto pelo arquivo é poliglota: entrevista com Sanjay Subrahmanyam. In: BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas. **Por uma história-mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 52-53.

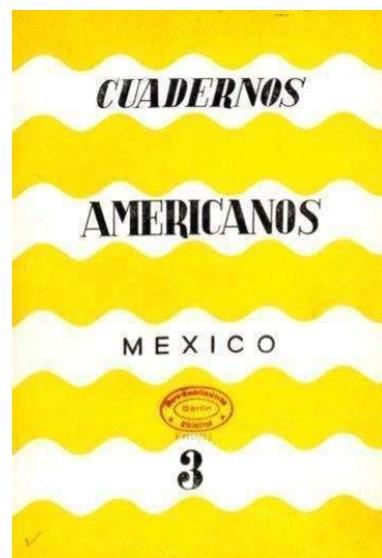
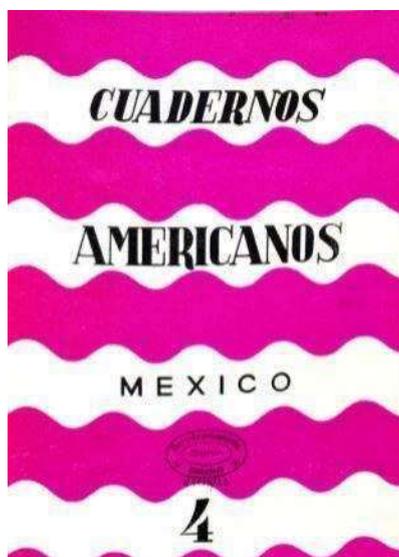
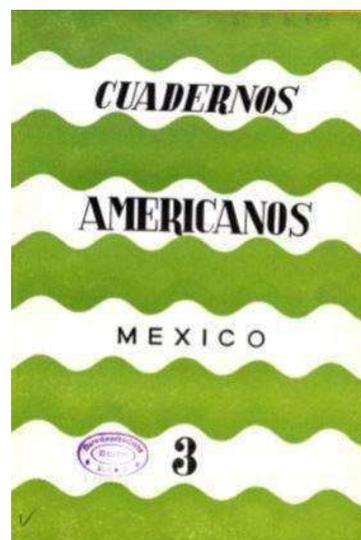
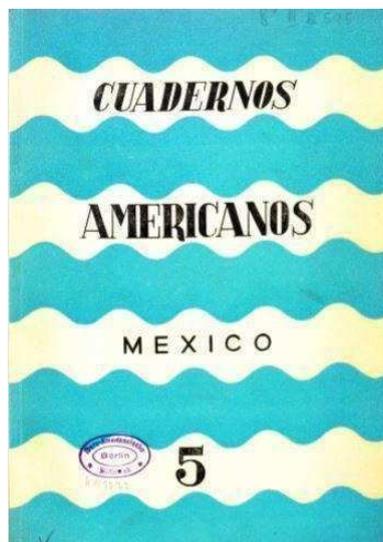
30 Por Sul Global não nos referimos à divisão cartográfica do mundo, na qual o México encontra-se no Hemisfério Norte, mas à cartografia sócio-econômica em que o México, como parte da América Latina, encontra-se no Sul Global.

fundaram a revista, e sua visão sobre o franquismo, a Guerra Civil Espanhola, e até a Geração de 1898 após a guerra com os Estados Unidos. Passando pela Política da Boa Vizinhança e pan-americanismo com Franklin Delano Roosevelt, até chegar aos sonhos dos intelectuais com a América Latina. Nessa parte final, e eixo da pesquisa, busquei mobilizar autores, visões e diálogos distintos, como o afrocubanismo de Fernando Ortiz, as críticas que o norte-americano Waldo Frank fez ao seu país, e o debate sobre a América amparado em grandes nomes como Rodó e Martínez Estrada.

Diante disso, pretendemos apresentar e analisar as diversas concepções americanistas durante as décadas de 1940 e 1950 que perpassaram a revista *Cuadernos Americanos* e, simultaneamente, refletiram e influenciaram as questões identitárias do México e da América Latina naquele momento. Em nosso caminho, passamos por assuntos que não estão no nosso recorte temporal mas dialogam diretamente com a realidade mexicana da revista - a Revolução Mexicana (1910) - e, sobretudo, buscamos traçar conexões com diversos contextos históricos e intelectuais, em torno das visões da América no período.

Capítulo 1

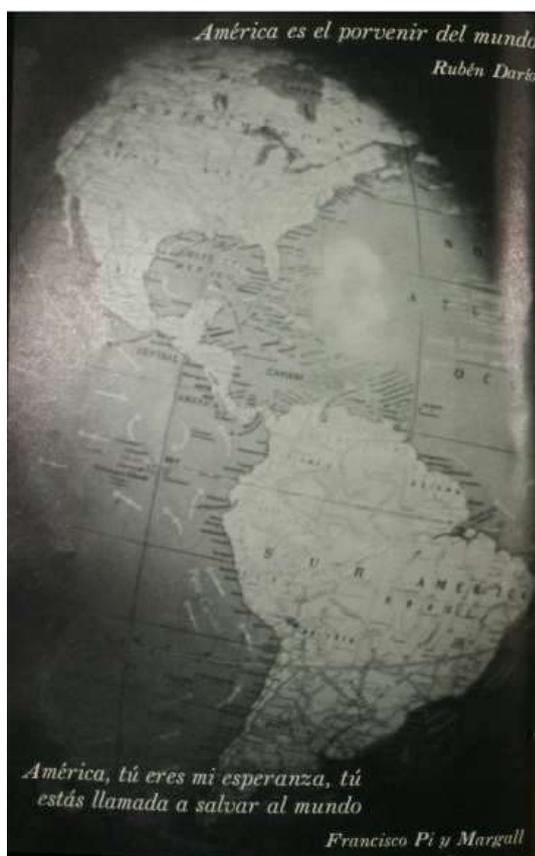
No México, uma revista-mundo: *Cuadernos Americanos* (1942-1959)



Imagens 1 a 4: Capas dos *Cuadernos Americanos*, coleção do Instituto Ibero-Americano de Berlim.

Os alvos das palavras dos CA

Toda a articulação para fundação dos CA ocorreu em 1941, com o início da publicação em janeiro de 1942. O primeiro número foi revelador dos propósitos da revista, com uma imagem do continente americano sob uma frase do poeta nicaraguense Rubén Darío (1867-1916) - “América é o porvir do mundo”³¹ - e outra de Francisco Pi y Margall (1824-1901), presidente da Primeira República espanhola entre 1873 e 1874: “América, tú eres mi esperanza, tú estás llamada a salvar al mundo”³².



A combinação de um intelectual latino-americano e outro espanhol, ambos valorizando a América, funciona como síntese da fundação da revista, além disso, a escolha de um mapa da América Latina situa geograficamente o propósito continental da revista, a variedade de autores,

31 “América es el porvenir del mundo”

32 “América, tú eres mi esperanza, tú estás llamada a salvar al mundo”

e, sobretudo, as cartografias do pensamento latino-americano que serão projetadas na revista. Em seguida, temos o manifesto inicial:

Nos atuais dias críticos, um grupo de intelectuais mexicanos e espanhóis, decididos a enfrentar os problemas que colocam a continuidade da cultura, sentiu-se na obrigação de publicar a revista bimestral *Cuadernos Americanos* dividida em quatro seções intituladas: Nosso Tempo, Aventura do Pensamento, Presença do Passado, Dimensão Imaginária.³³

Destaco, nas três passagens, a afirmação da América como futuro do mundo, e como local de continuidade da cultura (ocidental). Para compreender tais afirmações é necessário nos aprofundarmos no espaço de experiência e horizonte de expectativa daqueles envolvidos em sua fundação. Em 1942, a vitória dos Aliados na Segunda Guerra Mundial (1939-1945) estava longe de ser uma certeza, ao mesmo tempo que a Política da Boa Vizinhança dos Estados Unidos, manifestada culturalmente através do pan-americanismo, era vista com desconfiança. Diante disso, muitas concepções americanistas de autores de diversos países atravessaram a revista, como por exemplo Haya de la Torre propunha uma *Indoamérica*, valorizando o índio ao invés do latino, de origem europeia. E os republicanos espanhóis desterrados, liderados por Larrea, também viam na América a salvação da cultura ocidental destruída com a ascensão do franquismo após o final da Guerra Civil espanhola (1936-1939).

Na minha hipótese, a temática da salvação da cultura ocidental em crise é central para a revista-continente tornar-se revista-mundo, afinal tal atitude representa um deslocamento da cartografia política para pensar o elemento coesivo da sociedade – a cultura – centrada dessa vez na América. A constatação de uma crise da cultura era pensada desde antes da eclosão da Segunda Guerra Mundial, Sigmund Freud publicou “O mal estar na civilização”, em 1929, cujo título em alemão revela mais claramente a preocupação de cunho cultural - “Das Unbehagen in der Kultur” (“O desconforto na cultura”, em tradução livre). A inovação latino-americana reside não na constatação do problema, mas na proposição de um mundo novo no Novo Mundo.

33 “En los actuales días críticos un grupo de intelectuales mexicanos y españoles, resueltos a enfrentarse con los problemas que plantea la continuidad de la cultura, se ha sentido obligado a publicar Cuadernos Americanos revista bimestral dividida en cuatro secciones tituladas: Nuestro Tiempo, Aventura del Pensamiento, Presencia del Pasado, Dimensión Imaginaria.”

Todas as traduções são minhas, exceto se indicado o contrário.

O primeiro texto no lançamento da revista, escrito por seu diretor Jesús Silva Herzog, desenvolve essa ideia. Em “Lo humano, problema esencial”³⁴, o autor constrói uma teleologia cristã de humanidade em constante progresso para a felicidade, interrompida no século XIX pelo binômio progresso-capitalismo industrial. No penúltimo parágrafo, a “solução americana” é apresentada, sendo seguida por um jogo de duas imagens: uma de Simón Bolívar e outra do aperto de mão triplo entre Hitler, Mussolini e Franco³⁵.

A mesma retórica ganharia novos contornos dez anos mais tarde, quando o perigo nazi-fascista já havia sido vencido. Na quarta edição de 1952 Silva Herzog escreveu um texto intitulado “Reflexiones sobre las dictaduras”, em que realizou um resgate da Primeira Guerra Mundial³⁶ (1914-1918) e de suas consequências – revolução russa, fascismo italiano e nazismo alemão – criticando, portanto, os autoritarismos que foram gerados.

Em 1939, Franco triunfou na Espanha sobre o governo legítimo com a ajuda de Hitler e Mussolini e pela neutralidade dos governos da Inglaterra e da França. Outra ditadura no drama contemporâneo, uma ditadura com ingredientes fascistas e resíduos do clericalismo mais sombrio e anacrônico³⁷.

No excerto critica Franco, que permaneceu no poder, e era alvo privilegiado pelo setor espanhol da revista. E em seguida cita o livro do colombiano e colaborador dos CA Germán Arciniegas “Entre la Libertad y el Miedo” que reflete a ideia de uma América Latina sangrenta

34 HERZOG, Jesús Silva. Lo humano, problema esencial. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 1, n. 1, p. 9-16, jan/fev. 1942. Bimestral.

35 O texto de Herzog, bem como as frases de Darío e Pi y Margall, foram replicados nos 40 anos da revista, no primeiro número de 1982. No entanto, as imagens ao final do texto de Herzog (Bolívar x Hitler, Mussolini e Franco) foram substituídas por uma do próprio Herzog em uma conferência.

36 O tema da América Latina na Primeira Guerra Mundial foi um vazio historiográfico até, pelo menos, a década de 1990, sendo trabalhado mais profundamente na última década, com destaque para dois livros. O primeiro, “O adeus à Europa: a América Latina e a Grande Guerra”, de Olivier Compagnon, foca mais precisamente na Argentina e no Brasil, através dos marcos da história comparada e da história transnacional. Tal vazio historiográfico é logo explicado pelo autor na introdução (p. 15): “Tudo se passa como se, afinal, a América Latina fosse neste ponto uma periferia do mundo no alvorecer do século XX e tivesse naturalmente escapado ao sismo da primeira guerra total da história simplesmente por estar-lhe à margem.”

Também destacamos uma segunda obra, “Latin America and the First World War”, de Stefan Rinke. Em sua introdução, logo na página 3, defende a mesma ideia colocada por Compagnon: “The First World War was undoubtedly a ‘global moment’ that intensively involved a supposedly peripheral Latin America.”

37 “En 1939 Franco triunfa en España sobre el gobierno legítimo con la ayuda de Hitler y Mussolini y por la neutralidad de los gobiernos de Inglaterra y Francia. Otra dictadura en el drama contemporáneo, una dictadura con ingredientes fascistas y residuos del más sombio y anacrónico clericalismo.” HERZOG, Jesús Silva. Reflexiones sobre las dictaduras. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 64, n. 4, p.57-63, jul./ago. 1952. Bimestral, p. 59.

em decorrência de regimes ditatoriais. Sobre essas sangrias cita a Nicarágua e a República Dominicana com as ditaduras apoiadas pelos Estados Unidos sob, respectivamente, Adolfo Díaz e Rafael Trujillo. Por sua vez, também cita o exército de 300 mil homens do general argentino Juan Perón, e continua a lista com Peru, Venezuela e Colômbia. Com isso critica os Estados Unidos, pois as armas fornecidas para defender a justiça, a democracia e a liberdade eram utilizadas, na verdade, por ditadores para assassinar seus próprios cidadãos. Assim, Silva Herzog critica e ironiza o vizinho do Norte, dizendo que o apoio às ditaduras são a melhor propaganda para o comunismo:

As ditaduras que oprimem milhões de pessoas desnutridas, com necessidades básicas não atendidas, são as melhores agências de propaganda comunista. Autoridades de Washington estão inadvertidamente colaborando com seus adversários nos extensos territórios ao sul do Rio Grande³⁸.

Ou seja, as nuances do discurso de Herzog e da própria revista mudam, com uma explicitação da crítica aos Estados Unidos e seu intervencionismo na América Latina, ao passo que a idealização utópica de uma salvação americana da cultura ocidental perdia espaço nas páginas dos cadernos. A proposição caminha para diversas concepções americanistas anti-ianque e anti-imperialistas, que sofreriam novas mutações após 1959.

Por fim, desejamos analisar o polêmico mural “Pesadilla de Guerra y Sueño de Paz. Fantasía Realista” que Diego Rivera produziu para o Instituto Nacional de Belas Artes da Cidade do México apresentar uma exposição de arte mexicana em Paris, entretanto tal Instituto se negou a apresentar o mural segundo “razões elementares de cortesia internacional”³⁹, provavelmente pelo mural realizar uma crítica contumaz aos países capitalistas ricos – com clara menção à França. Assim, os *Cuadernos Americanos*, em um local central da quinta edição de 1952, apresenta o mural aos seus leitores com prévia contextualização finalizada com os dizeres:

38 “Las dictaduras que oprimen a millones de gente desnutrida, con necesidades elementales insatisfechas, son las mejores agencias de propaganda comunista. Los funcionarios de Washington, sin darse cuenta, están colaborando con sus adversarios en los dilatados territorios al sur del río Bravo.” HERZOG, Jesus Silva., *Op. cit.* p. 63.

39 “razones elementales de cortesia internacional”. In: RIVERA, Diego. *Pesadilla de Guerra y Sueño de Paz. Fantasía Realista. Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 63, n. 5, p. 65-66, set/out. 1952. Bimestral, p. 65.

“*Cuadernos Americanos* publica em suas páginas a obra de Rivera, com a qual crê prestar um serviço aos seus leitores.”⁴⁰

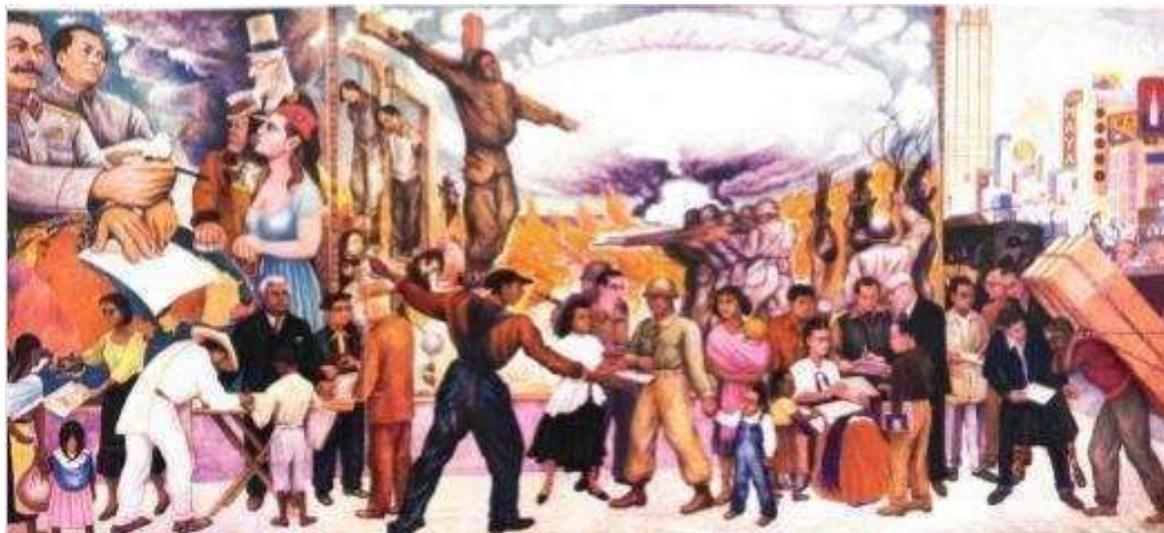


Imagem: mural “Pesadilla de Guerra y Sueño de Paz. Fantasía Realista” de Diego Rivera. Rascunho no Museu Diego Rivera (Anahuacalli, Cidade do México).

No que diz respeito ao conteúdo e críticas presentes no mural nos baseamos em um artigo⁴¹ que interpreta o mural como o sonho de paz soviético em oposição ao pesadelo bélico capitalista. Dessa forma no canto esquerdo Stálin e Mao Zedong oferecem um tratado de paz (segundo o autor trata-se do *Llamamiento de Berlín* – paz entre as cinco potências) a caricaturas do Tio Sam, John Bull e Marianne, ou seja, respectivamente, Estados Unidos, Inglaterra e França. Ademais, no meio da imagem está Frida Kahlo oferecendo outro tratado de paz (segundo o autor, o *Llamamiento de Estocolmo* – proibição da bomba atômica) junto ao pintor Juan O’Gorman, aos poetas Efraín Huerta e Enrique González, o diplomata Narciso Bassols e os ativistas María Luisa Sevilla, Gustavo Vargas e Gustavo Noble Hoyo. Todavia, enquanto no primeiro plano acontece essa mobilização contra o uso de bomba atômica por parte de intelectuais e ativistas mexicanos, no segundo plano uma bomba atômica explode e o exército estadunidense crucifica, enforca, atira e açoita soldados norte-coreanos. E, no terceiro plano, podemos interpretar a cidade de Nova

40 “*Cuadernos Americanos* publica en sus páginas la obra de Rivera, con lo cual cree prestar un servicio a sus lectores.” In: *Ibid*, p. 65.

41 MONTES, Jorge Octavio Fernández. Voces y llamamientos de la cultura por la paz: Génesis del pacifismo prosoviético de México en los albores de la Guerra Fría. *Política y Cultura*, Cidade do México, v. 41, n. 5, p.7-29, set/out. 2014.

Iorque com letreiros típicos da *Times Square* e arranha-céus ao fundo, provavelmente aludindo ao *Empire State*. Assim, após dois planos indicando uma suposta barbárie capitalista contra socialistas, é apresentado o esplendor nova-iorquino como hipócrita e imperialista.

O paradeiro do mural durante muito tempo foi desconhecido já que o Instituto Nacional de Bellas Artes da Cidade do México não apenas negou presentear a exposição parisiense como também desapareceu com a obra. Por ironias da história, recentemente concluiu-se que o mural foi para China onde acabou destruído pela Revolução Cultural de Mao Zedong⁴² – homenageado como defensor da paz no referido mural.

O funcionamento da revista

A revista *Cuadernos Americanos*, como já dito, era como um livro bimestral, com cerca de 300 páginas. Durante as primeiras 25 a 30 páginas, aproximadamente, além de capa, frontispício e índice havia uma interessante sequência de propagandas, além do destacamento do corpo editorial - denominado, curiosamente, de “Junta de Gobierno”. Com relação à materialidade da revista, vale comentar que as primeiras páginas possuem material de qualidade inferior ao restante, feitas de algo muito parecido com o material de jornal. É nessas páginas iniciais que temos as propagandas, essenciais para um projeto cultural privado, e por isso presentes em quantidade e diversidade, desde empresas nacionais de cerveja até a *Fondo de Cultura Económica*, empresas internacionais como a Coca Cola, e em especial empresas ecampanhas estatais.

De qualquer forma, notamos que as primeiras páginas eram de anunciantes fixos, como as propagandas de turismo ligadas aos *Ferrocarriles Nacionales de México* e à Associação Mexicana de Turismo, as propagandas do banco de investimentos *Nacional Financiera S.A.*, cigarros Belmont, empresas do mesmo ramo como Coca Cola e Canada Dry, de associações como dos Fabricantes de cerveja, da União nacional dos produtores de açúcar, e mesmo da Companhia de ferro de Monterrey. Além de outras divulgações, como da loteria, vários empreendimentos editoriais eram propagandeados pela revistas, como a coleção *Tierra Firme* da

42 VARGAS, Angel. *Confirman que un mural de Rivera fue destruido en China*. Disponível em: <<https://www.jornada.com.mx/2006/07/13/index.php?section=cultura&article=a03n1cul>>. Acesso em: 23 abr. 2020.

Fondo de Cultura Económica, a Academia Hispano-Mexicana e a Livraria Francesa, todas com sede no D.F., além da revista *Sur*. e da Editora *Losada*, de Buenos Aires.

Também haviam campanhas políticas, que visavam defender projetos governamentais, marca da presença de intelectuais vinculados ao PRI no corpo editorial e como colaboradores. Sobre as imagens de cunho político, uma muito recorrente – e que, quando aparecia, estava nas primeiras páginas da revista – é reveladora do nacionalismo mexicano daquele momento.



Imagem presente na primeira edição de 1948.

A “Campanha de recuperação econômica do México” apresenta trabalhadores - urbanos e rurais, homens e mulheres - seguidos de uma multidão, que carrega enxadas e martelos, com fábricas e chaminés ao fundo, além de empunharem bandeiras. Em caixa alta lê-se: “Fé em México” e “A pátria necessita de seu esforço”, característico de um mundo novo, marcado pelo fim de algumas potências e ascensão de outras, e de disputa pelo lugar dos países subdesenvolvidos, ou do “Terceiro Mundo”, com a óbvia influência das vitórias do socialismo no “Segundo Mundo”. Outro exemplo de campanha política, a defesa do petróleo nacional, também foi defendida nos CA, como podemos ver:



MAS Y MEJOR PRODUCCION

La riqueza petrolera es ahora definitivamente nuestra, pero ella no salva a la Nación de los compromisos que para reivindicarla ha contraído.
 La industria no aspira al respaldo de los mexicanos alegando tan sólo razones de patriotismo.
 Se ha propuesto — y lo ha logrado — que los productos que elabora reúnan las características de eficiencia y calidad que la técnica moderna reclama.
 Estamos listos para contribuir a la Batalla de la Producción que nuestro Gobierno ha ordenado librar, suministrando a la Industria de México productos en la cantidad y calidad necesarias, para lograr el triunfo que todos esperamos alcanzar.



PETROLEOS MEXICANOS

A imagem, retirada do terceiro número de 1943, além de trazer nome e logo da Petróleos Mexicanos (Pemex) e o título “Mais e melhor produção” vem com o seguinte texto:

La riqueza petrolera es ahora definitivamente nuestra, pero ella no salva a la Nación de los compromisos que para reivindicarla ha contraído.

La industria no aspira al respaldo de los mexicanos alegando tan sólo razones de patriotismo.

Se ha propuesto - y lo ha logrado - que los productos que elabora reúnan las características de eficiencia y calidad que la técnica moderna reclama.

Estamos listos para contribuir a la Batalla de la Producción que nuestro Gobierno ha ordenado librar, suministrando a la Industria de México productos en la cantidad y calidad necesarias, para lograr el triunfo que todos esperamos alcanzar.

A história do petróleo mexicano reflete, em boa medida, as disputas em torno do próprio México, uma vez que esbarra na exportação de mais de 90% do produto, do século XIX até 1921, auge da produção no país⁴³. No contexto da Revolução Mexicana, a Constituição de 1917 estabeleceu, em seu artigo 27, o petróleo e outras riquezas do subsolo como propriedade nacional, dando origem a disputas entre o Estado mexicano com multinacionais e seus respectivos países-sede, com destaque para os EUA. Foi em 1938, durante o governo Lázaro Cárdenas, que a Pemex foi criada e abriu caminho para a consolidação da exploração de petróleo para o mercado interno. É nesse contexto que a propaganda, numa revista dirigida por um economista-historiador que foi ativo nesse processo de expropriação, ganha relevância na medida que busca defender não apenas a riqueza mineral mexicana, mas a capacidade do país de beneficiá-la e distribuí-la garantindo sua qualidade.

Para concluir esse panorama da organização da revista, no que diz respeito à distribuição dos textos, eram divididos em quatro seções que se mantiveram iguais no período analisado, são elas: *Nuestro tiempo*, *Aventura del pensamiento*, *Presencia del pasado* e *Dimensión imaginaria*.

A primeira seção, como já explicado, abordava questões do tempo presente, ligadas à política interna, às disputas geopolíticas e diplomáticas de um mundo em transformação, e dos legados da própria Revolução Mexicana - que aparecia ali, e não nos textos dedicados à História. Dessa forma, a seção *Nuestro Tiempo* englobava textos sobre a América, seu lugar na cultura ocidental e na Guerra Fria, bem como ensaios e mesas redondas com intelectuais americanistas. É também nessa parte da revista que as reflexões sobre Cuba apareceriam, sobretudo ao redor de 1959.

A segunda seção, *Aventura del pensamiento*, é de natureza distinta mas próxima, e até mesmo complementar, à primeira. Isso porque era dedicada à ensaios: alguns filosóficos, sobretudo em torno de pensadores europeus - como Nietzsche, Kant e Hegel -, outros sobre assuntos ligados às Ciências Humanas, como a psicologia e a psicanálise, e até mesmo ensaios conectados às Ciências da Natureza, com físicos escrevendo à respeito da radiação cósmica.

43 Cf. LÓPEZ, Luz María Uthhoff. La industria del petróleo en México, 1911–1938: del auge exportador al abastecimiento del mercado interno. Una aproximación a su estudio: del auge exportador al abastecimiento del mercado interno. una aproximación a su estudio. **America Latina Historia Economica**, Cidade do México, v. 1, n. 33 p. 5-30, jan/jun, 2010. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-22532010000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 set. 2022.

Apesar da predominância de assuntos vinculados aos pensadores europeus, houve exceções, como Gilberto Freyre escrevendo sobre os problemas sociais brasileiros.

Por outro lado, a seção *Presencia del pasado*, centrava-se em assuntos americanistas, em especial ligados à História, Arqueologia e pensamento social latino-americano. O enfoque principal esteve nas populações ameríndias no México e no Peru, e de outros países como a Argentina. Também preocupou-se em estabelecer conexões entre a América e outros continentes, com a Europa através das obras de Cervantes e Las Casas, além de eventualmente abordar as conexões entre África e América via escravização. Merece atenção o espaço dedicado à vida, obra e legado de José Martí, em diversos números, sendo assunto único da seção na terceira edição de 1945. Por fim, em *Dimensión imaginaria*, encontramos textos também ensaísticos, a respeito de temas ligados à poesia - tanto poesias autorais, como análises de poetas. Por vezes, os ensaios versavam também sobre Filosofia, com especial destaque ao existencialismo.

Assim, podemos perceber que havia tanto uma comunicação como uma independência entre as quatro seções, que segundo o subsecretário Juan Larrea seriam “complementares em um só fim”, em carta que escreve a Herzog que analisaremos ainda neste capítulo, evidenciando a importância da história, da filosofia e da arte para reflexão das contendas contemporânea. Tal aliança entre complementaridade e independência das seções da revista demonstram a riqueza dos debates intelectuais diversos e profundos que eram feitos ao longo do projeto editorial dos CA, e que procuramos discutir nesta dissertação.

Os americanismos na fundação da revista

Cuadernos Americanos, fundada em 1942, idealizada em 1941, teve seu título e subtítulo continentais – a revista do Novo Mundo – pensados por Alfonso Reyes, que venceu o nome proposto por León Felipe: “El Hombre Peregrino”⁴⁴. No entanto, a paternidade de Reyes sobre a publicação foi disputada com Silva Herzog, que colocou a explicação de Reyes sobre a nomeação apenas no segundo número da revista, em março de 1942.

44 Para mais informações a respeito da fundação e escolha do nome da revista, ver: GONZÁLEZ-NEIRA, Ana. *Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949)*. *Cuadernos Americanos*. México, D.F., vol. 1, n. 127, 2009, p. 7.

Depois do primeiro número destacar o texto inaugural de Silva Herzog, “Lo humano, problema esencial”, o texto de Reyes, “América y los Cuadernos Americanos”⁴⁵, foi publicado. O intelectual inicia seu texto destacando a importância do empreendimento editorial e sua missão continental e humana, o que chamo de revista-continente. Destaca ainda o papel da publicação de ideias americanistas na salvação da cultura e, portanto, do homem, posto que defende a cultura como substância essencial da nossa humanidade, e não mero adorno. Nesse sentido, coloca no primeiro parágrafo:

Haré algunas consideraciones para mejor destacar el hecho de que la empresa que hoy se inaugura no es una empresa literaria más, sino que ha sido determinada por un sentimiento de deber continental y humano. La mayoría de los que a este fin nos hemos reunido ha pasado ya la feliz edad en que el solo acto de escribir y publicar son por sí mismos un placer suficiente. Ahora obedecemos ya a otras voces más imperiosas. Entendemos nuestra tarea como un imperativo moral, como uno de tantos esfuerzos por la salvación de la cultura, es decir, la salvación del hombre⁴⁶.

Em seguida, a América vai gradativamente sendo inserida no contexto global, com a afirmação de seus valores, diálogos e importância dos conhecimentos e epistemologias produzidas aqui.

Esto es lo que representamos, esto es lo que aportamos al diálogo de América. Penétrese el interlocutor de que no somos, pues, una mera curiosidad turística. El conocimiento de nuestro sistema del mundo ni siquiera es una mera conveniencia política del momento, para llegar a la loable e imprescindible amistad de las Américas y al frente único de la cultura. Somos una parte integrante y necesaria en la representación del hombre por el hombre. Quien nos desconoce es un hombre a medias⁴⁷.

Nesse primeiro texto, Reyes dedicou-se a afirmar e defender o lugar de *Cuadernos Americanos* no debate público, destacando a importância dos americanismos presentes na revista para o continente e o mundo. Importante lembrarmos que Reyes fora destacado diplomata, passando por grandes capitais americanas como Buenos Aires e Rio de Janeiro, sendo que através das embaixadas buscava promover uma “americanería andante”. Por outro lado, sua trajetória pessoal peculiar, confere um aspecto ainda mais interessante aos seus escritos. Seu pai, Bernardo

45 REYES, Alfonso. América y los Cuadernos Americanos. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 2, n. 2, p. 7-10, mar/abr. 1942. Bimestral.

46 *Ibid*, p. 7.

47 *Ibid*, p. 9-10.

Reyes, foi um importante político e militar durante a ditadura de Porfirio Díaz. Após a Revolução Mexicana, foi preso, em 1911, por rebelar-se contra o governo de Francisco Madero. Libertado, em 1913, participou do golpe que derrubou Madero e levou Victoriano Huerta ao poder, sendo morto durante esta rebelião. Contudo, quem permaneceu no poder foi seu filho, Rodolfo Reyes, que assumiu como Secretário da Justiça, e foi um permanente incômodo para Alfonso Reyes e seu lugar de intelectual na sociedade mexicana. Nesse amálgama de confusão política e familiar, Reyes concluiu seus estudos e dirigiu-se para a Europa, onde atuou como parte da delegação mexicana na França, transitando entre Paris e Madri, de 1913 a 1927, quando voltou para a Cidade do México⁴⁸.

O escritor pode ser analisado enquanto mediador cultural⁴⁹ pelo seu papel diplomático, acadêmico, e enquanto fundador e colaborador de *CA*. Como também aponta Gabriela Pellegrino, os editores e escritores em revistas culturais transpunham as fronteiras nacionais, tornando-as permeáveis ao ensaiarem perspectivas globais.

Ao buscar afirmar o lugar da revista no texto de 1942, Reyes enfatiza mais o seu aspecto e propósito continental. Com o tempo, a revista-continente vai sendo mobilizada enquanto revista-mundo, por exemplo no artigo que Reyes escreveu apenas um ano depois, no segundo número de 1943. Em “Posición de América”⁵⁰, buscou afirmar a América como berço de uma nova cultura, para o homem novo do Novo Mundo, apropriando-se de conceitos como cultura, civilização e a ideia de *universal*, colocando a América da periferia para o centro dos debates culturais.

El anterior examen de la estructura cultural, en sus cuatro factores, los de núcleo y los de periferia, no era indispensable para concluir lo que de antemano tenemos probado por la historia: la posibilidad de toma de posición de América ante la cultura, por participación y por contribución⁵¹.

48 GARCADIIEGO, Javier. **Alfonso Reyes, “un hijo menor de la palabra”**. *Antología*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2015. p. 15-24.

49 SOARES, Gabriela Pellegrino. **Escrita e edição em fronteiras permeáveis: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX)**. São Paulo: Intermeios, 2017.

50 REYES, Alfonso. Posición de América. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 8, n. 2, p. 7-23, mar/abr. 1943. Bimestral.

51 *Ibid*, p. 14.

Para afirmar a posição da América na cultura ocidental, Reyes levanta as homogeneidades e as diferenças, concluindo que as primeiras prevalecem, em um esforço de apagamento da diversidade a favor da unidade. A postura de Reyes foi, e ainda é, recorrente no pensamento latino-americano conforme aponta Mateus Fávoro Reis ao colocar a América Latina como “unidade diversificada” que pende entre unidade e particularismos, sobretudo em períodos de crise⁵².

Se há uma disputa de paternidade da revista entre Silva Herzog e Reyes, sendo que o primeiro ganharia a guarda em pouco tempo, os dois são convergentes nas afirmações a respeito da salvação da cultura ocidental em crise pelo Novo Mundo. Todavia, nos textos de ambos, falta clareza e definição do que entendem por crise, por salvação e por cultura ocidental.

O debate motivou uma troca de cartas entre José E. Iturriaga e Juan Larrea, vice-diretor da revista, que foi publicada ainda em 1942, sob o título: “Hacia una definición de América. Dos cartas”⁵³. José E. Iturriaga⁵⁴ escreveu uma carta de três páginas, em tom de pergunta e provocação. O autor inicia deixando clara sua posição contrária ao falangismo, embora não se identifique como um militante antifascista. Diante disso, critica os “comentários vazios” de *CA* sobre a crise da cultura ocidental. Com pequena e rápida ressalva ao ideário da Revolução Russa, Iturriaga se dedica a contestar a celebração e a defesa da cultura ocidental enquanto cultura universal. A grande pergunta é: por que dar um novo lugar à cultura europeia, em vez de substituí-la pela cultura americana? Defesa que é condicionada à independência econômica do continente, para que fosse possível tal independência cultural.

Con gran insistencia he observado que a través de los artículos de los brillantes colaboradores de Cuadernos Americanos se encuentran afirmaciones imprecisas sobre la trayectoria futura de nuestro continente. En casi todas esas afirmaciones se da como un hecho sabido y averiguado el eclipse definitivo o total de la cultura europea; se habla de la incapacidad de Europa para recrear sus valores culturales una vez que salga de esta terrible prueba, que yo calificaría de aséptica. (...) Yo no sé porque nosotros los americanos no sentimos admiración ante el derroche de virtudes que supone el decidirse acurar ese latente mal, que durante casi un siglo, larvadamente, mantiene insano al mundo

52 REIS, Mateus Fávoro. Latino-americanismo e pan-americanismo no Uruguai do entreguerras: entre utopias e distopias. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 15, p. 198-224, 2014. DOI: 10.46752/anphlac.15.2013.1440. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/1440>. Acesso em: 20 março. 2021.

53 ITURRIAGA, José E.; LARREA, Juan. Hacia una definición de América. Dos cartas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 6, n. 6, p. 7-33, nov/dez. 1942. Bimestral.

54 José E. Iturriaga (1914-2011) foi um advogado, diplomata e historiador mexicano.

moderno; y en lugar de sentir reverencia y gratitud por tal decisión, proclamamos, con una suerte de vanidad provinciana, que somos, de ahora en adelante, los depositarios de la cultura universal.⁵⁵

Importante destacar que a crítica de Iturriaga não foi escrita por acaso a Juan Larrea, pode ser entendida como uma crítica pessoal também, afinal era um intelectual mexicano escrevendo a um espanhol exilado em seu país, e que buscava valorizar a cultura europeia ali.

Na extensa resposta de Larrea, em mais de vinte páginas, o secretário da revista buscou estabelecer uma diferenciação entre a valorização da cultura ocidental e o simples elogio da cultura europeia, inclusive refutando a defesa de Iturriaga à União Soviética. Sobre esse último ponto, Larrea destaca a miopia forçada dos partidos comunistas com os erros cometidos pelos soviéticos, além de destacar que CA possui uma orientação progressista, mas não defende doutrinas específicas, como o comunismo.

Por grande que sea nuestra simpatía hacia la U.R.S.S., repito, no podemos ocultarnos que al hacer causa común con los países llamados democráticos, verdaderos baluartes del capitalismo, se ha visto obligada a orillar sus postulados capitales y a hacer un llamamiento a virtudes más modestas y primitivas. Por otra parte, los partidos comunistas del exterior han patentizado su miopía acumulado errores sin cuento(...) Cuadernos Americanos tienen una posición claramente orientada, pero no postulan todavía doctrinas concretas.⁵⁶

Além disso, a negativa de Larrea ao eurocentrismo que foi acusado por Iturriaga se articulou em diversas frentes. Primeiro, insere a América como lugar de utopias desde o período colonial, concordando que a América deve perder sua última máscara – a da dominação econômica do Velho Mundo sobre o Novo Mundo – já que, naquele momento, como veremos em seguida, a opressão econômica ianque não era um alvo importante da revista. A afirmação sobre a última máscara a ser derrubada é acompanhada de um jogo de imagens: a escultura de “O raptode Europa” antecedida pelo desenho do mapa da América estampado no rosto de um velho homem branco, representando a Europa. Larrea também inverte a afirmação de Iturriaga, e o acusa de eurocentrismo, ao destacar o lugar da América na cultura europeia, por exemplo, em Montaigne. É nesse sentido que defende a América como utopia global, como continente do futuro:

⁵⁵ ITURRIAGA, José E. *Op cit.* p. 7-8.

⁵⁶ *Ibid*, p. 13-14.

Efectivamente, América es el único gran territorio que tiene figura de universo. Constituye una gran dualidad bilobular, norte-sur, entre los dos grandes bloques, Europa-África a su oriente, Asia-Oceanía a su occidente. En su seno se traza, pues, la cruz ideal de convergencia e intersección de todos los movimientos humanos, la clave de su firmamento. Por tanto, si el universalismo ha de ser, no la imposición de una cultura particular al universo entero, como desearían los satanismos totalitarios, sino una auténtica síntesis de las aportaciones humanas, el lugar donde ha de embrionarse esa síntesis cerrando el círculo entre Asia y Europa, al tiempo que establece una solución de continuidad por discontinuo, sólo puede ser el continente americano⁵⁷.

Criticando e diferenciando-se dos universalismos totalitários, combatidos naquele momento, Larrea defende o universalismo americano como reflexo da própria localização geográfica do continente. A projeção cartográfica de um americanismo global, capaz de salvar a cultura ocidental em crise, encontra-se com nosso argumento de que os *Cuadernos Americanos*, no momento de sua fundação, buscou afirmar-se não apenas como revista-continente, mas revista-mundo.

A resposta franquista

Para entendermos o funcionamento da revista *Cuadernos Americanos* (CA), é fundamental conhecermos o projeto editorial franquista que surgiu como forma de resposta, em 1948: *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH)⁵⁸. Como já abordamos, CA possuía fundadores, membros do corpo editorial e diversos colaboradores ligados ao exílio republicano conectado à Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e oposição ao franquismo (1939-1975). Por conta disso, o ditador espanhol, Francisco Franco, decidiu fundar uma revista que defendesse os valores espanhóis da *madre patria* Espanha, ante suas *hijas americanas*, buscando refutar o que diziam ser mentiras e atos difamatórios divulgados pelos republicanos exilados, e concentrados em torno

⁵⁷ *Ibid*, p. 22.

⁵⁸ A revista encontra-se inteiramente disponibilizada online, na Biblioteca Virtual Miguel Cervantes - [Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes \(cervantesvirtual.com\)](http://BibliotecaVirtualMigueldeCervantes.cervantesvirtual.com). E, como já mencionado, já fez parte de minhas pesquisas e de dois artigos: PUPIN, André Mateus. A hispanidade reivindicada: Pinochet e a apropriação do franquismo no Chile (1973-1975). *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, [S. l.], v. 20, n. 29, p. 185-204, 2021. DOI: 10.46752/anphlac.29.2020.3910. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3910>. Acesso em: 3 maio. 2021. E também: PUPIN, André Mateus. Cuadernos Hispanoamericanos: o projeto franquista para a América Latina. *Temáticas*, Campinas, SP, v. 28, n. 55, p. 366–390, 2020. DOI: 10.20396/tematicas.v28i55.13175. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13175>. Acesso em: 3 maio. 2021.

do projeto de CA. CH buscou reforçar a *leyenda rosa*⁵⁹ e o legado espanhol - língua, religião católica e cultura espanhola - aliando elementos da *hispanidad* à *catolicidad*, ou seja, a herança da Espanha católica para suas ex-colônias americanas.

A noção de hispanidade foi uma reinvenção de outro conceito, liberal e de tradição iluminista, denominado hispanismo ou pan-hispanismo. Criado por intelectuais espanhóis após as Independências na América espanhola, e fragmentação do Império, foi fortalecido com a perda dos últimos territórios (Cuba, Porto Rico, Filipinas e Ilhas Guam) na Guerra Hispano-Americana, contra os Estados Unidos, em 1898. Tal conjuntura deu origem à chamada “Geração de 98”, com Miguel de Unamuno, Angel Ganivet, Azorín e Valle Inclán, os últimos dois pseudônimos para José Augusto Trinidad Martínez Ruiz e Ramón José Simón Valle y Peña, respectivamente.⁶⁰ O hispanismo transfigurou-se em hispanidade a partir da atuação da própria geração de 98, sendo o novo vocábulo inaugurado por Ramiro de Maeztu, em 1934, através do livro *Defensa de la Hispanidad*. Segundo Grecco⁶¹, a Geração de 98, com ajuda da Falange, fascizou o termo, traço da própria Falange espanhola, grupo paramilitar fascista que contribuiu para a ascensão de Franco ao poder.

Agora, a efetiva difusão da hispanidade através das páginas dos CH ocorreriam quase uma década após a definitiva ascensão de Franco, finalizada a guerra civil. A revista era gerida pelo Instituto de Cultura Hispânica (ICH), criado em 1945, em substituição ao *Consejo de Hispanidad*, existente desde 1940, sendo o instituto submetido ao Ministério de Relações Exteriores (MRE). Tal submissão revela o caráter diplomático do ICH, que contaria com sedes latino-americanas em Santiago do Chile, por exemplo. Isso porque Franco encontrava-se isolado no cenário internacional, o que melhoraria parcialmente em 1955, com a entrada da Espanha na ONU, mas definitivamente só com o fim do franquismo (pela morte de Franco), em 1975,

⁵⁹ As versões da colonização espanhola, elogiosas e críticas, foram denominadas de *leyenda rosa* e *leyenda negra*, respectivamente. Essa última foi difundida, sobretudo, após a obra de Las Casas circular na Europa. Sobre isso, ver: FREITAS NETO, José Alves de. **Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana**. São Paulo: Annablume, 2003.

⁶⁰ Cf. BEIRED, José Luis Bendicho. Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas. In: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2007, Campinas. Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006. p. 1-9. Disponível em: . Acesso em: 03 abr. 2020.

⁶¹ GRECCO, Gabriela de Lima. De la pluma como oficio a la pluma oficial: estado y literatura durante los nuevos estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945). 2017. 591 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Filosofia e Letras, História Contemporânea, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uam.es/handle/10486/680035?fbclid=IwAR1KfYh-XNuSTFg3gzeWJ95BpzA-u5WU2zpnzdV7i7D-HASvQathPRYd2c>. Acesso em: 17 ago. 2020.

marcando o processo de entrada do país na OTAN e na União Europeia, respectivamente, em 1982 e 1986.⁶² Sobre o papel do ICH, coloca Dias Martins:

O ICH era considerado ainda como o responsável pelo combate às ideias que haviam afastado a Espanha dos países hispano-americanos, como o indigenismo, o nacionalismo, o anti espanholismo político, derivado da emancipação, e também o comunismo. Para tanto foi necessário construir um arcabouço ideológico guiado pelo conceito de *Hispanidad*.

A revista CH tinha o objetivo de atingir um público mais seletivo, além de servir como resposta a CA, publicada no México e criada como resultado de uma parceria entre intelectuais mexicanos e republicanos espanhóis exilados. A tiragem de Cuadernos Hispanoamericanos era de 2.000 exemplares, dos quais cinquenta por cento eram enviados à América.⁶³

Além de CH, voltada para um público leitor mais intelectualizado, o ICH também editava outra revista chamada Mundo Hispánico, pensada para o público mais amplo, contando com mais ilustrações, por exemplo. Mesmo assim, os Cuadernos Hispanoamericanos eram atravessados por imagens, como por exemplo essa na primeira edição:

62 Sobre as questões diplomáticas do franquismo, cf: ROMERO, Héctor Gustavo Opazo. Los actores no gubernamentales españoles ante el régimen militar de Augusto Pinochet (1973-1990): apoyo a la democratización y defensa de los derechos humanos. 2009. 489 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relaciones Internacionales, Departamento de Derecho Internacional Público y Relaciones Internacionales, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2009

63 MARTINS, Maria Antonia Dias. A Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social. 2012, p. 63.



Xilogravura de monge copista, presente na primeira edição de 1948.

Autoria de Suárez de Arbol.

A xilogravura de um monge copista abre a primeira edição da revista, em 1948, idealizando assim a cultura católica, e representando ao fundo a diversidade geográfica e natural de Espanha. Tal gravura, guarda relação com um tema central: o passado medieval e a luta ibérica pela expulsão dos mouros. As menções ao rei espanhol Alfonso X de Castela (1221- 1284), que foi apelidado de “o Sábio”, são recorrentes, em especial na primeira seção da revista *Del ser y del pensar hispánico*, semelhante a seção *Presencia del pasado* dos CA. Já a segunda seção, *Arte y pensamiento*, que depois foi abandonada e o conteúdo disperso ao longo da revista, voltava-se a divulgação da arte e da literatura espanhola, e assemelha-se a seção *Dimensión imaginaria* dos CA.

Destaque especial à seção *Brújula de actualidad* que, tal qual a *Nuestro tiempo* dos CA, buscava refletir sobre a conjuntura da assim denominada *Hispanoamérica*. Merece destaque os esforços de construção de narrativa, memória e história da Guerra Civil Espanhola, culpabilizando os republicanos e colocando o franquismo como redentor do país, sendo necessária uma união das “duas Espanhas” - Espanha e América Espanhola - para superação da crise social e cultural pós-guerras (1914-1945). Tal argumento está presente no texto do argentino César E. Pico⁶⁴, intitulado “Nuestro tiempo y la misión de las Españas”, como na passagem abaixo:

La república, de corte racionalista, resultaba anacrónica a esta altura de los tiempos y pretendió imponerse mediante una serie de coacciones más o menos disimuladas que terminaron en el frente popular, máxima tiranía que la nación no pudo padecer sin recurrir a la rebeldía salvadora. He aquí, pues, que España, y con ella la hispanidad de América, lo que he denominado las Españas, asisten a la substantiva crisis mundial sin haber padecido enteramente la propia⁶⁵.

Também presente em CH é o autor mexicano, José Vasconcelos (1882-1959)⁶⁶, autor de *Raza Cósmica* e ex-reitor da UNAM, que apresentou texto crítica ao PRI e à Revolução Mexicana. Em seu texto intitulado “Deber de Hispanoamérica” (1948), Vasconcelos apresenta visão crítica com relação à América e seu lugar na História mundial, criticando a preocupação revolucionária na América. Vale ressaltar que, apesar de ser um projeto editorial diretamente ligado ao governo franquista, possuía algumas propagandas ao final, nas seções *Asteriscos* e *Brújula para leer*, com destaque a eventos ligados a *hispanidad* e divulgação de outras revistas conservadoras, como a portuguesa *Rumos*, lançada no mesmo ano, e divulgadora de uma *portuguesidade* com relação ao Brasil e à África, ou seja, o que a historiografia denomina há algum tempo como luso-tropicalismo. De qualquer forma, ao longo da década de 1950, a organização da revista mudou e essa divisão inicial foi substituída por duas grandes seções: *Brújula del pensamiento* e *Brújula de actualidad*.

64 Intelectual conservador, foi professor na Universidade de Buenos Aires, e articulador da revista argentina franquista *Sol y Luna*.

65 PICO, César E. *Nuestro tiempo y la misión de las Españas*. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, v. 1, n. 1, p. 40-62, jan/fev. 1948. Bimestral. p. 55.

66 O intelectual que teve centralidade no México no início do século XX, exilou-se na Espanha após a consolidação do Partido Revolucionário Institucional no poder.

América Latina (*Hispanoamérica*), podemos melhor entender a própria *Cuadernos Americanos*, o lugar que ela ocupava na crítica ao franquismo e às ditaduras em geral, bem como a preocupação dos espanhóis da revista tornar-se excessivamente mexicana ao longo do tempo.

A Política da Boa Vizinhança e a amenização de conflitos com o “vizinho do Norte”

Por ocasião do Dia das Américas, ou Dia Pan-Americano, em 14 de abril de 1943, o subsecretário de Estado dos EUA, Summer Welles, realiza um discurso afirmando a natureza anti-imperialista como compromisso da Boa Vizinhança. O discurso foi utilizado como ponto de partida no texto que Víctor Raúl Haya de la Torre⁶⁷ publicou nos *Cuadernos Americanos*, em setembro de 1943.

Defensor de uma Indoamérica, valorizando os povos originários ao invés do latino de origem europeia, naquele momento Haya de la Torre via com bons olhos a política externa ianque. Olhando retrospectivamente, seu texto é muito curioso, pois a historiografia coloca em chave de oposição a Indoamérica e o Pan-americanismo⁶⁸, o que evidentemente faz todo sentido, mas no contexto de Guerra Fria, pós-Segunda Guerra Mundial, quando a própria Boa Vizinhança já havia sofrido várias inflexões, sobretudo com o fim do governo de Franklin Delano Roosevelt.

O argumento do texto “Intervención e imperialismo”⁶⁹ é justamente defender as intervenções dos Estados Unidos no período como não imperialistas, na medida que os primeiros

⁶⁷ Víctor Raúl Haya de la Torre (1895-1979) foi um dos mais importantes políticos e intelectuais do Peru e da América Latina. Fundador da APRA (Aliança Popular Revolucionária Americana), em 1924, durante seu exílio no México, a organização existe até hoje enquanto partido político peruano, embora muito distante do seu ideário inicial. A APRA localizou-se no campo progressista, anti-imperialista, mas teve rompimentos com os comunistas de seu país, sobretudo na figura de José Carlos Mariátegui, “El Amauta”, e fundador da revista homônima. Para mais detalhes sobre a polêmica entre Haya de la Torre e Mariátegui, ver: KAYSEL, André Velasco e. A primeira polêmica sobre o populismo na América Latina. *Revista Crítica Marxista*, Campinas, v. 43, n. 55, p. 95-115, dez. 2016. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2017_06_03_06_42_10.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

⁶⁸ Com relação a disputa de nomes e proposições, a historiadora argentina Patricia Funes explica em seu livro, *Salvar la nación*, os anos 1920 latino-americanos, como os projetos da jovem América emergem ante uma Europa e sua cultura em crise após a Grande Guerra (1914-1918). Retrocedendo aos diversos matizes de “Nuestra América” desde o século XVIII, passando pelo ibero americanismo e “raza cósmica” de José Vasconcelos, até a Iberoamérica de Haya de la Torre, e também o pan-americanismo ligado aos interesses norte-americanos na América Latina. FUNES, Patricia. *Salvar la nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006. p. 246-248.

embasado com exemplos históricos de invasões que teriam sido positivas.

La historia del intervencionismo, no específicamente imperialista, tiene varios ejemplos. Y dentro de él podríamos clasificar la participación de Inglaterra en la Independencia Indoamericana y la misma de los Estados Unidos en la emancipación de Cuba. Que estas últimas implicaron ulterior expansión económica británica sobre nuestros países o toma de Puerto Rico y Filipinas por Estados Unidos, de todos modos significan para nosotros pasos de avance sobre el retrasado y feroz imperialismo mercantilista y feudal español y camino seguro hacia la mayor libertad nacional. Por eso, desde nuestro "espacio-tiempo histórico" tales intervenciones fueron provechosas y no típicamente imperialistas⁷⁰.

Já o imperialismo visaria apenas os interesses econômicos do país invasor, e de seus empresários, algo criticado pelo próprio Welles no discurso citado por Haya de la Torre.

El intervencionismo militar, político y financiero de los Estados Unidos en los países centroamericanos y antillanos, que Mr. Summer Welles recuerda y censura en su discurso, sí fué imperialista porque servía intereses económicos de clase y cohonestaba un gran abuso internacional con un falso ideal de "orden"⁷¹.

Contudo, a aparente ingenuidade com a política externa norte-americana se confronta com um interesse maior de Haya de la Torre em defender os EUA. A crítica ao imperialismo também servia para opor-se ao avanço nazifascista, defendendo as intervenções norte-americanas como guardiãs da democracia, em oposição ao fascismo. Mesmo assim, a conclusão de seu texto foi utópica e até mesmo romântica:

Y esa buena intervención, antiimperialista y defensora de la libertad humanadondequiera que ella peligre, sería el principio de una paz durable y la garantía de nuestro Hemisferio del auténtico "interamericanismo democrático sin Imperio"⁷².

A defesa da Política da Boa Vizinhança relaciona-se com o contexto de guerra, e com o governo do democrata Franklin Delano Roosevelt (1933-1945), um dos presidentes mais longevos no cargo. Em oposição ao governo de FDR, o período pós-1945, de Guerra Fria, foi

69 HAYA DE LA TORRE, Víctor Raúl. Intervención e Imperialismo. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 10, n.4, p. 7-12, jul/ago. 1943. Bimestral.

70 *Ibid*, p. 9.

71 *Ibid*, p. 9.

72 *Ibid*, p. 12.

marcado por intervenções imperialistas. O governo de FDR levou à redução das tensões entre intelectuais latino-americanos e Estados Unidos em outros locais do continente, para além de México e Peru. Por exemplo, ao analisar o ideário latino-americanista e pan-americanista no Uruguai, Mateus Fávaro Reis aponta:

A ascensão de Roosevelt à presidência norte-americana, o New Deal e a Política da Boa Vizinhança transformaram notoriamente o debate a respeito das relações entre os Estados Unidos e a América Latina, mas não foi capaz de abolir completamente as reservas de Quijano e demais intelectuais nucleados em *Acción e Marcha*⁷³.

Além do texto de Haya de la Torre, outros dois casos revelam o relaxamento das tensões com o “vizinho do Norte”. Em 1942, Salomón de la Selva⁷⁴ escreveu “La unión de las Américas”⁷⁵, trazendo uma genealogia da intelectualidade americanista de Las Casas a Darío, passando por Martí, Rodó, Pedro Henríquez Ureña e o próprio Haya de la Torre, afirmando que assemelha entre todos são as proposições intelectuais que visam a união das Américas, tal qual Bolívar. Nessa união americanista utópica, Selva inclui os Estados Unidos, e também as ditaduras *scriollas* que precisavam ser superadas. Mas, ao incluir os EUA, também ressalta a dependência econômica da América Latina com o dólar, que deveria ser desfeita.

Também destaco o texto “Un mundo”⁷⁶, publicado por Alfonso Caso⁷⁷ na quinta edição de 1942. Seu texto possui o mesmo título do livro de Wendell Wilkie⁷⁸, naquele ano traduzido do inglês para o espanhol, pela *Editorial Nuevo Mundo*. O autor publicara o livro depois de viajar por vários países a serviço de FDR, com vistas à instalação da ONU - fundada três anos depois, em 24/10/1945, em São Francisco. Seu livro de viagens destaca suas passagens pelo Oriente

73 REIS, Mateus Fávaro. Latino-americanismo e pan-americanismo no Uruguai do entreguerras: entre utopias e distopias. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 15, p. 198-224, 2014. p. 216. DOI: 10.46752/anphlac.15.2013.1440. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/1440>. Acesso em: 20 março. 2021.

74 Salomón de la Selva (1893-1959) foi um poeta, político e intelectual nicaraguense que transitou pelo México, Estados Unidos e França.

75 SELVA, Salomón de la. La unión de las Américas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 6, n. 6, p. 50-52, nov/dez. 1942. Bimestral.

76 CASO, Alfonso. Un mundo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 11, n.5, p. 56-63, set/out. 1943. Bimestral.

77 Alfonso Caso (1896-1970) foi um arqueólogo mexicano. Descobriu e desvendou sítios e escavações importantes, bem como presidiu o Museu Nacional, e foi um dos grandes defensores do Indigenismo.

78 Wendell Wilkie (1892-1944) foi um político estadunidense, que inclusive concorreu às eleições presidenciais pelo Partido Republicano, em 1940, sendo derrotado por Franklin D. Roosevelt.

(Norte da África, Palestina, Síria, Iraque, Pérsia, Rússia, China e Sibéria) visando destacar um mundo conectado.

Alfonso Caso, como homem de seu tempo, escrevendo durante a Segunda Guerra Mundial, defendia todas as alianças que pudessem trazer esperança para a vitória dos Aliados sobre o nazifascismo, sendo elogioso (como Haya de la Torre e Herzog) a FDR e a Política da Boa Vizinhança. Contudo, diferentemente de outros textos elogiosos, na conclusão fez uma importante observação sobre o porvir:

Sabemos que una gran mayoría de la opinión pública norteamericana, piensa que la política de colaboración y de mutuo entendimiento que planeó Roosevelt, es la única que puede establecer una paz permanente en este Continente; pero existe todavía la duda de que, al ocupar otro hombre el más alto poder en los Estados Unidos, la política del buen vecino deje de tener los alcances que actualmente tiene.

Uma revista excessivamente mexicana

O legado da própria revista também esteve em discussão, sobretudo após o final da Segunda Guerra Mundial (1945). Em 1949, Juan Larrea desvinculou-se da revista, escrevendo uma carta a Jesús Silva Herzog, no ano seguinte. Na carta, os dois intelectuais representam espanhóis e mexicanos, respectivamente, sendo que a principal crítica do primeiro grupo ao segundo era a perda do caráter universal da revista, ao tornar-se excessivamente mexicana. No ano seguinte à sua saída, já em Nova Iorque, Larrea escreveu uma carta a Silva Herzog em que buscou organizar uma narrativa sobre seu papel, legado e motivação de sua saída dos *Cuadernos Americanos*. Claramente, trata-se de uma carta escrita para ser vazada, com vistas a não apenas organizar, mas também liderar essa narrativa e as justificativas a ela relacionadas⁷⁹.

A carta de Larrea, que por ocasião dos 60 anos de CA foi divulgada, curiosamente, na revista *Cuadernos Hispanoamericanos* (CH), é iniciada com a explicação da demora em responder, apesar da insistência de Herzog pedindo por uma conversa. O espanhol se justifica através da grave crise internacional e seus afazeres nova-iorquinos, onde estava em razão de uma bolsa da Fundação Guggenheim. Logo no segundo parágrafo, Larrea manifesta que não tem lido mais CA, com exceção de um ou outro artigo que o interessava, em razão da inimizade que a revista teria com relação a ele. Declara também que a revista não estaria mais guiada pelo espírito

⁷⁹ LARREA, Juan. Carta a Jesús Silva Herzog. *Cuadernos Hispanoamericanos*, Madrid, n. 640, p. 91-107. 2003. Bimestral

justiça e da beleza”, não contra ele. Pelo contrário, deveria ser reconhecido enquanto “mãe” de *Cuadernos Americanos*, o que não acontecia.

Lo que sí sé es que obrando de esta forma no se ha honrada a la revista cuyos dardos debían dispararse únicamente contra las posiciones enemigas de la verdad, de la justicia y de la belleza. Por nimio que el incidente sea, agrava su contenido, en mi sentir, el hecho de que, como ya se lo escribí en otra ocasión, no faltan razones para considerarme a mí la ‘madre’ de Cuadernos, y realmente no honra a ningún hijodesconocer o menospreciar haciendo gala de chismosas pasiones, a la autora de sus días. Suponga que no tendrá usted reparo en reconocerme internos dicha ‘maternidad’.⁸⁰

Após a referência a sua “maternidade”, conclui a introdução de sua carta destacando o papel fundamental de CA na emigração de espanhóis, sobretudo em direção ao México, mas coma perda de espaço dos republicanos espanhóis, decidiu retirar-se:

Pero antes quiero dejar constancia de que emprendo este trabajo no por interés particular sino porque la existencia de Cuadernos justifica algo que, en función del futuro, considero importante para la emigración española a quien conviene que ciertas cosas no se desnaturalicen. Si intervino en su nacimiento y desarrollo con la vehemencia que desplegué y sin mirar en sacrificios, no fue, lo sabe usted bien, por razones de índole personal. Me sentía investido por la responsabilidad que, a través de la Junta de Cultura emigrada, me incumbía de salvar en la medida de mis posibilidades el espíritu del sacrificado pueblo republicano español. Estimo que sería traicionar el espíritu de esa emigración si ahora que contra mis deseos tuve que dejar la secretaría de Cuadernos, cooperara con mi silencio a privarla, como parece ser cada vez más clara la inclinación, de uno de los títulos que pueden compensar otras carencias.⁸¹

Diante disso, retrocede a 13 de março de 1939, dois anos antes de conhecer Herzog (“dos años antes de conocerle a usted”). Naquele momento, com Barcelona já tomada pelos franquistas mas Madri ainda resistindo, Larrea estava no exílio, em Paris, onde encabeçou a criação da Junta de Cultura Espanhola (JCE) – mesmo nome que depois Franco usaria para o órgão que controlava a revista *Cuadernos Hispanoamericanos*. A mira da JCE era a emigração de intelectuais para América, sustentando uma base nacional para essa rede de intelectuais no exílio. No apelidado Círculo Cervantes de Paris, vinculado à Junta, surgiu o projeto editorial da revista *España Peregrina* (EP), criada por Larrea junto a León Felipe e Bernardo Ortiz de Montellano. Essa

80 LARREA, Juan. *Op. cit.*, p. 92

81 *Ibid.*, p. 92.

revista para público mais extenso⁸². Contudo, a Junta mudaria sua rota após a chegada de Larrea ao México, no final de novembro de 1939:

Al llegar a México a fines de noviembre del 39, me encontré con que la Junta no había dado ningún paso para cumplir su compromiso tocante a las revistas y con que me había nombrado Presidente (lo éramos tres). Me eché encima enseguida la tarea de subsanar aquella ineficiencia publicitaria. Así apareció al poco aquel órgano de la Junta de Cultura Española que se llamó España Peregrina, muy modesto en la forma pero muy ambicioso allá en el fondo. Si abrigar la esperanza confesada de llegar a ser algún día la revista más importante de habla española es porque tenía conciencia de simiente. (...)

Para darse cuenta de que no estoy hablando de cosas ajenas a Cuadernos Americanos, le basta a usted mirar en torno suyo. En la habitación que ocupa usted actualmente como director de la revista, se encuentra usted rodeado de aquellos mismos muebles de que estaba rodeado yo en el Instituto, por las mismas estanterías, por los mismos libros.⁸³

A digressão para explicar a origem de *España Peregrina* cumpre um papel fundamental em colocar *CA* no lugar de herdeira, como o comentário ácido ao final evidencia. Os poucos recursos da Junta e sua revista levaram a interrupção da publicação, promovendo a mudança do projeto de exilados espanhóis para uma revista mexicana e espanhola, de caráter continental. A ideia precursora de *CA* teria surgido na busca por recursos através de Silva Herzog, mas o economista teria motivado o abandono do projeto de *EP* para criação de *CA* – de caráter continental e hispano-americano – onde ele eventualmente escreveria algum artigo, o que, como sabemos, foi muito extrapolado pela presença quase constante do autor nas publicações. Ao detalhar os encontros com o economista, Larrea coloca:

En la reunión subsiguiente, se mostró usted inclinado a, como dicen los franceses, “brûler les étapes”. Propuso usted dejar por el momento a un lado España Peregrina para tratar de la otra revista más importante en que el espíritu de aquella se infundiera. Aunque no compartiera usted alguna de nuestras ideas espiritualistas, que chocaban con sus conceptos materiales, le sonaba buena música. Nos dijo usted que por su conocimiento de las costumbres de los medios económicos mexicanos y de su eficacia para enfocar las cuestiones de orden práctico, se sentía capaz de ayudar financieramente al sostenimiento de una revista como la que imaginábamos, sin desechar la esperanza de que quizá pudiera usted alguna vez publicar algún artículo. Seguimos cambiando ideas y quedamos en que usted pensaría más detenidamente sobre el particular y que volveríamos a reunirnos⁸⁴.

82 GONZÁLEZ-NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). *Cuadernos Americanos*. México, D.F., vol. 1, n. 127, 2009, p. 12.

83 LARREA, Juan. *Op cit.* p. 95.

Assim, Larrea buscou construir o argumento de sua preferência por EP, e também mostrar a gradativa intromissão de Silva Herzog:

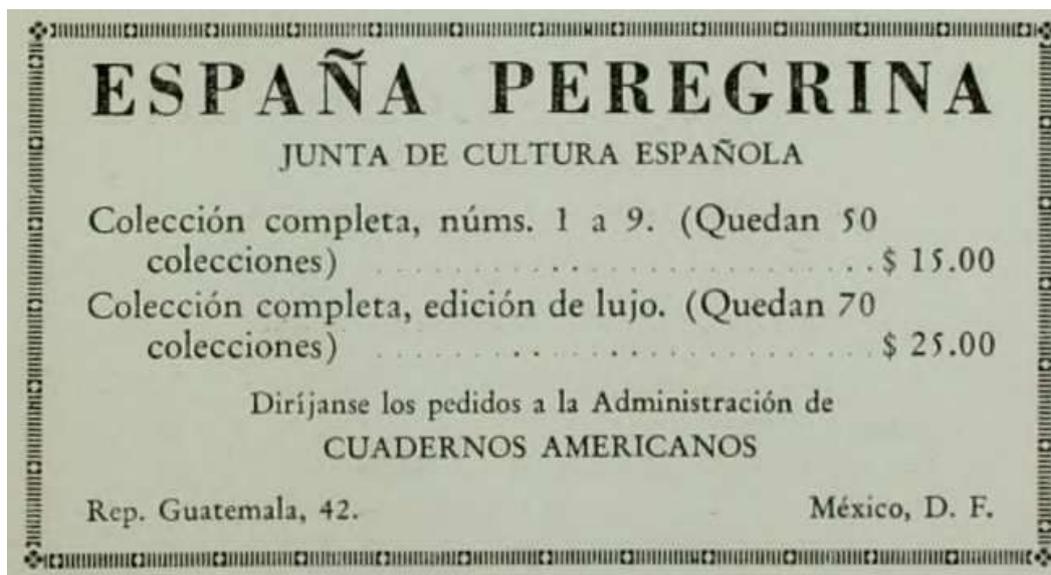
En esta tercera comida apareció usted decidido. Lograría bien sea acudiendo al entonces Presidente, Don Manuel Ávila Camacho, o bien de otro modo resolver el aspecto crematístico. Como ya lo habíamos conversado la vez anterior, literariamente la revista estaría dirigida por dos personas: un mexicano, Bernardo Ortiz de Montellano y un español: Juan Larrea. A usted le incumbiría el papel de organizador material, de gerente administrativo. Este proyecto que acataba la procedencia del impulso y sus caracteres básicos, estuvo en vigencia entre nosotros durante no poco tiempo. Fue al salir de esta reunión, si no me equivoco, cuando León Felipe y Ortiz de Montellano me felicitaron en la calle de Madero efusivamente. - “El milagro se ha cumplido, me dijo León, ya tienes la revista por la que tanto suspirabas”. Yo, no sé por qué, no estaba demasiado contento. - “Te aseguro que en el fondo, le contesté, prefería España Peregrina”.⁸⁵

A relação entre *España Peregrina* e *Cuadernos Americanos* apareceu na sexta revista logo no primeiro ano de publicação de *CA*, em forma de propaganda. Nessa ocasião, oferecia-se avenda das coleções restantes, indicando a descontinuidade e o provável encerramento do projeto editorial da Junta de Cultura Espanhola⁸⁶.

84 *Ibid*, p. 95.

85 *Ibid*, p. 96.

86 **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 6, n. 1, p. XI, nov/dez. 1942. Bimestral.



Na sequência, Larrea buscou criticar o financiamento parcial recebido do governo mexicano, através de anúncios, contrapondo que melhor seria o financiamento privado, por conta da excessiva mexicanização que teria ocorrido. Sobre a incorporação do projeto de EP por CA, Ana González-Neira estabelece também um paralelo com a mudança que ocorreu de *La Casa de España en México*, que, em 1939, tornou-se *El Colegio de México*, com a nomeação do mexicano Alfonso Reyes como seu primeiro diretor. Segundo a autora, teríamos um esforço em quebrar a bolha da diáspora republicana no México⁸⁷.

Depois de detalhados os argumentos que colocariam CA como ramificação de EP, Larrea destacou os pontos da sua dita maternidade, colocando que todas as características de originalidade de CA chegaram através dele: “Ahora bien, no creo que nadie puede discutirme con justicia la maternidad de la criatura puesto que todos los caracteres de esa su originalidad, tanto los externos como los internos, le llegaron por mi cauce.”⁸⁸

Em face disso, Larrea elenca os princípios fundadores maternos, quais sejam: a compreensão da cultura como um todo orgânico, vivo e universal; a inseparabilidade dos critérios científicos, históricos e artísticos dos problemas políticos; a insuficiência de valores antigos, e a urgência da criação de novos – convergindo com a responsabilidade da intelectualidade na

87 GONZÁLEZ-NEIRA, Ana. *Op cit.* p. 15.

88 LARREA, Juan. *Op. cit.*, p. 100.

formulação de um novo mundo. Coloca também a crença de que o continente americano seria o mundo novo de uma cultura universal nascente; e, por fim, destaca a participação espanhola nesse processo, colocando o lugar espanhol na América como algo inato.

Destaco, sobretudo, esses dois últimos princípios. No primeiro, Larrea evoca o debate sobre a crise da cultura ocidental, com o colapso da Europa após duas guerras totais, e a vocação americana em tornar-se o Novo Mundo de uma cultura nova. Contudo, contradiz essa ideia, aproximando-se até dos posicionamentos da revista franquista *Cuadernos Hispanoamericanos*, ao afirmar o lugar inato de Espanha, convergindo inclusive o termo *maternidad* de Larrea à *madre patria* tão evocado pelo hispanismo e pela hispanidade⁸⁹.

La participación española en ese proceso es elemento esencial porque corresponde a su contenido histórico, a la tendencia innata de su destino y al sentido de los acontecimientos actuales servir de puente entre mundo y mundo. De aquí su participación en la empresa sea, no instrumental, sino sustantiva.⁹⁰

A ambiguidade na relação entre os republicanos espanhóis exilados com a América, na figura de Larrea, também pode ser vista na leitura de González-Neira. Ao analisar o papel do intelectual espanhol na fundação da revista, a autora coloca:

Para Larrea, América suponía una nueva fase en la historia de la humanidad, veía en ella el renacimiento de una nueva civilización. Creía necesario el sacrificio de la Segunda República y la inmolación del pueblo español para que cuanto representaba aquella renaciera en América; defendía que las convulsiones de Europa germinarían en un Mundo Nuevo. En *Cuadernos Americanos*, plasmó su teoría: América como salvación de la civilización una vez cumplido el fracaso de Europa. Bajo el peso de su formación católica y los postulados del monje calabrés Joaquín de Fiore, realiza una correlación entre Asia, Europa y América y las figuras de la Santísima Trinidad (Padre, Hijo y Espíritu), y sostiene que una vez terminada la fase del Hijo que corresponde a Europa, el protagonismo pasa al Espíritu (América).⁹¹

Larrea reproduz a lógica de uma nova missão civilizadora no século XX, nuançada e envernizada, mas que guarda semelhanças com os colonialismos dos séculos XVI e XIX. Ou seja,

⁸⁹ Ambos os conceitos mobilizaram americanismos em torno de Espanha, que seria o fator de unidade das Américas, uma vez que trouxe os dois principais pontos em comum entre os diversos países da região: língua espanhola e catolicismo. O hispanismo foi uma criação liberal do século XIX, logo após as independências. Já a hispanidade foi a versão conservadora do hispanismo, primeiramente criada pela Falange, e, posteriormente, incorporada pelo regime franquista, tendo como grande difusora a revista *Cuadernos Hispanoamericanos*.

⁹⁰ *Op. cit.* p. 99.

⁹¹ GONZÁLEZ-NEIRA, Ana. *Op cit.* p. 19.

a revista reproduziu e alimentou o discurso universalista de civilização e cultura, apesar de mudar o continente de sua localização. Inclusive, o cristianismo foi algo muito presente na produção desse universalismo *hispano-mexicano-americano-continental*, como na passagem acima e em várias outras ocasiões – por exemplo, quando FDR morreu, em 1945, CA publicou uma montagem composta pelo presidente norte-americano e Moisés. No entanto, uma nuance importante a ser ressaltada é a diferença entre a política editorial da revista, e os colaboradores e seus textos. Também vale lembrar que o próximo diretor seria Leopoldo Zea, entre 1987 e 2003, sendo ele defensor e criador de um pensamento filosófico universalista latino-americano e, ao mesmo tempo, intelectual do núcleo duro do priismo.

Esse ideário mistura-se, segundo Francisco Caudet, com um moralismo e excepcionalismo dos republicanos espanhóis no exílio. Afinal, a memória da Segunda República Espanhola, sobretudo com Franco governando, poderia projetar grandes utopias e idealizações sobre o passado republicano. Conforme coloca o autor: “La España republicana [...] debía ser considerada una nación excepcional, una nación que, a pesar de su adversidad, había tenido que conservar los principios traicionados por Europa. El tono de superioridad moral es uno de los topoi más recurrentes del exilio.”⁹²

Novamente, na carta de Larrea, após elencar os elementos da revista criados por ele, o intelectual espanhol destaca que, com exceção do título de uma seção ou duas pensadas por Eugenio Imaz, e do título da revista dado por Alfonso Reyes, o restante teria sido criado por ele. A Jesús Silva Herzog sobraria apenas o subtítulo e a decisão pela periodicidade bimestral, enquanto ele gostaria que fosse mensal.

Antes de voltar a defender sua dita maternidade, Larrea elenca os cinco resultados práticos dos seus cinco princípios maternos, que seriam: a divisão da revista em quatro seções que funcionariam como quatro horizontes, quatro revistas complementares em um só fim; a orientação americana sobre qualquer nacionalismo e sobre o europeísmo, visando a universalidade; a importância dada a arqueologia (seção *Presencia del pasado*): “el estudio del pasado a instancia del presente y ambos en función del porvenir, sirviéndose de la arqueología

92 CAUDET, Francisco. El exilio republicano en México: las revistas literarias (1939- 1971), Madrid, Fundación Banco Exterior de España, 1992, p. 201. *apud* GONZÁLEZ-NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exilio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). *Cuadernos Americanos*. México, D.F., vol. 1, n. 127, 2009, p. 11.

como medio para fundamentar el aspecto continental y americano de la empresa, así como para favorecer su difusión”⁹³. Também pontua a ilustração gráfica intencionalmente poética, como desígnio que reforçaria os textos e estimularia o exercício da imaginação criativa; e, por fim, as notas bibliográficas contendo problemas complementares, buscando aprofundar e detalhar as temáticas discutidas.

Na sequência, volta a defender sua maternidade, destacando a limitação material da revista, em contraposição a suas imensas pretensões. O custo disso teria caído sobre Larrea, com excesso de trabalho e baixa remuneração. No entanto, segundo ele, foi na virada pós-1945 que a situação complicou irremediavelmente:

Así nuestro flamante automóvil fue avanzando mientras se pudo que fue hasta el fin de la guerra. Entonces, poco a poco, nos detuvimos. Entiendo que su actitud de usted fue particularmente a partir de entonces – hablo desde el punto de vista exclusivo de Cuadernos – errónea, porque en vez de utilizar las circunstancias propicias de aquella oportunidad para reavivar el entusiasmo y el espíritu de iniciativa empezó usted a ahogarlos al someter dictatorialmente la revista a sus propias conveniencias.

(...)

Las páginas anteriores esclarecen lo que el particular tiene de cierto y el respeto que a su juicio merecen las maternidades. Erro grande también porque no se engaña usted sino a sí mismo. Las cosas del Espíritu no se tratan a lo “macho”, que es la fórmula destructiva del pasado mexicano, sino a lo “hembra” que es la del futuro. La creación espiritual exige esa maternidad, esa aptitud de la propia vida a ser fecundada por el amor al contacto de una causa que la merezca. Más, el Nuevo Mundo llegará a ser porque América es sustancialmente Madre y en ella habremos de serlo todos. La esterilidad es el pago de las otras, en el fondo bochornosas, actitudes.⁹⁴

Neste momento da carta fica claro porque Larrea reivindica a posição de mãe. Para além da posição lateral que teve na revista, assim como as mulheres naquele momento, Larrea inverte sua posição de espanhol para colocar-se como mãe, assim como a América, colocada historicamente – sobretudo durante a colonização espanhola – como uma figura feminina e maternal.

Por fim, a conclusão de sua carta trata-se justamente do comentário de Larrea a Herzog que nos inspirou no título do presente subcapítulo – a acusação de que *Cuadernos Americanos* estaria tornando-se excessivamente mexicana, justamente pela concentração de funções em Herzog, mexicano e vinculado aos projetos nacionalistas do PRI.

93 LARREA, Juan. *Op cit.* p. 99.

94 *Ibid*, p. 102.

Hace un año por estas fechas, teníamos usted y yo convenido desde hacía largos meses, que otra persona me reemplazara en la secretaría, sin perder yo la titulación, en caso de que me trasladara a los Estados Unidos. Desde aquí, no siendo ya empleado de Cuadernos, pensaba poder expresarme con mayor libertad y autoridad en beneficio de los que me fue tan caro. Se presentaba, a mi entender, otra ocasión favorable para infundir vida nueva a la revista, para enmendar algunos de sus defectos, así como para continentalizarla verdaderamente. Pero desde que usted, por sí y ante sí, sin concedernos los demás ni voz ni voto tratándonos como si nos existiéramos, decidió absorber la plenitud de funciones directivas y secretariales comprendí que era ya inútil intentar nada porque también a Cuadernos, en un proceso fatal de contracción, se estaba desprendiendo la retina (...)

Cada vez será más mexicana en sentido estrecho y nacional y menos hispanoamericana y mexicana-universal como se pretendía. Y es que si Cuadernos ha de cumplir su cometido creador, por manejable que sea en apariencia no puede ser llevada exclusivamente por una persona absorbida como lo es usted por otras muchas ocupaciones y afligida por la insuficiencia fisiológica que sus amigos deploramos, la cual le impide estar al tanto de muchas cosas y entre ellas de lo que se hace y se dice en las diversas latitudes acerca de los numerosos problemas del hombre, de lo que respira el mundo a través de las publicaciones de los demás países.⁹⁵

Na busca por controlar a narrativa, ou apresentar seu lado de forma contundente, Larrea apresenta os termos iniciais de sua saída da revista, acordados entre ele e Herzog. Em 1949, a ideia primeira era que Larrea sairia sem perder o título de secretário da revista – vale destacar que Herzog, até hoje, aparece como “diretor fundador” nas páginas de CA – mudando-se para os Estados Unidos, onde teria trânsito com diferentes redes intelectuais e, portanto, facilitaria seu trabalho de “continentalizar verdadeiramente” a revista. Contudo, em 1950, com a decisão de Herzog de concentrar as funções de diretor e secretário, sem conceder voto e voz aos demais membros do conselho editorial (“Junta de Gobierno”), Larrea compreendeu a flagrante decisão de “contrair” a revista para um propósito nacional e nacionalista mexicano. Assim, ao afastar-se do seu propósito continental e universal da fundação, Larrea também optou por retirar-se da revista.

Evidentemente que se trata de uma construção narrativa do próprio Larrea, visando valorizar o papel dos republicanos espanhóis na revista, que com o tempo esmaeceu. De qualquer forma, considerando o lugar canônico concedido a Jesús Silva Herzog na revista, até hoje, e a inevitável maior vinculação da revista com o México, dada sua localização, investigar e percorrer os rastros de Larrea e dos espanhóis fundadores e colaboradores da revista, amplia as visões e as

⁹⁵ *Ibid*, p. 105.

narrativas sobre a estruturação desse periódico, ao considerarmos a experiência dos “vencidos” no projeto editorial.

Nesse sentido, após compreender os contextos e disputas internas e externas da revista, bem como analisar alguns artigos e autores divulgados em CA, podemos perceber a complexidade e a variedade de autores e ideias, sobretudo com relação à concepção da América. Considerando a localização da revista, é fundamental compreender o lugar ocupado pela Revolução Mexicana, e pelo horizonte revolucionário que culminaria na Revolução Cubana, mesmo não se tratando de uma revista organizada por revolucionários que defendessem o socialismo.

Capítulo 2

A revista e as revoluções

O espaço de experiência revolucionário: o caso do México

O legado da Revolução Mexicana (1910), enquanto experiência e expectativa para o México e a América Latina, é uma questão fundamental na estruturação do projeto editorial da revista *Cuadernos Americanos* e, mais além, da própria política e sociedade mexicana ao longo de todo o século XX. Por não ter um marco final claro⁹⁶, a reflexão sobre seu legado torna-se ainda mais complexa, algo intensificado pelos diversos usos políticos desse passado – questão escancarada na política do PRI que, sob três diferentes siglas, governou o país de 1929 a 2000, sempre reivindicando-se como continuidade do processo revolucionário, sobretudo antes do Massacre de Tlatelolco, em 1968.

O lugar da revolução foi central na própria fundação da revista, principalmente na figura do seu diretor entre 1942 e 1985: Jesús Silva Herzog. Como intelectual público Silva Herzog dirigiu os CA, trabalhou na secretaria da Fazenda e foi um dos principais atores políticos e intelectuais na nacionalização do petróleo mexicano. As propagandas em torno do petróleo foram alvo de diversas propagandas em CA, o que duplamente auxiliava os projetos de Silva Herzog, pois também fornecia recursos para o empreendimento cultural privado da revista, conforme já explicado. Além disso, o economista e historiador publicou, em 1941, o livro *Petróleo Mexicano: historia de un problema*, pela *Fondo de Cultura Económica* (FCE)⁹⁷.

Seu próximo livro foi publicado 5 anos depois, em 1946, sob o título *Un ensayo sobre la Revolución Mexicana*. Nele buscou traçar balizas e interpretações do processo revolucionário iniciado 36 anos antes que, até aquele momento, constituía-se em um regime de historicidade

⁹⁶ A título de exemplificação, no texto clássico de Eduardo Blanquel sobre a Revolução Mexicana, presente no livro *História mínima do México*, organizado em *El Colegio de México* por Daniel Cosío Villegas, em 1994, o autor data o processo revolucionário de 1910 a 1952, dividindo em dois períodos: 1910-1920 e 1921-1952. Por sua vez, Javier Garciadiego em *Nova história mínima do México*, de 2008, periodiza a revolução de 1910 até a década de 1920, não colocando um marco final específico. Por último, o historiador brasileiro Carlos Alberto Sampaio Barbosa, em livro de divulgação da Revolução Mexicana, publicado pela Editora Unesp em 2010, optou por 1940 como marco final, ou seja, até o final do governo de Lázaro Cárdenas.

⁹⁷ MARTINS, Maria Antônia Dias. Jesús Silva Herzog: um intelectual entre o Estado e a cultura. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco – História**, [S.L.], v. 13, n. 21, p. 125-147, 30 jun. 2016. Universidade Estadual do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.531>.

presentista, e não do passado. Um exemplo da atualidade e dimensão da Revolução Mexicana, naquele momento, está na distribuição de todos os textos sobre o tema na revista, a maioria escritos pelo próprio Silva Herzog, na seção *Nuestro Tiempo*, em vez de outras, como a *Presencia del Pasado*.

O livro *Un ensayo sobre la Revolución Mexicana* é considerado, até hoje, pela historiografia mexicanista, uma obra clássica para os estudos sobre o processo revolucionário no país⁹⁸, contudo, como todo texto finalizado, foi formulado aos poucos entre muitas idas e vindas. Um dos textos que antecederam a proposta e reflexão do livro foi “La revolución mexicana en crisis”, publicado na quinta edição de 1943⁹⁹ dos *Cuadernos Americanos*. Nesse texto, através de um balanço histórico, o autor questiona o quanto de revolução ainda existe no México pós-revolucionário.

Jesús Silva Herzog inicia seu texto analisando os antecedentes do processo revolucionário, qual seja, a ditadura de Porfirio Díaz (1884-1911). Destaca a ambição porfiristade promover o progresso civilizacional e a mudança na sociedade mexicana, contudo, foi mais retaguarda do que vanguarda, apesar de alguns avanços, como o investimento em ferrovias. O autor destaca o pior legado do porfiriato, e principal combustível do movimento revolucionário: o aumento da concentração fundiária, que estourou em 1910, durante as comemorações e lembranças do centenário da independência, com grandes festividades. O estopim da revolução durante uma efeméride dessa magnitude definitivamente não foi uma coincidência, pois tratava-se de um momento de inflexão sobre as continuidades e rupturas para o próximo centenário mexicano. Ao comemorar, ou seja, reavivar uma memória coletiva em torno de um ato fundador, buscando igualmente apagar e esquecer contradições e dissensos, a ditadura porfirista recalcou lutas e reivindicações que estavam nos subterrâneos da memória¹⁰⁰.

98 Silva Herzog publicaria ainda outros livros sobre a Revolução Mexicana, com destaque para os dois volumes de *Breve historia de la Revolución mexicana*, publicados na década de 1960 pela FCE.

99 HERZOG, Jesus Silva. La revolución mexicana en crisis. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 11, n. 5, p. 32-55, set/out. 1943. Bimestral.

100 Nesse sentido, mas argumentando com base nas comemorações do bicentenário da Revolução Francesa, coloca Helenice Rodrigues da Silva: “Comemorar significa, então, reviver de forma coletiva a memória de um acontecimento considerado como ato fundador, a sacralização dos grandes valores e ideais de uma comunidade constituindo-se no objetivo principal. Assim, por exemplo, o bicentenário da Revolução Francesa procurou celebrar, em 1989, os ideais universalistas inscritos na Declaração dos Direitos do Homem e dos Cidadãos, que consistiu em objeto de um consenso nacional. Desse modo, privilegiou-se dentro do período revolucionário, unicamente 1789, o ano da publicação dessa declaração e da instauração da idéia de democracia. O objetivo da escolha dessa data sendo explícito, era preciso apagar as lembranças de 1793, ou seja, esquecer deliberadamente a fase do Terror que marcou a

Silva Herzog organizou de forma didática e inteligente a conturbada e complexa linha do tempo da Revolução Mexicana – que, de tão complexa, não possui um marco final claro. Iniciada com a disputa eleitoral entre Porfirio Díaz e o liberal Francisco Madero, preso antes das eleições, e depois da vitória de Díaz, exilado nos Estados Unidos. No exílio, organizou o Plano de San Luis de Potosí, visando derrubar o *caudillismo* porfirista, bem como devolver as terras comunais aos camponeses e indígenas, tudo isso através da reviravolta legal com a restauração da Constituição de 1857, liberal e anterior ao porfiriato. Em 1911, o levante coordenado por Madero venceu, e Porfirio Díaz foi para o exílio, na Europa. Para isso foi essencial o apoio de Emiliano Zapata, líder indígena do sul do país, e de Francisco “Pancho” Villa, líder revolucionário do México setentrional.

Após contextualizar as figuras revolucionárias, Silva Herzog critica de forma contumaz a frase de Madero - “el pueblo no pide pan, pide libertad” - dizendo que liberdade sem pão não passa de uma mera ficção. Ao criticar aquilo que seria, em tese, um pronunciamento revolucionário, o autor aproveita para reforçar sua visão da Revolução Mexicana como processo, construída aos poucos, e não como uma formulação teórica *a priori*. Nesse sentido, afirma:

La Revolución Mexicana, fuera de ciertas ideas política de que ya se ha tratado, no tuvo una ideología previa, no tuvo un programa en lo económico ni en lo social, la ideología de la Revolución se fué formando poco a poco, lentamente, en el calor de los combates, en el fuego de la contienda civil y en el desencadenamiento de las pasiones populares.¹⁰¹

É também nessa direção que o já citado comentário de Carlos Altamirano, na introdução do volume II de “Historia de los intelectuales en América Latina” valoriza a experiência revolucionária mexicana de 1910 por ter sido pensada a partir das dinâmicas internas do México e da América, e não por fórmulas europeias apriorísticas. No mesmo livro, Javier Garciadiego articula a relação entre os intelectuais e a Revolução Mexicana, traçando uma sutil continuidade com a intelectualidade que engajara-se na defesa da Ordem e do Progresso porfirista, sobretudo no início, e destacando o lugar particular da intelectualidade mexicana quando comparada com outros intelectuais latino-americanos:

Revolução Francesa.” SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, dez. 2002. p. 432.

101 *Ibid*, p. 35.

La Revolución ahondó las particularidades históricas de los intelectuales mexicanos frente a los de otros países latinoamericanos. Como su principal característica, puede decirse que los intelectuales mexicanos del siglo XX no tuvieron que reflexionar sobre revoluciones ajenas – especialmente la Rusa o la Guerra Civil Española –, como lo hicieron obligadamente casi todos los intelectuales latinoamericanos.¹⁰²

Por um lado, os intelectuais que escreviam na revista influenciaram a experiência, e também a expectativa revolucionária. Por outro lado, suas reflexões sobre o processo e a natureza da revolução situam-se mais no campo simbólico do que material. Assim, os intelectuais desejavam um processo revolucionário, ou preocupavam-se mais com o repertório oriundo da revolução? Considerando o perfil dos autores e a posição progressista da revista, mas não ligada diretamente a movimentos revolucionários, entendemos que os textos da revista, sobretudo os de Herzog, ao mesmo tempo investigam e inventam a revolução – como parte de um ideário em torno da atuação pública do intelectual.

Contudo, o legado da revolução ocorreu, sempre, mediante muitas reviravoltas, em parte pela singularidade da experiência intelectual mexicana, conforme explicado no capítulo anterior a partir do rompimento entre Herzog e Larrea. Madero, depois de sair vitorioso da eleição mais popular do México até então, se debilitou em poucos meses. Segundo Herzog, isso ocorreu tanto pela ação dos adversários políticos, como pela sua inabilidade, enquanto estadista, de atacar as raízes dos problemas: questão agrária, educacional e trabalhista. Para Javier Garciadiego, foi o confronto entre o liberalismo de Madero e as demandas populares que rapidamente demoliram seu governo¹⁰³. Madero renunciou, em 1913, dois anos depois de eleito, e Victoriano Huerta, de forma ardilosa, o sucedeu no posto presidencial, rapidamente ordenando seu assassinato, com apoio da Embaixada dos Estados Unidos¹⁰⁴.

A narrativa da Revolução Mexicana que aqui contamos parece reproduzir uma história política tradicional, que inclusive alimentou a maioria dos livros didáticos nas últimas décadas. Embora coincida, em grande medida, com essas narrativas, o motivo é outro: por décadas, a historiografia predominante sobre a experiência revolucionária mexicana embasou-se justamente

102 GARCADIENO, Javier. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. ALTAMIRANO, Carlos (direc.). **Historia de los intelectuales en América Latina: II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 31-32.

103 GARCADIENO, Javier. La revolución. In: RODRÍGUEZ, Alberto Torres. **Nueva historia mínima de México ilustrada**. Cidade do México: El Colegio del México, 2008. p. 408-423.

104 BLANQUEL, Eduardo. La Revolución Mexicana. In: VILLEGAS, Daniel Cosío. **Historia mínima de México**. Cidade do México: El Colegio de México, 1994. p. 118.

na produção historiográfica de Jesús Silva Herzog. Em 1943, ela ainda estava no começo, mas o autor já estruturava suas balizas e bases interpretativas.

Todavia, ao traçar cronologicamente a revolução, Herzog não olhava apenas para o passado. Na segunda parte de seu texto dedica-se a explicar o título, ou seja, expor os argumentos da crise que a Revolução Mexicana passava. Primeiramente, o autor realiza um balanço dizendo que o período de 1917 a 1943 teve o menor número de presidentes, desde Porfirio Díaz. Embora não diga explicitamente, Silva Herzog nos indica o autoritarismo crescente do PRI, que atingiria seu auge no Massacre de Tlatelolco, em 1968¹⁰⁵.

Seu lugar governista fica logo evidente, ao elogiar o ex-presidente Lázaro Cárdenas (1934-1940) como melhor presidente desde a revolução, destacando a distribuição acelerada de terras, e sua postura acolhedora com os exilados. O elogio a Cárdenas encontra-se com a interpretação de Adolfo Gilly, que analisa o cardenismo enquanto utopia mexicana¹⁰⁶, sobretudo pelos enfrentamentos – mesmo que simbólicos – com os Estados Unidos, bem como o indigenismo¹⁰⁷, e a expropriação do petróleo mexicano, questão especialmente cara a Herzog, como já detalhado.

Especificamente sobre a crise revolucionária, Silva Herzog destaca fatores internos e externos. Internamente, refletiu sobre as contradições do capitalismo, aliada à corrupção e crise política, que levou ao abandono de causas basilares da Revolução Mexicana e da Constituição de 1917, sobretudo a crise na educação pública e a continuidade do latifúndio hereditário. Sobre a política externa, coloca que o México desde Carranza até Camacho ocupou lugar a parte, sempre defendendo boas causas – como nas crises ocorridas na Espanha (Guerra Civil Espanhola, 1936-1939) e na Abissínia (atual Etiópia, em 1934). Todavia, a defesa da justiça internacional, algumas vezes sozinho, não os livrava do grande perigo e da grande crise para a democracia no México e no mundo: a riqueza e o potencial militar dos Estados Unidos. Hoje, é senso comum afirmar que o imperialismo ianque foi intensificado na Guerra Fria, e sobremaneira no continente americano,

105 Sobre a escalada autoritária do PRI aliada ao crescimento econômico, entre os anos 1940 e Tlatelolco, cf: LOAEZA, Soledad. *Modernización autoritaria a la sombra de la superpotencia, 1944 – 1968*. In: VILLEGAS, Daniel Cosío; VELÁSQUEZ, Erik. **Nueva historia general de México**. Cidade do México: El Colegio del México, 2010. p. 653-698.

106 GILLY, Adolfo. **El cardenismo: una utopía mexicana**. México, DF: Ediciones Era, 2001.

107 Helen Delpar identifica o cardenismo como momento de ascensão do indigenismo e, também, do muralismo. DELPAR, Helen. *Mexican Culture, 1920 – 1945*. In: BEEZLEY, William H.; MEYER, Michael C.. **The Oxford history of Mexico**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2000. p. 556-585.

mas não o era naquele momento. Durante o governo de Roosevelt, essa crítica e preocupação explícita com a política externa norte-americana, apesar de não ser inédita, era engajada e pouco comum. Assim, a conclusão do texto ocorre com uma defesa apaixonada e fiel em torno da memória, história e legado da revolução:

La Revolución Mexicana se halla en crisis, más es necesario, es apremiante superar esa crisis. Esto sólo puede lograrse siendo leales a la Revolución, a sus principios y a su impulso generoso; castigando con decisión y sin miramientos a los prevaricadores, a los logrerros del movimiento revolucionario. La RM [Revolución Mexicana] ha consistido y consiste en la lucha de un pueblo para elevar las condiciones de vida de todos en todos los ámbitos de la vida. Entonces, si todos empleamos lo mejor de nuestra energía para alcanzar esta noble y a la vez difícil meta, bien pronto saldremos de la crisis desintegradora que nos azota y se habrá salvado la Revolución y el porvenir de México, que debe ser austero, fulgurante y creador¹⁰⁸.

Nesse momento, o intelectual e o político do PRI unem-se na figura de Jesús Silva Herzog, já que sua defesa e usos políticos da Revolução Mexicana encontram-se justamente com a institucionalização e nacionalização da revolução feita pelo partido, algo evidente nas três nomenclaturas durante a sua longa existência: Partido Nacional Revolucionário (PNR), de 1929 até 1938; Partido da Revolução Mexicana (PRM), entre 1938 e 1948; e, Partido Revolucionário Institucional (PRI), desde 1948 até hoje¹⁰⁹.

Portanto, ao atuar enquanto economista ligado ao PRI e como historiador, Silva Herzog assumiu uma postura ambígua com relação ao legado revolucionário. Por um lado, ao comemorar e rememorar, contribuiu para petrificar algumas imagens da revolução convenientes para serem utilizadas enquanto ferramentas políticas do seu tempo presente. Por outro, ao perguntar e colocar problemas para os acontecimentos, o autor transcende a simples memória, e produz história. Questionando suas motivações, usos e crises, o historiador não retirou o uso político do passado – que é impossível – mas abriu a possibilidade para uma variedade de apropriações, debates e críticas em torno do tema e de suas reverberações.

1959: ponto de inflexão e de esperança

108 HERZOG, Jesus Silva. *Op cit.* p. 55.

109 Uma análise nacional da revista foi feita pela socióloga Lidia Girola, que analisou a realidade mexicana, especificamente social e economicamente, através de CA. Cf: GIROLA, Lidia. Elites intelectuales e imaginarios sociales contrapuestos en la era del “milagro mexicano” y su expresión en la revista Cuadernos Americanos. *Sociologias*, [S.L.], v. 20, n. 47, p. 170-208, abr. 2018. Disponível em: FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004706>. Acesso em: 27 jul. 2021.

A Revolução Cubana (1959) é um dos principais marcos da História das Américas, sendo ponto de inflexão para pensarmos dinâmicas culturais, políticas, sociais e econômicas. Uma vez que tensionou as disputas da Guerra Fria no continente, ensejou o Embargo econômico contra a ilha caribenha, e redirecionou imaginários, lógicas culturais e identitárias na América Latina e no mundo. Em razão desse último ponto, a escolhemos como marco final do recorte temporal desta pesquisa, afinal a partir desse processo revolucionário há uma maior unidade, em detrimento de pluralismos, na forma de conceber o continente americano. Sobre essa unidade nas décadas de 1960 e 1970, Silva Júnior pontua justamente a instrumentalização da cultura para e pela revolução¹¹⁰. Apesar de tal unidade ser perdida com o tempo, no primeiro momento foi candente – a revolução era vista como sinal de esperança, humanismo e reviravolta irreversível. Ao mesmo tempo, no contexto europeu, a revolução se esmaecia com as primeiras crises políticas envolvendo a União Soviética, e a busca pela consolidação da democracia liberal, principalmente na Europa Ocidental.

Nesse sentido, analisaremos o texto “Realidad y esperanza en la política cubana”, de Loló de la Torriente (1907-1985). A autora cubana foi ativista política em seu país de origem desde a ditadura de Gerardo Machado (1925-1933), tendo sido presa nos Estados Unidos por um ano, acusada de propaganda subversiva. Após solta, a intelectual e advogada exilou-se no México, chegando ao país em 1937, durante o cardenismo. Escreveu nas revistas do Partido Comunista Mexicano, *El Nacional*, *El Popular* e no diário *Novedades*, destacando-se sua vinculação com o movimento intelectual e artístico do Muralismo – não por ser artista, mas por pensar o papel do intelectual no debate público. Nesse sentido, publicou sobre o muralismo mexicano, dois exemplos são: o texto “Conversación con David A. Siquieros sobre la Pintura Mural Mexicana”, publicado em 1947, nos *Cuadernos Americanos*; e o livro de memórias de Rivera, “Memorias y razón de Diego Rivera”, de 1959.¹¹¹

Seu texto que analisaremos foi dividido em sete partes, a primeira e a última já destacadas no título – realidade e esperança – e as demais, respectivamente: visão retrospectiva, sob o signo

110 SILVA JÚNIOR, José Antonio Ferreira da. **Retórica americana: temas e ideias político-culturais** em Casa de las Américas (1965-1976). 2014. 130 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279654>. Acesso em: 3 jun. 2021. p. 11-19.

111 BOLUFÉ, Olga María Rodríguez. **Relaciones artísticas entre Cuba y México (1920-1950): momentos claves de una historia**. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2011.

martiniano, o passado imediato, a noite alucinante e os olhos em vigília. O texto inicia-se com a epígrafe de Eduardo García del Coto: “Y al corazón de mucha gente sencilla que se pregunta qué pasa en Cuba”, que é representativa do tom do próprio texto. Escrito menos de um ano após a tomada de Havana (1º de janeiro de 1959), apresenta uma visão idealista e utópica sobre a revolução e os revolucionários. De qualquer forma, a autora adota uma posição histórica e historiográfica, ao buscar uma análise dos antecedentes da revolução, intensamente analisados desde 1895, o que permite análises precisas sobre a realidade cubana, em contraponto a afirmações completamente datadas sobre a Revolução Cubana e Fidel Castro.

Torriente começa explicando a ascensão de Fulgêncio Batista, ditador que fora derrubado pela revolução. Batista sucedeu a ditadura de Machado através da “Revolta dos Sargentos”, que a autora denomina como “Revolução Cubana de 1933”. Sobre o governo de Batista, Torriente realizou um levantamento do lugar econômico e interesses externos, sobretudo norte-americanos, em Cuba (açúcar, minérios, e outros produtos isolados, como fibras e couros), indicando a crise com a Segunda Guerra Mundial e o reforço da autoridade de Batista. Nesse sentido, também critica a corrupção e o entretenimento que tomou a ilha, motivando o apelido de Cuba como “quintal dos EUA” nesse período:

Era visible que se perdía cuanto habíamos heredado de los hombres buenos de la Colonia sin retener los entusiasmos patrióticos de los primeros repúblicos. Se comenzaban a levantar rascacielos fastuosos, se corrían autos charolados y se creaba unacasta cívico-militar que chapoteaba en el lodo glorificando a meretrices de lujo que se vestían en París para desnudarse en las calles de la Habana y, con ellas, una cohorte de militares enchapados, empresarios bribones, testaferreros opulentos, gangsters temidos y afeminados exhibicionistas. Esta plebe creció como la verdolaga floreciendo, como estiércol, en la frescura del “air conditioned”.¹¹²

Depois, já na segunda parte do texto, ao realizar uma análise dos antecedentes da revolução, Torriente estabeleceu conexões da realidade cubana com demais países da América Hispânica, fruto das raízes da conquista e colonização, indicando a exploração da terra e do subsolo para o enriquecimento de poucos e miséria da maioria, além das origens e consequências do tráfico de negros africanos escravizados – sobre as concepções de uma Afro-América, há um silêncio quase absoluto de CA durante nosso recorte, conforme apresentaremos de forma mais

¹¹²TORRIENTE, Loló de la. Realidad y esperanza EN la política cubana. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 102, n. 6, p. 35-65, nov/dez. 1959. Bimestral. p. 38.

aprofundada no próximo capítulo. No que se refere às conexões entre terra, trabalho, classes sociais e identidade, a autora coloca:

La tierra – como muchos años después escribiera José Martí – es la gran madre de la fortuna. Trabajándola los hombres van directamente a ella dependiendo de su cultivo y defensa la independencia de los individuos y, con ellos, la grandeza de los pueblos y, nuestra Isla, desgarrada por la codicia, forjo un destino sobre una tierra colorada, húmeda y caliente, que fructificó la simiente. La vida social se estableció en torno a ella no demorando en diferenciarse los españoles nacidos en la península de los que habían abierto los ojos bajo el fulgor del trópico. Se establece, en Cuba, un núcleo social que diferencia de los viejos residentes determinando su existencia en relación con el medio, el clima, la economía y otras concausas. A este vivir propio, preocupado e inquieto, es a lo que acertadamente se ha llamado “personalidad americana” del que emerge el mestizaje, negro e indio. No son notables, al comienzo, las diferencias entre los viejos residentes y los nuevos inmigrantes. La unidad racial y la “personalidad nacional” van propiciando un nuevo existir y pronto los hábitos, la mentalidad y los prejuicios de los nuevos inmigrantes entran en conflicto con las formas de vida americana.¹¹³

Como fruto desses atritos, conflitos e desigualdades causados em Cuba pela presença espanhola, a autora indica o século XVIII como início do desgaste da *hispanidad* na região, contraposto ao início do afloramento da *cubanidad*, que culminaria na contestação da autoridade colonial no final do século XIX. Nesse ínterim, apela para uma citação de Leopolda Zea sobre a substituição da identidade colonial pela nacional: “Es algo que se quiere ser, para dejar de ser lo que se ha sido”¹¹⁴.

Em seguida, introduz a herança de José Martí, fundamental para a compreensão das concepções americanistas, afinal foi o criador da expressão *Nuestra América*, a partir do seu livro homônimo, publicado em 1891, poucos anos antes de sua insurreição política e morte, em 1895. Apesar de terem fins opostos, Torriente encerrou seu texto estabelecendo uma continuidade intelectual e política entre Fidel Castro e José Martí. Nesse sentido, a terceira seção é iniciada com paráfrases de Martí, sobre a importância de escrever sobre e desde o interior do país, e não a partir das capitais e seus anacrônicos arranha-céus.

No en balde Martí comparaba al ser humano con una corriente de agua que nacía como arroyo murmurante, crecía airoso como río abierto para dilatarse – después – y encreparse remanzándose luego y, en generosa calma, verter su caudal al mar. Fecunda la campiña que atraviesa y su humedad refresca la atmósfera y alivia la resedad del

¹¹³*Ibid*, p. 42.

¹¹⁴*Ibid*, p. 42.

subsuelo. Así, nuestras generaciones asesinadas perfuman el ambiente dejando surcos humedecidos en una tierra llamada a fecundar.

No es necesario mirar muy atrás ni explorar muy hondo para encontrar el horizonte del ideal cubano. Está en la conducta y la obra de José Martí. Su apasionado vivir, su vehemencia, su inteligencia viva y afable y su generosa comprensión, atributos son del carácter isleño hecho a la comunicación abierta del mar y a la alucinación de los cielos espléndidos. Su prédica, cimentada en los principios más puros, es nutritora de las mejores esperanzas y sintetiza cuanto de grande y verdadero puede colmar el espíritu humano obligándolo, sin presiones externas, a reflexionar para superarse y vencer. Su ideario, por ser esencia misma del pueblo, unifica y madura las conciencias proyectándolas hacia el futuro. Es llama que alumbraba. Fuego que va alumbrando la Nacionalidad. Aliento oculto que se respira muy dentro en un desesperado esfuerzo por redimir al ser llevándolo a cumplir su destino. Este fascinante hechizo era el que animaba a los jóvenes compatriotas asesinados o desaparecidos en los últimos treinta años de lucha nacional.¹¹⁵

Nesse sentido, Torriente resgata as posições de José Martí sobre uma “guerra justa” pela independência de Cuba, ativismo levado a cabo pelo intelectual e político através do Partido Revolucionário Cubano, e culminado no Manifesto de Montecristo. Nesse manifesto o intento de produzir uma República independente foi declarado, a fim de construir uma Cuba grandiosa para um “pueblo grande”, que no conceito humanista que Torriente atribui a Martí “entendía por ‘pueblo grande’, cualquiera que fuera su tamaño, aquel de hombres generosos y mujeres capaces de resistir la prueba de la civilización que exige una humanidad de superior calidad.”¹¹⁶ A grandiosidade do povo e do movimento, que eclodiu em 1895, refletia-se nas duas possibilidades que tinham – vitória ou morte – culminando com mortes, inclusive a do próprio Martí. Vale destacar que a autora também denomina o levante de 1895 como Revolução, numa iniciativa de criar uma genealogia revolucionária na história cubana, e também pelo fato do processo revolucionário de 1959 ser recente. Naquele momento, por exemplo, ainda não havia ocorrido a vinculação ao socialismo e à URSS, e, tampouco, a Invasão da Baía dos Porcos.

Depois de debruçar-se sobre o final do século XIX, o texto volta-se para o passado imediato à 1959, analisando detalhadamente a ditadura de Fulgêncio Batista e a intervenção ianque no território cubano.

En 1944, al producirse lo que Eduardo Chibás calificó de “jornada gloriosa”, poco quedaba en pie de la soñada república martiana. Mediatizada por la Enmienda Platt

¹¹⁵*Ibid*, p. 45-46.

¹¹⁶*Ibid*, p. 46.

había naufragado entre complacencias y diatribas, entre ambiciones y egoísmos. Se exigí, para salvarla, un gran esfuerzo rectificador.¹¹⁷

A autora também analisa o avanço histórico latino-americano naquela metade de século XX, alegando, por sua vez, um excepcionalismo cubano:

Era evidente que nuestro Continente había pasado (o pasaba) por tres etapas diferenciadas de la primera de las cuales arrancando del pasado llegaba hasta la Revolución Mexicana (1910) en la que conminaba una minoría "liberal" que gobernó con constituciones arcaicas calcadas, de manera paradójica, de las más modernas del mundo. Era la farsa de los terratenientes "cultivados" que fueron abatidos con el lema de "conquista de la tierra" y "lucha agraria". Es decir que el espejismo de la independencia *parecía* abandonarse por el *ideal social* que en los años más recientes suscitaba "dictaduras sociales" contra los "señores de la tierra" en nombre de los "señores de la industria". De esta batalla nacía (o se formaba) un hombre nuevo (Vargas, en Brasil, Cárdenas, en México) que desarrollando las industrias consolidaba el poder económico y, por tanto, político de la burguesía criolla creando el proletariado hispanoamericano.

En Cuba este proceso se desarrolla más lentamente. (...) ¹¹⁸

Ou seja, Loló de la Torriente argumenta que a troca de oligarquia rural pelo populismo urbano não ocorreu em Cuba. Batista, para a autora, não era vinculado aos latifundiários e tampouco era um "ditador social" ligado à burguesia industrial, com atitudes populistas e trabalhistas voltadas à classe trabalhadora urbana. Era um ditador liberal, defensor ávido dos interesses norte-americanos.

Por fim, a autora analisa tanto a Revolução Cubana como os antecedentes dos revolucionários, iniciando com a tomada do Quartel Moncada, em Santiago de Cuba, a 26 de julho de 1953. Essa insurreição contou com a participação de Fidel Castro, que saiu da prisão para o exílio, a maior parte do tempo no México. Lá organizou sua volta a Cuba, que ocorreu no final de novembro de 1956, na costa oriental, próximo a Sierra Maestra, que seria o foco da guerrilha nos próximos dois anos. Por conta disso, a autora coloca a revolta de 1953 como ensaio da Revolução Cubana, e da proposta de cubanizar Cuba:

El asalto al Cuartel Moncada tuvo repercusión capital en el curso de los acontecimientos políticos nacionales determinando muchas cosas. La primera, que despertó a la ciudadanía. La estremeció, señalando el inicio de la cruenta lucha por la recuperación de los derechos humanos frente al régimen de oprobio que representaba Fulgencio Batista.

¹¹⁷*Ibid*, p. 48.

¹¹⁸*Ibid*, p. 52.

La segunda es que conducido el Dr. Castro, como acusado, ante un tribunal de excepción se revela como un verdadero líder, conocedor de su pueblo y de las esencias martianas que lo inspiran. Produjo el acusado, en aquella ocasión, un alegato, (sosteniendo su propia defensa) valiente y preciso, que fijó claramente la proyección de su pensamiento y lucha política dándole contenido ideológico al movimiento que organizado inmediatamente se conoce por “26 de julio” y, tercero, que aquel alegato esclarece de una vez por todas como la Revolución Cubana carece, por completo, de “orientaciones extrañas” siendo – tan sólo – el producto de un ideal martiano fragante y vivo en el Dr. Castro y los bravos muchachos que con él corrieron la aventura de la muerte al asaltar el inexpugnable cuartel. El análisis que el Dr. Fidel Castro desarrolló, en la vista de defensa, y la tesis que dejó establecida, prueban hasta qué punto la Revolución trata de *cubanizar a Cuba* reintegrándole las riquezas que le pertenecen, haciéndola dueña absoluta de su suelo y responsabilizándola con su dinero. Es decir, instaurando un estilo político que la haga absolutamente soberana sin intervencionismo extraños. Una política, en fin, más que de “nacionalización” de “cubanización”.¹¹⁹

Loló de la Torriente também realiza uma narrativa detalhada da guerrilha e de sua ascensão. Passando por táticas de guerra e pelas iniciativas encabeçadas pelas lideranças – sobretudo Fidel Castro, Ernesto “Che” Guevara, Camilo Cienfuegos e Raúl Castro. O clímax, em 1º de janeiro de 1959, vem com profunda utopia e esperança:

Batista no espera este momento. Reunido, en Columbia, con su familia y más íntimos colaboradores aborda cuatro aviones que ponen proa hacia Santo Domingo. Por la Habana corrían rumores pero nada concreto se conocía. Se cerraba la más negra página de la historia de Cuba. La noche alucinante se abría en un amanecer de esplendor. Era el 1º de enero de 1959. Cuando, pocos días después, Fidel arriba a la Capital, millones de compatriotas lo esperan para verlo pasar. Las mujeres lloran. Los niños lo vitorean y llueven flores sobre él y sus hombres. Nunca, otro recibimiento, tuvo carácter más espontáneo y caluroso. Dicen los que los presenciaron que sólo cuando el “viejo” Máximo Gómez entró en La Habana se vio júbilo igual pero ahora nuestra población ha crecido y nuestra Ciudad es otra más ancha, más ruidosa, más cosmopolita y heterogénea. Toda esa multitud se lanza a las calles. Hay música, banderas desplegadas, regocijo popular. Fidel no sólo era un ídolo de un pueblo cubano. Fidel era un libertador de la historia universal. Renacía la esperanza en el pueblo. Volvía la fe. Al hablar Fidel a los habaneros desde el polígono de la Ciudad militar de Columbia clarificó su posición política humanística basada en los principios martianos que habían dado calor a su ideario. Sobre el hombre del líder se posó la blancura de una paloma que desplegaba las alas. Era el símbolo de la paz.¹²⁰

Como sabemos, o legado da Revolução Cubana foi também de violência e perseguição a opositores, bem como a censura, marcado por amplas violações aos direitos humanos. É por isso que esse momento do texto é, em nossa análise, o mais datado, visto que apresenta Fidel Castro

¹¹⁹*Ibid*, p. 54-55.

¹²⁰*Ibid*, p. 58.

como libertador da história universal, baseado nos princípios humanistas de Martí. Nesse sentido, a autora volta a apresentar a visão de América Latina como o mundo novo no Novo Mundo, recriando a salvação da cultura ocidental que vimos durante a fundação da revista nos anos 1940, agora enquanto salvação da humanidade explorada e colocada na miséria pelo capitalismo e pelo imperialismo.

Destarte, o texto caminha para o fim destacando a essência martiniana e a projeção continental da revolução, enquanto “milagre fidelista” e florescer de esperança – esperança que, aliás, nomeia o texto e sua seção final. Assim, detalha as medidas tomadas durante o primeiro ano da revolução, boa parte estabelecendo a reforma agrária, a reforma integral da educação, a reorganização e depuração das forças armadas, bem como os processos de estatização e a nova política internacional de solidariedade com os países democráticos do continente. Se, de um lado, a solidariedade com outras democracias, e a defesa do surgimento de novas, representou um ponto fundamental nos primeiros anos da revolução, inclusive com o envolvimento direto de Che Guevara. De outro, a “depuração” das forças armadas remete ao castigo dado aos opositores, considerados criminosos de guerra.

A autora também destaca a expropriação das empresas que constituíam verdadeiros impérios das frutas no país – *United Fruit Company* e *West Indian* – e consequente reforma agrária, ressaltando a busca por superar males estruturais. Algo que, para Torriente, também reverbera o legado martiniano:

Si la grandeza y prosperidad de Cuba, como apuntó Martí, - depende de la agricultura, si poseemos un campesinato laborioso, apto y arraigado a la tierra, si nuestra Constitución manda que se proscriba el latifundio señalando el máximo de extensión que cada persona o entidad puede poseer - es legítimo?- se preguntaba el Dr. Fidel Castro ante sus jueces – que tal estado de cosas persista?¹²¹

Outrossim, a intelectual destaca o ativismo internacional por parte de Castro, citando, por exemplo, seu discurso na ONU:

La realidad es que “el comunismo avanza sobre estómagos hambrientos” – dijo el Dr. Castro en el corazón mismo de Manhattan – y las agitaciones e inestabilidad política que conmueven a Latinoamérica no tiene otro origen que la miseria, el hambre, la

¹²¹*Ibid*, p. 61.

explotación y el yugo espiritual impuesto a los empobrecidos pueblos que ven aniquiladas sus riquezas y reservas por usurpadores extranjeros. El humanismo nos regresó al espíritu de creación y en la vigilia volvimos a mirar el Universo y recrear en su grandeza que enciende, en nosotros, la aspiración de ser *hombres universales* reivindicando así – en el orden moral – la dignidad superior del ser. Todas estas razones tan olvidadas en el acontecer político de nuestra América, están renaciendo, cobrando fuerza, ganando adictos.¹²²

Ou seja, a autora coloca Castro como símbolo de humanismo, cultura, ética, cidadania e harmonia social. Além de destacar a aliança com intelectuais pela busca da verdade. Tudo isso, seria fortalecido com a criação de um aparato cultural visando instrumentalizar a revolução, com destaque para o *Instituto Cubano del Arte e Industria Cinematográficos* (ICAIC) e *Casa de las Américas* – instituição e revista. Diante disso, e conforme desenvolveremos também no capítulo 3, a Revolução Cubana constituiu-se como um marco fundamental para os imaginários políticos e concepções americanistas.

Conexões históricas de 1959

O efeito de unidade gerado pela Revolução Cubana foi um produto de outras relações e dinâmicas históricas daquele momento, podendo ser rastreado desde o final da Segunda Guerra Mundial (1945). Vicente Sáenz¹²³ defendeu esse argumento em seu texto “Latinoamérica en el proceso actual del mundo”¹²⁴ o qual, inclusive, inicia-se com a epígrafe: “Lo que nos han dejado las dos guerras mundiales”. O autor declara como objetivo de seu artigo a análise da penúria do decênio 1948-1958, destacando o enriquecimento dos Estados Unidos com as guerras, e também criticando a atuação dos presidentes que sucederam Roosevelt. Suas críticas ocorrem, sobretudo, à diplomacia do dólar, e às reinvenções do *Big Stick* e da Doutrina Monroe como novas formas de intervencionismo nas Américas. Como adiantado no capítulo 1, a morte de Franklin Delano Roosevelt (FDR) representou, com o tempo, o desencanto pela política externa dos EUA sobre a

¹²²*Ibid*, p. 62-63.

¹²³Vicente Sáenz (1896, São José da Costa Rica – 1963, Cidade de México) foi um jornalista e escritor costarriquenho que passou o século XX entre Costa Rica, México e Estados Unidos, justamente pela instabilidade política costarriquenha que o obrigou a se desterrar, diversas vezes, enquanto exilado. Sáenz foi um intelectual pouco estudado, tendo sido alvo de um artigo, em 2017, publicado pela própria *Cuadernos Americanos*: MEDINA, Mario Oliva. Vicente Sáenz: biografía intelectual y política de un americano desconocido. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 160, n. 2, p. 63-76, mar. 2017. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/cuadamer/textos/ca160-63.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

¹²⁴SÁENZ, Vicente. Latinoamérica en el proceso actual del mundo. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 100, n. 4, p. 42-60, jul/ago 1959. Bimestral.

América Latina, com destaque para a mudança do pan-americanismo¹²⁵. Nesse sentido, coloca Sáenz:

La muerte del ilustre estadista norteamericano el 12 de abril de 1945, pocos meses antes de que terminara la pavorosa hecatombe; el haber quedado la primera gran potencia del mundo capitalista en manos poco expertas, para la enorme responsabilidad que Washington tenía forzosamente que asumir, el lanzamiento innecesario de la bomba atómica sobre dos populosas ciudades del Japón, cuando ya estaba vencido el Eje de la barbarie nazifascista y quebrantada la resistencia japonesa; el rompimiento a medias con la Unión Soviética, por testarudez y ambición de dominio de unos y otros estadistas, después de haber sido aliados y de haberse felicitado mutuamente Washington y Moscú; la guerra fría, en suma, y todo lo que esa lucha ha significado de desgaste, miseria y desmoralización para la humanidad entera, son algunos de los factores que se han reflejado en nuestro medio.¹²⁶

Ou seja, o autor lamenta a morte de FDR e consequente projeção de Harry Truman a presidência (1945-1953), que representou tanto o bombardeio atômico contra Hiroshima e Nagasaki, em agosto de 1945, como uma intensificação dos conflitos com a União Soviética – a partir da Doutrina Truman, lançada em 12 de março de 1947. Evidentemente, acreditar que teria sido diferente com FDR na presidência, trata-se de elucubrações, e não fatos, e menos ainda conclusões históricas e historiográficas. Contudo, enquanto fato temos a morte de FDR como marco para o aumento do intervencionismo norte-americano na América Latina, e consequente aumento da rivalidade entre latino-americanos e ianques.

Escrevendo durante a presidência do militar Dwight D. Eisenhower, Vicente Sáenz realiza um levantamento dos reflexos dessa inflexão para a América Latina. Opondo-se ao avanço das ditaduras apoiadas e financiadas pelos Estados Unidos, e questionando as campanhas ao anticomunismo como continuidades do nazismo, fascismo, franquismo e falangismo.

Ya lo esboqué al empezar este trabajo, cuando me referí al decenio 1948-1958. Fue el decenio de los cuartelazos, de las dictaduras, del macartismo en todo su furor y su falacia. El decenio de los llamados “hombres fuertes”, con espaldarazo norteamericano. El decenio de los Odria, los Delgado Chalbaud, los Pérez Jiménez, los Laureano Gómez, los Rojas Pinilla, los Fulgencio Batista, a los que se tendría agregar al coronel Perón, no obstante que navegaba con los buenos vientos demagógicos del “antiimperialismo”. Y los que ya habían sido impuestos antes o lo fueron después: los Trujillo, los Somoza, los Castillo Armas, los Stroessner, el haitiano Duvalier!

125 Sobre a inflexão no discurso de CA sobre os EUA, de uma posição aliada para uma postura opositora e crítica, ver: BAROLÍN, Ezequiel Fabricio; ESPINOSA BLAS, Margarita, (2020) “¿“Buenos vecinos” o “enemigos”? Estados Unidos en el discurso de Cuadernos Americanos 1942-1968”, **Pacarina del Sur**, ano 11, núm. 43, abril- junho, 2020. ISSN: 2007-2309. Disponível em: www.pacarinadelsur.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1874&catid=1. Acesso em: 27 jul. 2021.

126 *Ibid*, p. 44-45.

La mitad del Continente en manos cuartelarias, con el respaldo, la simpatía, los halagos, las armas, los dólares e incluso las condecoraciones de Washington, por anãidura y a guisa de colofón, en ciertos casos inolvidables!

Mientras tanto, en nombre, por supuesto, del anticomunismo, sufrían en el destierro, en campos de concentración o en la cárcel, los gobernantes demócratas traicionados por el cuartel; los altos funcionarios de regímenes constitucionales, caídos en desgracia; pensadores, poetas, filósofos, novelistas; lo mejor, en fin, de nuestra América, valores profundamente enraizados en su tradición y en su tierra, calumniados, difamados, *apátridas* en lo que habría de ser nuestra gran patria común hispanoamericana.¹²⁷

O intelectual costa-riquenho ao apontar que a metade do continente estava dominada por quartéis, destaca que o melhor de *Nuestra América* – a intelectualidade democrática – sofria caluniada, difamada e apátrida. Ou seja, Sáenz resgata o idealismo martiniano para, em seguida, afirmar o lugar dos intelectuais na esfera pública, circulando entre o público e o privado, e discutindo e deliberando através do uso público da razão. Tal noção de esfera pública burguesa baseia-se na existência de uma democracia liberal também burguesa, algo inviabilizado pelos diversos autoritarismos citados pelo autor¹²⁸.

Nesse sentido, Sáenz coloca o golpe de Estado que derrubou o ditador Marcos Pérez Jiménez, na Venezuela, em 1958, bem como a Revolução Cubana, no ano seguinte, como sintomas de uma reviravolta política. O autor também deixa clara sua ressalva para o caráter tirânico desses motins, mas argumenta a favor de uma preponderância democrática. Vale comentar que, ao final, são feitas conexões com os movimentos de independência no continente africano e asiático – decolonialidade com relação a diferentes imperialismos, mas que apresentavam diversos pontos em comum.

Contudo, apesar da oposição a autoritarismos, o documento aproxima-se de noções coloniais, e não decoloniais, na medida que reproduz a preponderância do Norte Global sobre o Sul Global, relegando a agência histórica dos países latino-americanos mencionados, mesmo que seja para instaurar ditaduras militares em seus países. Mais de 60 anos depois, ainda vemos essa narrativa ser reproduzida na América Latina e em outras regiões do Sul Global, como forma de corroborar com teorias da conspiração externas, a fim de livrar o envolvimento da população nacional nesses golpes e ditaduras. Nessa direção, argumentam Rouquié e Suffern, em texto clássico sobre a temática dos militares e militarismos na América Latina:

¹²⁷*Ibid*, p. 46.

¹²⁸HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública**: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa. São Paulo: Editora Unesp, 2014. p. 327-393.

Ao que parece, o resultado da continuidade histórica do militarismo, que não é um fenômeno exclusivamente contemporâneo, não consistiu em aprofundar nossa compreensão relativa do fenômeno por meio da confrontação de numerosas experiências de períodos diferentes, mas, principalmente, em ocultar seus mecanismos mediante a simples projeção do presente sobre o passado ou, ainda mais comumente, do passado sobre o presente. O peso da história manifesta-se na importância que as interpretações deterministas de todo tipo adquirem, ao mesmo tempo em que a indignação cívica diante da traição pretoriana inspirou várias explicações conspirativas da intervenção dos militares na vida política.¹²⁹

Nesse sentido, é importante analisarmos alguns textos após 1959, a fim de notar as mudanças operadas na revista, começando pela terceira edição de 1960, com o texto “Un año de Revolución Cubana”, de Raúl Roa Kouri¹³⁰, um jovem diplomata cubano. Assim como Torriente, também buscou as raízes históricas da Revolução de 1959 em eventos anteriores da história cubana, concluindo que o processo revolucionário traria importantes consequências econômicas, com destaque para a superação da Cuba agroexportadora, através da Lei de Reforma Agrária. Ademais, como diplomata, insere Cuba no panorama internacional, para além da América Latina, dentro do quadro de políticas externas independentes, marcada pela Conferência de Bandung, realizada em 1955, na Indonésia, com a liderança de Nehru (Índia), Nasser (Egito), Sukarno (Indonésia) e Tito (Iugoslávia), que também reverberou no Brasil, seja na política externa de Jânio Quadros, ou até mesmo no “pragmatismo responsável” da ditadura civil-militar. Sobre a política externa cubana, afirma:

Por considerar uno el camino de los pueblos económicamente rezagados, y uno su destino ante la actual coyuntura, de renuiciamiento y remolde, que atraviesa la humanidad, la política exterior del gobierno revolucionario se ha caracterizado por el anudamiento de estrechos vínculos - culturales, comerciales y de acción - con los demás pueblos hambreados, olvidados y explotados de Asia, África y América. Se ha llamado ala nuestra, diplomacia de puertas abiertas: el pueblo de Cuba quiere mantener relaciones cordiales con todos los pueblos del mundo, y está dispuesto a mantenerlas sobre la base del respeto mutuo y la recíproca, provechosa amistad. No en balde hemos defendido siempre, en la Organización de Estados Americanos y en las Naciones Unidas, el principio de no intervención en los asuntos internos de los estados y el derecho a la libre autodeterminación de los pueblos, vapuleado innúmeras veces en ambas organizaciones

129 ROUQUIÉ, Alain; SUFFERN, Stephen. Os militares na política latino-americana após 1930. In: BETHELL, Leslie. História da América Latina: Volume VII: a América Latina após 1930: Estado e Política. São Paulo: Edusp, 2015. p. 269.

130 Raúl Roa Kouri (1936) é um diplomata e escritor cubano, filho de Raúl Roa García, importante diplomata no início da Cuba revolucionária. Roa Kouri trabalhou durante quatorze anos em Nova Iorque, como embaixador cubano na ONU, e ocupou postos em Brasília, Cidade do México, Praga, Paris, Roma e Santiago do Chile.

por quienes se proclaman sus paladines, ya sea en Guatemala, en Argelia o en Hungría.¹³¹

Roa Kouri, além de afirmar a política de portas abertas, destaca a pressão que o país fazia na OEA e na ONU, conforme aprofundaremos adiante, em torno da manutenção da soberania nacional cubana através do princípio de não intervenção. Por isso encerra fazendo referência a outros casos intervencionistas, como o da União Soviética na Revolução Húngara (1956), da França na Guerra de Independência da Argélia (1954-1962), e dos Estados Unidos na Guatemala (1954). E conclui, de forma impactante, defendendo a posição de Cuba a favor dos povos necessitados, que desejam democracia efetiva e justiça social, o que considerando os rumos revolucionários no país, não deixa de carregar certa dose de ironia.

En efecto, el gobierno revolucionario y el pueblo de Cuba han ligado su destino al de los pueblos más necesitados de este mundo, y codo con codo, están empeñados en una lucha irrevocable: la gran batalla de la autodeterminación nacional, el desarrollo económico, la democracia efectiva y la justicia social. O sea, hacer carne de realidad la divisa de nuestro movimiento: “Ni libertad sin pan, ni pan sin Libertad. Ni capitalismo sin justicia social ni comunismo sin libertad individual. Libertad con pan, pan sin terror.”¹³²

Também dentro das discussões diplomáticas, mas agora a partir do México, temos o texto “Presencia de México en las Naciones Unidas. El caso de Cuba”, transcrição do discurso do Embaixador do México na ONU, Luis Padilla Nervo¹³³, em 18 de abril de 1961. Seu discurso começa destacando a preocupação do México na tensão crescente entre EUA e Cuba:

En pocos países, esta situación conflictiva ha tenido tanta repercusión e impacto como en el mío y la razón de ello es fácil de entender. Las excelentes relaciones de amistad que por ventura existen entre México y los Estados Unidos son uno de los ejes principales de su política exterior. Por el otro lado, los estrechos vínculos que tradicionalmente ha unido a México con Cuba, se suman ahora a la simpatía natural que sentimos por las aspiraciones y esfuerzos que realiza el pueblo cubano para mejorar aceleradamente sus condiciones de vida.¹³⁴

131 KOURÍ, Raúl Roa. Un año de Revolución Cubana. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 105, n. 3, p. 42-52, mai/jun. 1960. Bimestral. p. 50.

132 *Ibid*, p. 52.

133 Luis Padilla Nervo (1894-1985) foi um diplomata mexicano. Formado em Direito pela UNAM, atuou como embaixador mexicano na ONU duas vezes (1942-1952 e 1959-1963), tendo também presidido a Assembléia Geral de 1951, além de ter ocupado o posto de Ministro das Relações Exteriores do México (1952-1958).

134 NERVO, Luis Padilla. Presencia de México en las Naciones Unidas. El caso de Cuba. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 111, n. 3, p. 72-83, mai/jun. 1961. Bimestral. p. 72.

Buscando destacar tanto a postura do então presidente mexicano, Adolfo López Mateos, como da opinião pública mexicana, o embaixador reconhece a importância da relação com os EUA, e os traumas do seu intervencionismo no México, marcados por memórias históricas amargas. Assim, defende a “boa vizinhança” entre EUA e Cuba, com vistas à evitar uma intervenção militar, nomeando erros do passado, a exemplo de 1954, quando o Conselho de Segurança negou uma queixa guatemalteca, no marco intervenção ianque contra Juan Jacobo Arbenz Guzmán, exilado no México desde então.

La concepción y formulación interamericanas del principio de No Intervención son particularmente severas. No sólo excluyen la intervención armada, directa o indirecta, individual o colectiva, sino toda forma de ingerencia atentatoria de la personalidad del Estado, de los elementos políticos, económicos y culturales que lo constituyen, y sea cual fuere el motivo, según reza el Artículo 16 de la Carta de la Organización de los Estados Americanos.¹³⁵

Assim, inicia uma defesa técnica dos processos revolucionários, tendo em vista a soberania nacional, razão pela qual evoca a Convenção de Direitos e Obrigações dos Estados em caso de Lutas Civis, assinado em Havana, em 1928, e ratificado pelo México (1929), EUA (1930) e Cuba (1934). Também propõe um projeto de resolução baseado em três pontos: chamado urgente para que os Estados não enviem recursos que possam ser utilizados na guerra civil em Cuba, convocação para esforços pelo fim do derramamento de sangue, e reforço da cooperação pela solução pacífica, concluindo com a evocação do “espírito americano”, baseado em Bolívar, San Martín, Lincoln e Martí.

Obviamente que a defesa diplomática do México reflete muito os interesses do próprio país com relação aos EUA, e o desejo de frear seus intervencionismos, o que como sabemos, e em especial no caso cubano, não ocorreu. Ainda em 1961, tivemos a Invasão da Baía dos Porcos e, no ano seguinte, o Embargo dos EUA a Cuba e a Crise dos Mísseis, após a aproximação de Cuba com a URSS.

A escolha por reproduzir o discurso diplomático, também revela a posição da revista, o que apareceu em outros textos, como em “Veinte años al servicio del mundo nuevo”, de Jesús Silva Herzog, ainda em 1961. Nele, o diretor da revista comemora os 20 anos de fundação dos 135 *Ibid*, p. 74.

CA, buscando construir a narrativa fundacional da revista, inclusive elogiando Juan Larrea. Para além disso, que já foi discutido, merece ênfase a conclusão de seu texto:

Y para destruir o por lo menos atenuar esa desconfianza, los gobernantes norteamericanos necesitan cambiar de una vez por toda, sincera y radicalmente supolítica con la América Latina; necesitan demostrar que sobre los intereses privados de sus inversionistas están los intereses generales de nuestros pueblos; necesitan probarnos con actos claros y decisivos que desde hoy son amigos leales y no solapados verdugos. [...] Mientras tanto sostengamos el principio de la no intervención y el de la autodeterminación, dejando a los lacayos la negación de tales principios. Por autodeterminación debe entenderse la opinión mayoritaria de un pueblo libremente expresada, a favor de una organización económica social y política con claridad y precisión.¹³⁶

Portanto, destacamos a importância de analisar as infinitas reviravoltas políticas da América Latina, entre experiências democráticas e autoritárias, no passado e no presente, reconhecendo e analisando o papel e a agência histórica dos cidadãos nacionais nesse processo. Não obstante, é necessário manter conexões transnacionais desses processos históricos, mas sem permitir que tais conexões se sobreponham, ou mesmo anulem, os processos internos.

136 HERZOG, Jesús Silva. Veinte años al servicio del mundo nuevo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 114, n. 6, p. 7-18, nov/dez. 1961. Bimestral. p. 7.

Capítulo 3: Visões do americanismo em *Cuadernos Americanos*

Os imaginários iniciais (1942-1945)

As concepções americanistas criadas e difundidas por intelectuais na revista *Cuadernos Americanos* nesse período (1942-1959) encontram-se, em linhas gerais, entre dois períodos: a Política da Boa Vizinhança, no quadro da Segunda Guerra Mundial, e os imperialismos e intervencionismos do início da Guerra Fria. Contudo, há uma zona de transição cinzenta entre esses dois períodos quando analisamos os artigos da revista, a qual buscaremos delimitar.

No segundo número de 1944, o texto de Leopoldo Zea, “Las dos Américas”, abriu a revista. O mundo ainda vivia os horrores da guerra, mas a vitória dos Aliados era cada vez mais evidente, e, na América, ao mesmo tempo que a liderança ianque era ressaltada, também se especulava sobre o futuro da relação entre Estados Unidos e América Latina. Diante disso, Zea reflete sobre a união das Américas:

Quizá uno de los problemas más discutidos en nuestra América, y en especial en estos Cuadernos Americanos, ha sido el problema de la relación entre las grandes secciones que forman dicha América: la América sajona y la América latina. Se trata de la relación entre dos grandes secciones de América cuyos caracteres se presentan si no antagónicos sí opuestos. (...) Cada una de las Américas posee cualidades que faltan a la otra. La América Sajona tiene como característica su gran capacidad técnica, material. La América Latina una gran capacidad cultural, es decir, espiritual¹³⁷.

Nesse sentido, enquanto filósofo e historiador, Zea opõe as Américas dentro da noção de espírito de Max Scheler¹³⁸, colocando a América Anglo-Saxã e a América Latina como, respectivamente, material e imaterial - relembrando o arielismo de Rodó. Dessa forma, no pós-guerra, seria necessária a união entre economia e cultura das duas partes do continente.

Nadie más seguro para resolver los problemas de la post-guerra que el sajón. Los hispanoamericanos sentimos la falta de este espíritu práctico como un gran defecto y hemos hecho en nuestra historia varios esfuerzos por adquirirlo. En cambio el sajón, sin negarle importancia a la adquisición de la cultura espiritual, no parece preocuparle mucho tal adquisición, y si le preocupa es para ponerla al servicio de su ideal de vida.¹³⁹

137 ZEA, Leopoldo. Las dos Américas. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v.14, n. 2, p. 7-20, mar/abr. 1944. Bimestral. p.7.

138 Max Scheler (1874-1928) foi um filósofo alemão, considerado um dos fundadores da fenomenologia.

139 *Ibid*, p. 10-11.

Para fortalecer seu argumento de união das duas forças americanas, Zea resgata o positivismo porfirista como exemplo que a tentativa de superar essa dita vocação latino- americana levaria, novamente, ao fracasso:

Quienes así pensaron fueron los positivistas mexicanos. Nuestros positivistas trataron de dotar a los mexicanos de las cualidades propias de la raza sajona extirpando lo que consideraban defectos de la raza latina. Toda esa gran época mexicana llamada Porfiriismo tuvo como fin un supremo ideal, el de sajonzar a los mexicanos para que pudiesen enfrentarse con armas semejantes al poderoso país del Norte. (...) No más utopías, no más idealismos; México necesitaba ser un país fuerte, y sólo podría serlo si los mexicanos se transformaban en hombres prácticos.¹⁴⁰

Evidentemente, Zea está criticando o Porfiriato, sobretudo ao destacar a ideia derrubada do regime, o qual defendia que para alcançar o progresso material era necessário enfraquecer a raça mexicana.

Otra fué la realidad; en vez de hacer de México un país tan fuerte y poderoso como el país al cual temían lo único que hizo fué aletargar las cualidades propias de los mexicanos. Se quiso dotar a los mexicanos de las cualidades propias de la raza sajona y lo único que se logró fué estorbar el desarrollo de las propias cualidades sin obtener las cualidades buscadas. El instrumento para engrandecer a México se convirtió en un fin puesto que se sacrificó lo que era propio de México en aras de un fin que ya no le era propio. Se quiso salvar materialmente a México del peligro que para él representaba el país sajón del Norte; pero se le entregaba espiritualmente. Se daba el alma a camino del poder material.¹⁴¹

Nesse sentido, o autor segue criticando o positivismo porfirista e sua noção de “raça latina” como egoísta, absolutista e anárquica, bem como menciona a instituição da Constituição positivista de 1857, base do Porfiriato (1876-1880 e 1884-1911). O fracasso desse regime, como já explicado, se deu com uma das maiores revoluções da América Latina e do mundo que iniciando-se durante os debates e reflexões do centenário da independência mexicana (1910), e sem possuir um marco final claro, sacudiu o país e o continente com a necessidade de repensar a organização do país e suas conexões externas, a exemplo da valorização dos povos originários.

Por fim, conclui evocando a ideia de que a união não ocorre através da eliminação das diferenças, mas pela busca da igualdade, ou seja, pela complementaridade entre as Américas. Nessa conclusão, também cita a União Soviética, já adiantando a expectativa de uma nova disputa global que estava no horizonte, conforme o trecho abaixo (grifo nosso):

140 *Ibid*, p. 13.

141 *Ibid*, p. 14.

El problema que nos hemos planteado en este ensayo ha sido el de las relaciones entre las dos Américas: la sajona y la latina. Y este problema no se resuelve proponiendo la unificación de sus cualidades. No podemos pensar en una América en la cual todos sus habitantes, sajones y latinos, participen por partes iguales de las cualidades de ambas razas. No podemos pensar en una Norteamérica en la cual haya un equilibrio entre sus cualidades para dominar la técnica y sus cualidades para la cultura espiritual; ni en una Hispanoamérica con semejante equilibrio. De ser posible este equilibrio, se formaría una sola raza: iguales serían norteamericanos y latinoamericanos. **Pero la igualdad nopedu ser un ideal a perseguir, la personalidad debe ser el ideal perseguido.** Tanto Norteamérica como Hispanoamérica deben sostener los caracteres que les son propios sin tratar de confundirlos. Las relaciones entre ambas Américas deben basarse en un mutuo respeto. Cada América debe ayudar a la otra en la realización de los valores que les son propios sin pretender imponer valoraciones que les son ajenas. Entre sí no deben tomarse sino aquello que consideren necesario para su propio desarrollo sin pretender ser una América la calca de la otra. Esto fué lo que intentó hacer México con el positivismo y la causa de su fracaso.¹⁴²

O texto de Zea já prevê uma nova configuração na ordem mundial, mas ainda olha com pouca desconfiança para os Estados Unidos, que ainda vivia o excepcional período de paz e de respeito à soberania latino-americana. A inflexão entre a Política da Boa Vizinhança e o intervencionismo da Guerra Fria teve como primeiro marco a posse do vice-presidente Harry S. Truman, após a morte de Franklin Delano Roosevelt, em 12 de abril de 1945. Na véspera de sua morte, Jaime Torres Bodet¹⁴³ discursou na Academia Mexicana de Letras, devido à sua admissão.

Em seu discurso, publicado na revista como “Misión de los escritores en la organización de la paz”, Bodet reflete sobre uma guerra que estava prestes a terminar – na Europa isso ocorreria três semanas depois de seu discurso, em 2 de maio de 1945, com a tomada efetiva de Berlim pelos soviéticos; enquanto o fim absoluto da guerra viria em 2 de setembro do mesmo ano, com a rendição dos japoneses, após o detonar das duas bombas atômicas. Assim, Bodet reflete sobre a crise mundial daquele momento e a necessidade de unir a função intelectual dos escritores à função política:

Precisamente porque existieron, durante lustros, muchas generaciones que creyeron poder servir a la inteligencia sin servir a la humanidad; precisamente porque existieron, durante lustros, muchos especialistas de la cultura que edificaron en el aire sus utopías y muchos oficientes del arte que declararon malsano para su obra cuanto excediera el

142 *Ibid*, p. 19.

143 Jaime Torres Bodet (1902-1974) foi um político, diplomata e escritor mexicano que atuou como Ministro da Educação (1943-1946), Ministro das Relações Exteriores (1946-1948) e Diretor Geral da UNESCO (1948 e 1952). Cf: [UNESCO-UNAM / Jaime Torres Bodet Prize in social sciences, humanities and arts](#)

espacio breve de lo que llamaron su "torre de marfil", es por lo que llegó a establecerse, en gran parte de las naciones, un doloroso divorcio entre la vida y la inteligencia, entre la política y la cultura. Ahora bien, ese divorcio ha provocado tantos desastres que no podríamos atrevernos a acusar de él, exclusivamente, a las mayorías que lo admitieron. Donde el intelectual haya renunciado a sus funciones de orientador, la paz futura requerirá que el divorcio a que aludo desaparezca. Porque si un pensador español habló de la rebelión de las masas antes del conflicto, la inteligencia ha experimentado otras formas sutiles de rebeldía: el orgullo del aislamiento, la negación al servicio público y la creencia de que el civismo es tan sólo oficio, mera especialidad.¹⁴⁴

Tema caro para a História Intelectual, pensar a intelectualidade dentro do debate público e fora da sua “torre de marfim”, segue muito atual. Contudo, os horrores da Segunda Guerra Mundial mostraram também que a cultura nem sempre humaniza, e que a participação do intelectual na política pode significar justamente o oposto, vide os exemplos dos que apoiaram, justificaram e instrumentalizaram os regimes fascistas. É justamente nesse sentido que Bodet conclui seu texto:

Nuestra dignidad – y tal vez no sólo la nuestra – dependerá del acierto con que escojamos entre el camino de la llanura que lleva, entre muelles ondulaciones, a la comodidad y al desistimiento y el camino de la montaña que va, entre riscos, hacia el heroísmo de la belleza y de la verdad. La obligación más alta de los artistas y de los escritores de nuestro tiempo es la de devolver a los hombres una esperanza. Pero no la esperanza blanda y afeminada de que la paz equivale a una póliza contra todos los riesgos de la existencia, sino la varonil esperanza de que vivir es aceptar los peligros, sobrellevarlos y saber dominarlos con valentía, en función y por obra de un ideal. Quiera México que todos sus escritores – los presentes y los ausentes – merezcamos asumir esa obligación. Tal es, señores, el voto que elevó, fervientemente, al unirme a vuestra Asamblea.¹⁴⁵

A preocupação apresenta possíveis caminhos para paz, esperança e dignidade se fortalecerem com o fim definitivo da Segunda Guerra Mundial. Porém, o fortalecimento é parcial, uma vez que um novo conflito se anunciava. Nesse contexto, Guillermo Díaz Doin publicou o texto “La política de no-intervención” refletindo sobre a construção de uma nova sociedade internacional, através do balanço dos erros que geraram as catástrofes daquele período, sobretudo as guerras, o imperialismo e o nazi-fascismo. Por outro lado, também defende o fim do princípio liberal de não intervenção do Estado, mas sem valer-se de argumentos pueris ou arcaicos, e sim de um estudo sistemático.

144 BODET, Jaime Torres. Misión de los escritores en la organización de la paz. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 21, n. 3, p. 7-17, mai/jun. 1945. Bimestral. p. 10.

145 *Ibid*, p. 17.

Seu texto inicia-se com um panorama histórico que remonta à Revolução Francesa e à Era Napoleônica. Para o autor, foram as Guerras Napoleônicas que estimularam o intervencionismo militar de países como Rússia, Áustria e Prússia, a despeito de uma postura majoritariamente não-intervencionista dos ingleses, na Europa. O primeiro se consolidou em invasões, como em Nápoles, concluída em 1820 no marco do Congresso de Troppau. Mas sua grande fraqueza foi a manutenção das Independências nas Américas, consolidada em grande medida pelo apoio dos EUA, através da Doutrina Monroe (1823), construída em oposição à Santa Aliança.

A política de não-intervenção inglesa nas duas guerras mundiais, justificada pelo seu lugar à parte, enquanto ilha, preponderou também na Guerra Civil Espanhola - Lorde Plymouth presidiu o "Comitê de não-intervenção" que patrulhava a costa marítima da Espanha. O que, para Díaz, fortaleceu o nazi-fascismo.

No tiene justificación. Las potencias democráticas, concretamente Francia e Inglaterra, o más concretamente esta última, ya que la primera en esta época no era ya sino un satélite del *Foreign Office*, cedieron al chantaje de las dictaduras totalitarias. Fueron violadas las normas de la vida jurídica internacional para *no dar pretexto* a las potencias fascistas. ! Singular teoría! Con esa moral apaciguadora, las democracias occidentales fueron cediendo terreno días tras día, y hora tras hora, hasta el punto de hacer inevitable la catástrofe...¹⁴⁶

A Guerra Civil Espanhola, como já abordado, possui um lugar especial nos *CA* devido aos republicanos espanhóis exilados que residiam intelectualmente em suas páginas. Apesar disso, é evidente que, em certa medida, o conflito adiantou características da Segunda Guerra Mundial e fortaleceu os fascismos no poder – nazismo alemão, fascismo italiano e franquismo espanhol – em razão da falta de intervenção das potências liberais, especialmente França, Reino Unido e, também, a recém-criada Sociedade das Nações. É nesse sentido que Doin resgata as bases do contrato social para compreender o maior desafio da política internacional no século XX:

El orbe internacional se encuentra todavía en un estado de naturaleza, en esa fase previa, anterior a la organización social, de que nos habla Rousseau en su obra famosa. Falta en las relaciones internacionales una institución jurídica análoga a lo que el Contrato Social representa a la convivencia de los individuos. Se objetará que ya existen acuerdos, pactos, convenios, tratados, que en cierta forma vinculan las voluntades de las partes contratantes. Pero, esto no basta, pues a todos ellos les falta la cualidad esencial para que

146 DOIN, Guillermo Díaz. La política de no-intervención. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 25, n. 2, p. 7-27, mar/abr. 1946. Bimestral. p. 19.

las obligaciones contraídas puedan hacerse efectivas: la existencia de un poder coactivo que obligue al cumplimiento de estos compromisos.¹⁴⁷

Em seguida, pontua a diferença entre a Organização das Nações Unidas (ONU) e sua predecessora, a Sociedade das Nações, mas destacando a dificuldade que a falta do poder de intervenção representa:

Si las Naciones Unidas, como organismo internacional representan el intento de establecer un poder supremo al que se subordinen los intereses particulares de los Estados miembros de esa comunidad de naciones, y por consiguiente existe el propósito – ya que va implícito en la empresa que se trata de llevar a cabo – de aceptar ciertas limitaciones a la soberanía de dichos Estados miembros, entonces no sólo es que el problema de la no intervención en los asuntos internos de los país cobra otro aspecto, sino que representa una necesidad para el buen funcionamiento del orden internacional. Es más, la intervención constituiría una pieza esencial para la efectividad y cumplimiento de los acuerdos internacionales.¹⁴⁸

O problema da não-intervenção da ONU identificado por Doin no seu primeiro ano de existência é alvo de críticas até a atualidade, na dificuldade que a organização encontra de transcender as sanções e mediações formais, muitas vezes com pouco efeito prático¹⁴⁹. De qualquer forma, o autor toma cuidado ao defender tais intervenções: “No es necesario decir que la intervención en los asuntos internos de un Estados es una cuestión que requiere el máximo cuidado. Es un arma peligrosa que exige que se maneje con la mayor responsabilidad.” E, também, coloca na conclusão de seu texto:

Para terminar, diremos que el hecho de que se emplee o no el principio de no intervención como instrumento de política internacional, puede ser la piedra de toque que nos ponga de manifiesto la eficacia de las Naciones Unidas y su decisión de poner en marcha una sociedad nueva basada en la libre determinación de los pueblos y en la absoluta eliminación de los focos fascistas.¹⁵⁰

Ironicamente, as intervenções seriam a base da política imperialista dos EUA na América Latina, sobretudo durante a Guerra Fria. O que, claro, contradiz o princípio do argumento do autor, e, também, as bases legais da ONU. Um exemplo disso é outro texto, publicado também em 1946, intitulado “Variaciones sobre el tema de la Buena Vecindad”, de Gustavo Polit.

147 *Ibid*, p. 24.

148 *Ibid*, p. 26.

149 Cf: HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

150 *Ibid*, p. 27.

O texto se insere no contexto de preocupação com a nova política externa norte-americana, que sucederia a Política da Boa Vizinhança de Roosevelt, após a ascensão de Truman. Assim, o autor inicia seu texto da seguinte forma:

Desde antes de terminar el último conflicto, los latino-americanos han venido preguntándose, cada vez con más insistencia, cuál es la política que el nuevo gobierno de Estados Unidos observa hacia la América Latina. Ya desde la actitud tomada por los representantes norteamericanos en la conferencia de Chapultepec, los latinos comprendemos que esa política, en su aspecto económico, hiere de frente nuestros intereses.¹⁵¹

A Conferência de Chapultepec (oficialmente: Conferência Interamericana sobre Problemas de Guerra e Paz), realizada entre 21 de fevereiro e 8 de março de 1945, no castelo de Chapultepec, na Cidade do México, entre EUA e 19 países latino-americanos, foi um dos últimos suspiros do governo FDR. As suspeitas que recaiam sobre Truman, incluíam a própria execução das medidas estabelecidas nesta conferência:

El éxito de Roosevelt al despejar sospechas y dudas sobre las buenas intenciones de su gobierno encuentra paralelo en el éxito del actual gobierno de volver a viejas tácticas y métodos que otra vez han menoscabado gravemente la fe de los latinoamericanos de que este continente pueda llegar a ser, en verdad, un modelo, en cuanto a las relaciones internacionales, de ese mundo mejor por todos esperado como premio a los sinsabores y sacrificios de la última guerra. Examinemos algunas de las quejas que hoy profieren nuestros países.¹⁵²

Nesse sentido, o autor critica também o acúmulo de recursos nos EUA, que levava a um congelamento dos preços nas importações e, conseqüentemente, a um processo deflacionário condicionado ao monopólio yanque - “Algunas de nuestras materias primas siguen hoy un curso deflacionario en sus precios, pese a la enorme demanda que por ellas existe em todos los países del continente europeo y en la própria Unión Soviética.” Nessa última passagem, fica evidente o incômodo com a zona de influência capitalista no início da Guerra Fria, com especial menção às desvantagens econômicas do México.

151 POLIT, Gustavo. Variaciones sobre el tema de la Buena Vecindad. **Cuadernos Americanos**, v. 29, n. 5, p. 24-42, set/out. 1946. Bimestral. p. 24.

152 *Ibid*, p. 25.

Na sequência, critica a ascensão de uma nova direita, defensora do imperialismo, e da manutenção de históricas desigualdades sociais, também estabelecendo uma comparação com o nazismo, a fim de sensibilizar e mobilizar:

Esta actitud es parecida a la que observaron las clases aristócratas y ricas de Europa frente a las promesas de Hitler y su camarilla que erigiéndose en defensor de los intereses históricos y políticos de Europa, avasallaron a esas naciones y las convirtieron en instrumentos de la política imperialista del tercer Reich. En nuestras repúblicas encontramos pues la misma división interna que permitió a Hitler ocupar a cada uno de esos viejos y cultos países. El rico banquero; el ávido comerciante; el burócrata corrompido, sin más ambición que el lucro personal; ciertos sectores militares, con ambiciones dictatoriales y sueños napoleónicos; nuestra juventud perezosa y perfumada; los terratenientes feudales, sin compasión por los heredados de nuestros países; todos ellos forman la vanguardia de esta nueva política de entrega a un imperialismo combatido anteriormente con todas las armas a su alcance. En esas mismas filas encontramos a ciertos intelectuales nuestros, petulante y sin visión, listos a vender su pluma por el dudoso honor de una traducción oficial de sus obras o por un paseo costado al país extranjero, que pone a su disposición las aulas y el forum de sus famosas universidades para divagar sobre los aspectos culturales de nuestros países.¹⁵³

Sua crítica também dirigiu-se aos intelectuais que, por sua vez, são instados a politizarem-se contra tais iniciativas ianques. Assim, coloca sua esperança na esquerda, nos partidos comprometidos com reformas sociais, materializados nos trabalhadores, camponeses, intelectuais fiéis à causa comum popular, os jovens ambiciosos de uma nova universalidade - “Todo aquel que abra los ojos y el corazón a los sufrimientos y privaciones de la mayor parte de la población latinoamericana no puede menos de alistarse en las filas del segundo grupo.”

Por fim, enfoca na justiça social e na transnacionalidade latino-americana, pensando na construção da paz mundial a partir da América Latina, como na superação da crise da cultura ocidental. Defende, assim, a participação de organismos internacionais visando a defesa da soberania nacional ante expansionistas e imperialistas, sobretudo os Estados Unidos.

Hemos perdido la costumbre de pensar como una unidad y nos aferramos a la idea de consolidar pequeñas nacionalidades que nacieron en un momento de descuido latinoamericano, en los álgidos días de la guerra de independencia. Sin embargo, en nuestros países, unidos, existen suficientes medios naturales para crear el progreso y el bienestar de nuestro pueblo. [...] Todo lo tenemos en nuestra América. Sólo nos falta la determinación para romper las cadenas de la servidumbre internacional que hoy limitan otras actividades, ponen coto a nuestras aspiraciones, y que han hecho de nuestra sociedad un escándalo en la historia moderna.¹⁵⁴

153 *Ibid*, p. 28.

154 *Ibid*, p. 30.

Assim, termina com uma proposta de aliança ante uma eventual próxima guerra, aliança essa voltada para concentrar propostas de paz, para além dos novos blocos beligerantes – EUA e URSS.

O esmaecimento do pan-americanismo (1945-1959)

Com a morte de Roosevelt, o empreendimento da Política da Boa Vizinhança e do pan-americanismo enfraqueceram. Com isso, os intelectuais latino-americanos que dirigiam e colaboravam com a revista *Cuadernos Americanos* passaram por um período dúbio: por um lado, havia um relativo saudosismo com relação à FDR e ao sonho do pan-americanismo; por outro, concentravam esforços em novos imaginários e projetos políticos na América Latina, em que a crítica aos EUA, pouco a pouco, se tornaria uma constante. É nesse período que a pluralidade de imaginários é maior e onde nosso foco se concentra, pois já não existe uma postura ligada aos Estados Unidos, e tampouco há uma unidade em torno de um projeto específico, como aconteceria após a Revolução Cubana (1959). Por unidade, me refiro à união gerada entre aqueles que apoiavam e se inspiravam na experiência da ilha caribenha, e também aqueles que se uniam para combater sua difusão. Evidentemente, que não havia apenas duas forças políticas em batalha, como “progressistas” e “conservadores”, já que também existiam aqueles que possuíam um olhar crítico ao autoritarismo cubano e ao imperialismo ianque.

É nesse sentido que, em 1947, a revista sediou um debate que contou com a presença de Jesús Silva Herzog, Mariano Picón Salas, Joaquín García Monge, Fernando Ortiz, Waldo Frank, Ezequiel Martínez Estrada e Daniel Cosío Villegas. O debate “Mesa rodante: Imperialismo y Buena Vecindad” foi nomeado de mesa redonda – mesmo que nem todos estivessem lá presencialmente, mas mandando suas contribuições por cartas – revela a diversidade da nacionalidade dos autores que contribuía para os CA. Porém, é importante destacar que o debate é introduzido e concluído por intelectuais mexicanos, que compunham o conselho editorial, e que estavam efetivamente presentes na mesa. Foi o diretor, Silva Herzog, que inaugurou a conversa com algumas colocações e perguntas, que também foram enviadas por correio. A principal diz respeito a sua visão sobre o intelectual, com a qual inicia sua fala-texto de abertura para a mesa sobre imperialismo e boa vizinhança:

El tema escogido para esta “Mesa Rodante” tiende a aclarar conceptos, ideas y hechos elementales desfigurados en su forma y dimensiones por la espesa niebla que caracteriza nuestro tiempo. El tema es, por otra parte, de singular importancia para los pueblos de América, para todos sin excepción alguna, y es deber del intelectual – no del político – analizar los hechos, los conceptos y las ideas sin otra finalidad que descubrir la Verdad o los fragmentos de verdad que le sea posible señalar en el confuso escenario de la vida internacional. Ya sabemos, porque alguien lo hizo notar no ha mucho tiempo, que mientras el político siempre nada con la corriente, el intelectual nada a menudo en contrade ella.

Ou seja, nesse excerto Herzog coloca o político como alguém do tempo presente, imediatista, e sem vínculo profundo com alguma classe social. Já o intelectual, o *verdadeiro* intelectual, trabalha pela humanidade presente e futura. Dito isso, destaca que na mesa estavam presentes intelectuais sem compromissos com grupos ou partidos, que “nadavam contra a corrente”. Feito o preâmbulo e a defesa dos debatedores, Herzog orientou o debate através de duas perguntas: “O que é o imperialismo?” e “Em que consistiu e consiste a teoria da política da boa vizinhança?”. Assim, apesar de ainda não reconhecer o fim definitivo da política de Roosevelt, Herzog já delinea uma inflexão e mudança na política externa norte-americana com relação à América Latina.

Primeiramente, enquanto economista, busca definir o imperialismo nos moldes do capitalismo global, colocando-o como primeiramente econômico e, por consequência, político. Isso através da lógica de dominação, do fluxo de capitais excedentes voltados para a importação de matéria prima e exportação de produtos industrializados elaborados. Para ele, a política da boa vizinhança rompeu parcialmente com o imperialismo, motivo pelo qual elogia FDR como um dos maiores homens do século XX, destacando que seu esforço de um homem em substituir o imperialismo, a diplomacia do dólar, pela boa vizinhança, invariavelmente seria insuficiente e falharia. Na sequência, define a “teoria política da boa vizinhança” como a amizade entre os povos americanos, baseada no respeito mútuo, justiça e igualdade; além da cooperação econômica e da solidariedade, através de acordos. Porém, como já afirmamos, considera a mudança incapaz de interromper um imperialismo estrutural, do setor público e privado. Nesse sentido, vemos abaixo sua síntese da *Big Stick Policy*:

En nuestra opinión la política de buena vecindad en comparación con la diplomacia del otro Roosevelt, ha sido y es un cambio más en las formas que en el fondo; más en lo accesorio que en la esencia. El imperialismo - repitámoslo una vez más – fenómeno

económico, inevitable, hijo legítimo del régimen capitalista, no dejará de ser jamás constante amenaza y mal creciente para el progreso objetivo y real de la mayoría de las naciones, mientras la sociedad capitalista no se transforme en una sociedad nueva que separe la sangrienta civilización del mercader.¹⁵⁵

Na sequência, o venezuelano Mariano Picón-Salas¹⁵⁶ concorda com Silva Herzog e reforça a dimensão primeiramente econômica do imperialismo, citando a lógica da dependência dos EUA para vender e distribuir seus produtos. Também destaca que, pelo tamanho e força dos norte-americanos sobre a América Latina, seu imperialismo se mostra mais forte que o europeu. Além disso, destaca os ecos de imposições imperialistas sobre a cultura e, sobre isso, condena o Pan-americanismo, como fruto da Política da Boa Vizinhança:

Hay que decir claramente que el Panamericanismo como ha venido funcionando hasta hoy es una sociedad desigual porque es la desequilibrada alianza del elefante con las hormiguitas. La base de un panamericanismo honesto serían acaso los pactos previos latino-americanos, el entendimiento de las naciones débiles quienes al unificar su criterio sobre los puntos generales de una política americanista acudirían a la opulenta mesa de discusión a que nos invita Washington, con mayor autoridad que la de simples acólitos.

Em seguida, destaca a necessidade de uma “alternativa latino-americana” no contexto de Guerra Fria. Pensando tanto no imperialismo, como na própria lógica do desgaste da guerra, em especial no momento da mesa (1947) – algo também presente em Polit. Ademais, também alfineta a manutenção do franquismo e do colonialismo afro-asiático no pós-Segunda Guerra Mundial:

Por lo demás, la política de los Estados Unidos ya no es tan sólo panamericana sino ecuménica, y la lucha ideológica que su Capitalismo está emprendiendo contra Rusia acaso quiera comprometernos en el futuro. No deseamos los latinoamericanos que se nos lleve dócilmente a quemarnos en las brasas de una futura conflagración. Exigimos nuestro derecho a la paz para prosperar y crecer. Porque a lo mejor se nos convida a otra guerra para “defender la democracia” y después de ella los pueblos coloniales continúan sojuzgados y Franco sigue representando el “orden” en España.¹⁵⁷

155 SILVA HERZOG, J.; PICÓN-SALAS, M.; MONGE, J. G.; ORTIZ, F.; FRANK, W.; ESTRADA, E. M.; VILLEGAS, D. C. Mesa rodante: Imperialismo y Buena Vecindad. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 35, n. 5, p. 64-90, set/out. 1947. Bimestral. p. 67.

156 Mariano Federico Picón-Salas (1901-1965) foi um diplomata e escritor venezuelano. É considerado um dos mais importantes intelectuais da história da Venezuela, com destaque para suas contribuições universais. Cf: RAMOS RODRIGUEZ, Froilán José. Mariano Picón Salas: La semblanza de un intelectual universal. **Tiempo y Espacio**, Caracas, v. 20, n. 54, p. 33-52, dez. 2010. Disponível em <http://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-94962010000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 02 out. 2022.

157 *Ibid*, p. 69.

Por fim, critica o colonialismo e o autoritarismo específicos da América citando, respectivamente, o caso de Porto Rico e de Trujillo. Destacando, também, que o verdadeiro pan-americanismo deve colocar os mesmos direitos e garantias para estadunidenses e latino-americanos, caso contrário seria apenas um imperialismo *soft*.

Logo após, temos a participação do costa-riquenho Joaquín García Monge¹⁵⁸, que apesar de ter escrito para a mesa, sua carta não chegou a tempo, tendo circulado apenas através da revista. Elogia os comentários de Silva Herzog que, portanto, conhecia previamente, e critica a Política da Boa Vizinhança, mostrando suas dimensões ampliadas, através de sutilezas culturais:

Yo no creo en eso de Buena Vecindad. Sigue en pie el Imperialismo con sus codicias. Ahora ampliado como imperialismo espiritual, así como lo planteó hace dos años Mr. Churchill en una de las universidades de los EE. UU. La Revista de La Habana del señor Cosme de la Torriente lo tradujo y lo publicó. Yo lo reproduje en el Repertorio Americano.¹⁵⁹

Depois, temos as colocações de Fernando Ortiz¹⁶⁰, o qual defende que o imperialismo econômico dividiu o Novo Mundo em dois: *Superamérica e Sudamérica*. Suas defesas convergem com velhas explicações historiográficas a respeito das origens do progresso norte-americano, ante o retrocesso latino-americano, em decorrência do reformismo protestante, estendendo sua linha do tempo até as convulsões causadas pela Era Napoleônica, Santa Aliança e Doutrina Monroe. Dessa forma, sinaliza a mudança gerada pela industrialização norte-americana, que alterou o imperialismo majoritariamente político para uma predominância econômica. Sobre a Política da Boa Vizinhança:

¿Y de la “Buena Vecindad”? La afirmación de la política del “buen vecino” ante todo implicaba la confesión de que la vecindad interamericana hasta entonces había sido mala y que tenía que adecentarse. Y Roosevelt, Roosevelt el Grande, supo introducir “buenas formas” en el trato, iniciando un *new deal* interamericano, como hubo otro para su propio pueblo. Al fin, y cada día con más intensidad, los tratos políticos y sociales tienen expresiones ineludiblemente correlativas dentro y fuera del país.¹⁶¹

158 Joaquín García Monge (1881-1958) foi um dos mais importantes escritores da Costa Rica, tendo fundado e editado a revista Repertório Americano, de 1919 até sua morte.

159 *Ibid*, p. 70.

160 Fernando Ortiz (1881-1969) foi um intelectual cubano, que dedicou-se ao estudo da cultura africana em seu país, sendo um dos fundadores do movimento do Afrocubanismo.

161 *Ibid*, p. 73.

A análise de Ortiz, apesar de incongruências históricas e historiográficas, é de especial relevância pois temos um autor escrevendo na Cuba pré-revolucionária, e instigando reflexões ao colocar que um país que não se preocupa com sua própria desigualdade social, econômica e racial, não se preocuparia com as mazelas que causa aos seus vizinhos. Tal lógica ajudaria a explicar o apoio dos EUA a ditaduras, enquanto defende o livre pensamento dentro de suas fronteiras. Sendo um intelectual de seu tempo, Ortiz carrega visões historiográficas hoje ultrapassadas, por sua vez apresenta um ponto de vista inédito nos *Cuadernos Americanos*: a preocupação específica com o Caribe e suas conexões com África, algo que buscou através da ideia de transculturação, e que contribuiu para criação do *Afrocubanismo*, sendo ele um dos seus fundadores.

Por conseguinte, temos a rápida contribuição do norte-americano Waldo Frank¹⁶². O intelectual começa desculpando-se pela ausência, segundo ele por conta do prazo apertado para conclusão de seu livro e por questões financeiras, o que também o impediu de fazer uma análise mais profunda e detalhada do tema. Por sua vez, não quis ficar de fora de um importante debate, e seu comentário apesar de enxuto, é interessante por fornecer uma perspectiva da Política da Boa Vizinhança a partir dos Estados Unidos:

La política del Buen Vecino, iniciada por Sumner Wells [Secretario de Estado, 1936-1943] y Franklin D. Roosevelt, no engañó a ningún americano consciente del norte o del sur del Río Bravo. Esta política, como apunta Silva Herzog, no desafió los fundamentos económicos del capitalismo monopolista norteamericano; ni siquiera puso a prueba el *ethos* básico de la Empresa América: la fuerza directriz en la civilización estadounidense. Puede decirse, además, que ha ocasionado más perjuicio que bien, puesto que mantuvo la falacia de un cambio de imperialismo a interacción democrática. Es posible, sin embargo, que no todo el pueblo norteamericano sea conscientemente imperialista, ya que para ello se requiere un largo proceso de ensoberbecimiento y educación.¹⁶³

162 Waldo David Frank (1889-1967) foi um intelectual e escritor norte-americano que dedicou-se ao pensamento americanista, em especial na obra *Our America* (1919). Cf: LINO, Sonia Cristina. Onde está Waldo Frank? God bless a América Hispânica. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, [S.L.], v. 22, n. 44, p. 522-538, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21862009000200011>. Acesso em: 2 out. 2022.

163 *Ibid*, p. 77.

Como podemos vislumbrar, Frank possuía uma postura crítica aos Estados Unidos, e ao Norte Global, o que já era visto com maus olhos durante a Política da Boa Vizinhança e, a continuidade dessa postura, levou ao ostracismo e esquecimento de Frank na imprensa e intelectualidade norte-americana (LINO, 2009).

Depois, temos a transcrição da também rápida carta do argentino Ezequiel Martínez Estrada¹⁶⁴, que promoveu comparações com o nazi-fascismo, pelas interconexões entre capitalismo monopolista e imperialismo econômico-financeiro, além da mobilização social. Sem, no entanto, colocar os EUA como fascista, obviamente.

La movilización de fuerzas irracionales, sociales y psíquicas, fué un gran descubrimiento complementario, del fascismo. Se las aplicaría con precisión constitucional y ancestral a cualquier forma de imperialismo. Eran fuerzas “imperiales”. La disciplina y organización de esas fuerzas necesitaban un objetivo que fuese al mismo tiempo espiritual y material, y la lucha contra el “comunismo” fué el lema y la bandera.¹⁶⁵

Por fim, a conclusão de Daniel Cosío Villegas, marcando a liderança mexicana na revista no início e fim do debate. Cosío Villegas destaca as particularidades de uma mesa redonda feita à distância, por cartas, sobretudo o que percebemos: a simultânea variedade e relativa falta de foco, comum em debates.

El lector de estas páginas advertirá en seguida que una mesa, por muy rodante que se la sponga, no puede rodar impunemente por nuestras ásperas montañas y nuestros caudalosos ríos: al cabo de un rato se astilla y al siguiente se quiebra. Con esta complicada metáfora quiero decir que los participantes en la Mesa no fundaron su respuesta anterior, abandonando así la actitud misma que todo diálogo exige, aún si es por escrito. Cada uno arrancó directo hacia la meta anunciada por el tema, ansioso de llegar a ella por el camino más corto y, en consecuencia, más personal.¹⁶⁶

Apesar da ressalva metafórica, a respeito da mesa redonda feita à distância e por cartas, o autor concorda com as proximidades entre imperialismo e boa vizinhança, e lança a provocação: o termo não indica, talvez, apenas bons modos para tratar as coisas como antes? E emenda com

164 Ezequiel Martínez Estrada (1895-1964) foi um fundamental escritor, ensaísta e crítico literário da Argentina. Cf: [Ezequiel Martínez Estrada - Colegio Nacional "Rafael Hernández" \(unlp.edu.ar\)](http://Ezequiel-Martinez-Estrada-Colegio-Nacional-Rafael-Hernandez-unlp.edu.ar).

165 *Ibid*, p. 82.

166 *Ibid*, p. 86.

outra ainda mais mordaz, sobretudo naquele contexto: e agora, com a Rússia no caminho? Evidentemente que não são perguntas fáceis de serem respondidas, mas pelo menos um esboço foi feito na sua conclusão:

Dos cosas deben intentarse en serio y con prisa: en primer lugar, los países hispanoamericanos deben entenderse mejor entre sí para hacerse oír de Estados Unidos con mayor facilidad; en segundo, nosotros debemos pensar y debatir en voz alta el problema de nuestras relaciones con Estados Unidos, y éste debe acostumbrarse a escucharnos, abandonando así el supuesto de que siempre se ha colocado con relación a nosotros: el empujón ante del convencimiento y, si hiciera falta, un poco de corrupción para completar la tarea.¹⁶⁷

O esboço de Daniel Cosío Villegas continuou em outro texto, de 1948, intitulado “Rusia, Estados Unidos y la América Hispánica”, publicado no ano seguinte ao início oficial da Doutrina Truman, em 1947, marco da Guerra Fria. Segundo o autor, a razão da sua exposição é de cumprir um dever cívico, de medir os riscos da ampliação da participação internacional dos países hispano-americanos diante da bipolarização Washington-Moscú. Para ele, a falta de posicionamento e liderança conjunta seria um problema:

En primer lugar, debemos admitir que no existe entre los pueblos hispanoamericanos conciencia ninguna sobre el ideal o la conveniencia de unirse entre sí; es más, ninguno de ellos tiene educación política bastante para desempeñar siquiera el papel negativo de censor *a posteriori* de la conducta internacional que adopten sus gobernantes, con la sola excepción, quizás, de que reprobarían una de amistad exuberante hacia Estados Unidos, y aplaudirían, a la inversa, la que fuera adversa, o, por lo menos, distinta o distante.¹⁶⁸

Diante dessa falta de consciência e conduta política internacional na América Latina, fruto de desafios e fracassos de uma união latino-americana, que o campo intelectual mostra-se como vanguarda política.

El entendimiento de los pueblos hispanoamericanos se viene forjando hace muchos años, si bien sus más señalados progresos datan apenas de los últimos treinta o cincuenta. Quizás en ningún campo sean mayores que en el de las relaciones culturales. Martí, Rodó Darío, Pedro Henríquez Ureña, Alfonso Reyes o Gabriela Mistral, han hecho por él lo

167 *Ibid*, p. 88.

168 COSÍO VILLEGAS, Daniel. Rusia, Estados Unidos y la América Hispánica. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 36, n. 1, p. 40-58, jan/fev. 1948. Bimestral. p. 41-42.

que sólo hicieron en su época Bello, Bolívar o San Martín. Los libros y revistas de cada uno de los países circulan con una amplitud y una regularidad antes desusada, y hay casas editoriales que ya acometen deliberadamente empresas en que el escritor hispanoamericano no sólo tiene un sitio importante, sino exclusivo. Los congresos o conferencias son hoy frecuentes y principian a ser periódicos, y en ellos nace y se confirma la amistad y la camaradería de hombres y mujeres.¹⁶⁹

Dessa forma, Cosío Villegas remonta a várias concepções americanistas, desde Bolívar e San Martín, passando por Martí, Rodó e Darío, até chegar a autores que foram seus contemporâneos, de diversas partes da *Nuestra América*: a chilena Gabriela Mistral, e seus também conterrâneos Alfonso Reyes e Pedro Henríquez Ureña (falecido dois anos antes, em 1946). Nesse sentido traz a posição dos Estados Unidos como limitador da unidade e dos imaginários latino-americanos:

Sólo otro obstáculo a la unión merece ser considerado como independiente: la voluntad de Estados Unidos, es decir, si favorecería tal unión juzgándola propicia a sus intereses, o si, a la inversa, creyéndola perjudicial, la combatiría. Yo estoy firmemente convencido de que en nada dañaría a Estados Unidos el acercamiento de los países hispanoamericanos; pero dudo mucho de que esta convicción la comparta el ciudadano norteamericano común y corriente, y muchísimo menos el gobernante yanque, por muy esclarecido y de buena fe que se le suponga.¹⁷⁰

Vale dizer que, conforme nosso recorte temporal marca, a posição dos Estados Unidos durante a Guerra Fria foi uma até 1959, e outra depois da Revolução Cubana, ainda mais intervencionista e militarizada. Apesar disso, Cosío Villegas retoma a visão da América Latina como lugar de utopias, e reinvenção de imaginários, incluindo a cultura ocidental como um todo, como já dito.

Me limitaré a decir que en esa gran obra toca una posición muy destacada al intelectual, al escritor, al profesor, al artista: nuestra América puede ser fuente de inspiración para cualquier obra de imaginación y es campo virgen para todo estudio científico. Y he dicho ya algo acerca de la esfera de acción del intelectual: crear y encauzar una opinión pública que ayude a lograr y festinar esa unión.¹⁷¹

169 *Ibid*, p. 42-43.

170 *Ibid*, p. 45.

171 *Ibid*, p. 46.

Ao colocar o intelectual, incluindo escritores, professores, artistas, para inspirar e imaginar a América, Cosío Villegas destaca o lugar privilegiado ocupado por esse grupo no debate público e na esfera pública latino-americana e global. Uma vez que o continente ocupava um lugar central na Guerra Fria - que seria ainda maior no pós-1959. Assim, na sequência o autor debate a relação América Hispânica e União Soviética, pontuando a inviabilidade de um alinhamento com a Rússia, pois ela teria pouco a dar à América, emendando que a Rússia sim teria interesse por uma nova “guerra universal”.

No debe olvidarse que en Estados Unidos mismo, al principio del año de gracia de 1947, un profesor universitario tenía todavía la libertad y la autoridad moral bastante para llamar no sólo necia, sino criminal, la política internacional que aceptara como cardinal el principio de una hostilidad fatal con Rusia.¹⁷²

Obviamente que tal comentário tem suas limitações, afinal os Estados Unidos veriam a expansão do Macartismo na década de 1950. Ainda assim, nada comparável à censura soviética, em especial durante o stalinismo. De qualquer forma, Daniel Cosío Villegas faz uma defesa politicamente difícil, mas muito inteligente e lúcida. Reconhece o distanciamento entre a América Latina e a Rússia, e a dependência – como aliados ou inimigos – da América com os EUA, a exemplo do futuro embargo econômico contra Cuba. Também recuperando o elo cultural comum (civilização ocidental), marca da revista *Cuadernos Americanos*, sobretudo através do diretor Silva Herzog.

En contraste con Rusia, de quien nada o poco podemos esperar, Estados Unidos puede darnoslo todo o casi todo: dinero, ayuda técnica y protección política y militar. Desde el punto de vista de la ventaja, pues, en ninguna persona responsable puede haber el menor asomo de duda sobre el grado extraordinario de atracción que Estados Unidos tiene para nosotros. Pero hay algo más que la atracción de la ventaja, ya de por sí poderosa: la fatalidad geográfica y lo que podríamos llamar coincidencia histórica. [...] Por “coincidencia histórica” quiero decir simplemente que, a semejanza de Estados Unidos, nosotros somos ramas – no importa cuán débiles o secundarias – del gran tronco de la civilización occidental. Por eso, nuestro modo general de vivir se asemeja al norteamericano y no al ruso, digamos. Es ésta una atadura mucho más fuerte de lo que se supone; para mí lo es tanto como la liga económica, y apenas menos firme que la

172 *Ibid*, p. 49.

geográfica, sobre todo si la comparación con la última se establece para un trecho histórico relativamente corto.¹⁷³

Além de corajosa e lúcida, a posição de Villegas possui fundamento histórico-cultural, de antecedentes históricos comuns, apesar de tantos desencontros, em especial entre Estados Unidos e México. Por outro lado, os EUA nunca deram, mas venderam ou trocaram essas vantagens e apoios. Com alto custo, em todos os sentidos – econômico, político, social e cultural - com destaque para o último, diante do fortalecimento do *soft power* do cinema e da imprensa na segunda metade do século XX. Ao alegar a salvação da humanidade, ou da soberania nacional, ou da democracia, EUA historicamente interferiram no subcontinente latino-americano. Por essa razão, a conclusão do texto centra-se na atitude da América Hispânica ante um conflito entre EUA e URSS, que segundo o autor deveria ser de neutralidade.

Las dos soluciones son, en rigor, una sola, pues una de las poquísimas formas en que podría evitarse la guerra, sería la declaración inequívoca y temprana de la América Latina (de China y de la India también), anunciando, primero, que no cree necesaria ni justificada la guerra entre Estados Unidos y Rusia; segundo, que si sobreviene, no tomará parte en ella.¹⁷⁴

A *mise-en-scène* política com relação à China mudaria muito no ano seguinte, com a Revolução Comunista. E mesmo a Índia, que estava independente há 1 ano, aparece no texto de forma a adiantar os ensaios do Movimento dos países não-alinhados, a partir do marco da Conferência de Bandung (Indonésia, 1955). De qualquer forma, a defesa da neutralidade naquele contexto é de especial relevância para a América Latina diante dos Estados Unidos, razão pela qual termina exaltando visões latino-americanas viscerais e populares.

En mi tierra, señores, los conductores de autobuses son muy honrados: cuando están ocupados todos los asientos, gritan a voz en cuello a quienes pretenden subir: “¡Hay lugar parados!” Pues bien, en materia de sistemas y de formas de organización política, social y económica, hay lugares sentados. Por eso, me parece que la América Latina, con la calma de quien va sentado, si bien con la energía y la tenacidad de quien pega mazazo, sólo tiene un verdadero y auténtico camino por delante: seguir conquistando la libertad y

173 *Ibid*, p. 50.

174 *Ibid*, p. 56.

la igualdad que con tanto trabajo ha obtenido parcialmente. !Sólo así será fiel a la sangre que mancha tantas páginas de su historia!¹⁷⁵

Na mesma esteira do texto de Cosío Villegas, Manuel Moreno Sánchez¹⁷⁶ publicou, na quarta revista de 1948, o artigo “El imperialismo en América Latina”. O autor apresenta uma análise que enfoca as relações México-Estados Unidos e, no mesmo número, Jorge Tamayo, no texto “Lo que perdimos y lo que nos queda” fala da perda territorial mexicana, sobretudo para os EUA.

O texto de Moreno Sánchez foi dividido em quatro partes: esquema e significados, as “etapas” do imperialismo, comércio internacional e inversão financeira, e o processo de “descolonização”. Na primeira parte, o autor começa perguntando “O que é imperialismo? E sua relação com a América Latina?” afirmando que a reflexão é obviamente muito necessária. Para respondê-las, começa com antecedentes históricos, dizendo que o imperialismo atravessou diferentes épocas - romanos, espanhóis, ingleses, norte-americanos; antigo, moderno, colonial - e propósitos - mercantil, financeiro, político, militar e cultural. Também evoca autores diversos, como os líderes bolcheviques Vladimir Lênin e Nikolai Bukharin, de um lado, e o filósofo alemão conservador, Oswald Spengler, de outro.

Sánchez começa evocando a visão cíclica de história presente em Spengler para explicar o desenvolvimento histórico das culturas e civilizações, desde sua fundação até sua decadência, sendo nos períodos finais, de consolidação e expansão, que localiza-se o imperialismo. Por outro lado, contrapõe a visão de Spengler à de Lênin, que dialogando com Rosa Luxemburgo e Rudolf Hilferding (ministro da finanças da República de Weimar), concebe o imperialismo como a época final do regime capitalista. Processo amplo de acumulação e concentração de capital, de distintas naturezas, sendo as relações de exportação desse capital e suas consequências econômicas e políticas, o que denominou-se de imperialismo. E, de forma complementar, apresenta Bujarin (Bukharin), com o qual explica a relação entre povos agrícolas e industriais, sendo o imperialismo o resultado dessa relação: dependência e exploração econômica. Assim, com esses

175 *Ibid*, p. 58.

176 Manuel Moreno Sánchez (1908-1993) foi um político e advogado mexicano, vinculado ao PRI, tendo ocupados os postos de deputado federal e senador desde 1943 até 1964.

três exemplos o autor mostra a riqueza e a polissemia da expressão *imperialismo* que, para o autor, significa:

Esos tres ejemplos bastan para estimar la riqueza expresiva de la palabra que usamos. Para los fines de nuestra exposición, imperialismo quiere decir de cualquier modo una forma de dominio cuyos grados varían, pero que, fundada en relaciones económicas, establece la dependencia de unos pueblos de otros, y en la que si los dependientes no son determinados por completo, el imperialismo imprime dentro de su vida y desarrollo histórico un señal, una orientación, una marca.¹⁷⁷

Nesse sentido, a América Latina estaria envolvida pelo imperialismo desde a Conquista. E sobre o nosso subcontinente, explica as convergências históricas, geográficas, econômicas de forma sintetizada:

Para nosotros, ahora, es una gran zona del Continente Americano, que en términos generales extiende al sur del Río Bravo y en que existen pueblos originados por la influencia española, portuguesa, francesa, inglesa y norteamericana, donde otros países europeos tienen todavía *colonias*, territorios sin categoría política definida y quizás en camino de alcanzar un perfil social e histórico.¹⁷⁸

Assim, já sintetiza a segunda parte do seu texto, sobre as “etapas” do imperialismo, no qual argumenta que a América Latina sempre sofreu alguma forma de dependência política, econômica e cultural - na realidade, como sabemos, essa dependência e dominação externa ocorreu a partir do século XVI. Listando desde a Conquista e colonização espanhola (século XVI a XIX), seguida das Independências e crescente influência dos EUA na região (final do século XIX e início do XX), sobretudo com a consolidação do imperialismo industrial, ou neocolonialismo, na década de 1880 (Conferência de Berlim: 1884-1885); e, por fim, a Política da Boa Vizinhança e um relativo equilíbrio; até a mudança que era vivida naquele momento com o fim da Segunda Guerra Mundial, início da Guerra Fria, e gradativo aumento da ingerência ianque no restante da América. Na parte três, também mais sucinta, destaca o comércio

177 SÁNCHEZ, Manuel Moreno. El imperialismo en América Latina. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 40, n. 4, p. 54-66, jul/ago. 1948. Bimestral. p. 55.

178 *Ibid*, p. 56.

internacional e os investimentos norte-americanos no setor financeiro, abordando a falta de autossuficiência e unidade latino-americana, acarretando em deficiências.

E na quarta parte aborda o complexo, e ainda atual, processo de “descolonização” começando com o destaque da vontade de independência na América Latina desde o início do século XIX:

Para quién los procesos históricos no son episodios simples, este de descolonización está lleno de matices, se resuelve en planes y propósitos, se encierra en consignas políticas y en actos de importancia nacional o internacional. Alcanza este movimiento desde las cuestiones territoriales hasta los propósitos más sutiles de autonomía cultural con el surgimiento de una conciencia americana que alcance tonalidades propias.¹⁷⁹

Assim como hoje, naquele momento havia a preocupação e o engajamento de acabar com a dependência, visando o fortalecimento e a consolidação nacional, sobretudo da indústria. Assim, a industrialização aparece como programa político, como foi no *cardenismo* (1934-1940), além de Argentina e Brasil, citados pelo autor. Além disso, enquanto um político priista, Sánchez também encaixa no texto, de maneira difusa, o indigenismo - apresentando oito fotos de Franz Boas junto às nativas. Contudo, tais fotos deslocadas, funcionam mais como exotismo, e como forma de dar aparência popular para análises históricas e projetos políticos que ficavam restritos à burocracia priista e equivalentes latino-americanos.

A preocupação pelo lugar da América no jogo diplomático da Guerra Fria foi alvo do texto de José E. Iturriaga, “La paz y los pueblos americanos”, do final de 1949. Para isso o autor dividiu seu ensaio em dez partes: Ocaso do belicismo; A paz: um desejo moderno e antigo do homem; Antecedentes do Congresso Continental Americano pela Paz; Cristianismo aerodinâmico; Cuba e Porto Rico conversam; América Central e a paz; Sombras sobre Colômbia, Brasil e Paraguai; A mulher: a grande reserva da paz no mundo; Os generais e os poetas, Espanha, França e outras saudações. A partir da apresentação das divisões internas do texto já podemos perceber o contexto, as preocupações, e o instigante desenho que é feito do Caribe e da

¹⁷⁹ *Ibid*, p. 62.

América Central na década que não apenas antecede, mas que a Revolução Cubana foi estruturada.

A primeira parte, o caso do belicismo, é uma referência a obra de Max Scheler (1827- 1928), “O gênio da guerra e a guerra alemã” (1915), recuperando criticamente a ideia da guerra enquanto princípio dinâmico da história, sendo a paz o princípio estático, contestando a guerra através da recuperação de bombardeiros, como os de Madri e de Hiroshima. Ademais, comenta a perigosa novidade da guerra nuclear: “Es decir, la peculiaridad del pacifismo actual reposa en este hecho nuevo y concreto: nunca los pueblos habían tenido tan clara conciencia – en vista de los medios técnicos de que hoy se dispone para la destrucción en masa – de que la próxima guerra significaría su propia extinción.”

Na sequência, aborda o Congresso Continental Americano pela paz, ocorrido em Nova Iorque, parte de uma sequência de congressos continentais pela paz, dentro de um esforço global, tendo ocorrido em: Breslau, na Polônia, em agosto de 1948; Budapeste, na Hungria, em setembro de 1948; Nova Iorque, em março de 1949; e Paris, em junho de 1949. Dentro desse levantamento, recupera o lugar da América Latina, em especial do México, na reconstrução da civilização ocidental, em especial, nas reflexões em torno da democracia.

Breslau en agosto de 1948, Budapest en septiembre de 1948, Nueva York en marzo de este año [1949], y París en junio último, han sido las concreciones alentadoras de un pacifismo cada vez más consciente y activo. [...] Y con el mapa de América en la mano, los delegados fueron recorriendo uno a uno, los países de nuestro hemisferio, y hallaron que las libertades democráticas se habían eclipsado en todos los países, excepto en dos: Guatemala y México, habiéndose escogido a este último para sede, por reunir mejores condiciones y los medios materiales para realizarlo.¹⁸⁰

Ironicamente, o México estava vivendo a “dictadura perfecta” do Partido Revolucionário Institucional (1929-2000), e a Guatemala teria sua aura democrática revirada pelo vizinho do norte, em 1954, quando o presidente Jacobo Arbenz Guzmán foi derrubado, depois de defender uma reforma agrária, que iria contra os interesses da *United Fruit Company*. Contudo, mais irônica ainda, foi a presença de uma delegação da Espanha franquista dentre as conferências.

¹⁸⁰ ITURRIAGA, José E. La paz y los pueblos americanos. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 48, n. 3, p. 78-100, nov/dez. 1949. Bimestral. p. 80.

Outrossim, aborda as conversações entre Cuba e Porto Rico, marcando uma inflexão contra o imperialismo ianque, a despeito de seguirem rumos tão distintos a partir da década seguinte.

La delegación cubana enriqueció su gestión en favor de la paz con la intervención del conocido jurista católico Domingo C. Villamil, quien basó su crítica social y anti guerrera en el Aquintense, pensador clásico del catolicismo. Empezó diciendo el doctor Villamil que el pacifismo mostrado por los pueblos, tiene no sólo un claro sentido dentro de la ley de solidaridad de la especie, “sino dentro de la naturaleza de las cosas obediente a la voluntad de Dios”.¹⁸¹

Também comenta a posição centro-americana, uma vez que membros da Costa Rica, Guatemala, El Salvador, Honduras e Nicarágua criticaram as ditaduras como maior veículo perturbador da paz - o que também é irônico considerando o movimento majoritário desses países durante a Guerra Fria. Nesse sentido, há a defesa da Doutrina Estrada, baseada no México desde setembro de 1930, e a citação da Organização dos Estados Americanos (OEA), que tinha acabado de ser criada, em abril de 1948, durante a Conferência Internacional Americana, em Bogotá, Colômbia. Sobre a Colômbia, também destaca o perigo iminente de guerra, em especial por conta da morte do líder popular Jorge Eliécer Gaitán (1948). Preocupações que se estendem ao Brasil, por conta das perseguições de Dutra aos comunistas, e ao Paraguai em decorrência da Guerra do Chaco contra a Bolívia (1932-1935).

Por fim, Iturriaga encerra seu texto falando dos generais e dos poetas, através de uma provocação de Neruda.

Empezó Pablo mostrando la antinomia existente entre un país que da hospitalidad a los generales y otro que alberga a los poetas, detrás de lo cual se halla gran parte del significado de cuanto viene ocurriendo en estos últimos años. “Mi país, como ustedes saben, es el más lejano de nuestra América, ha sido ocultado cuidadosamente por la cordillera, por el mar y por el feudalismo. Sin embargo, muy pronto, grandes potencias fijan su atención en aquel territorio delgado y herido. Así pasó en el mes de junio de este año. Dos grandes naciones quisieron invitar en ese instante a dos chilenos. El gobierno de los Estados Unidos de América del Norte, invitó al general en jefe del ejército chileno. Yo no soy general, soy simplemente un poeta, y sin embargo, en aquel instante una gran nación me invitó a visitarla. Esta nación fué la Unión Soviética, y casi

181 *Ibid.* p. 82.

en las mismas horas en que el general chileno se dirigía a husmear desde lejos la bomba atómica yo volaba a celebrar el aniversario de un antiguo poeta, de un profundo y pacífico poeta, Alejandro Sergievich Puchkin.¹⁸²

Neruda ironiza o fetiche militar por bombas, enquanto ele, poeta, desejava celebrar o legado de poetas pacíficos, como o russo Pushkin (1799-1837). Com esse gancho, defende a paz, saudando colegas espanhóis exilados, que discursaram nos congressos defendendo a Constituição de 1931, da Segunda República Espanhola, e o papel de países como França e Estados Unidos. O autor chega, inclusive, a dizer que haveria uma ianque-fobia, a despeito do importante (apesar de dúbio) papel do país.

Nesse sentido, a preocupação da posição latino-americana na bipolarização da Guerra Fria aparece novamente. Jesús Silva Herzog, em 1950, publicou “¿Los Estados Unidos o la Unión Soviética?”, em que apresenta EUA e URSS como o pesadelo do resto do mundo.

Na primeira parte do texto aborda os EUA, traçando os antecedentes desde a Declaração de Independência (1776), Guerra de Independência contra a Inglaterra (1776-1783), expansão territorial e aumento da imigração, no século XIX, e, por fim, participação nas duas guerras mundiais, separadas pela crise de 1929. Também desenha contornos do conceito de guerra fria/atômica.

La última guerra y el triunfo sin reservas. El Japón, enemigo ya tradicional, que cada día se hacía más peligroso, no tanto por sus armamentos como por la mercancía barata con la cual inundaba el mundo, fué vencido para siempre en la desdichada Hiroshima. Los pechos de los americanos se hincharon de orgullo. Habían demostrado el poder de sus ejércitos de aire, mar y tierra; el poder de su industria y de sus dólares. Ahora sí ya nadie les podría negar el primer sitio en el globo terráqueo.¹⁸³

Nesse sentido, e em chave de oposição aos russos-soviéticos, declara apoio crítico aos EUA. Afirmando que o apoio está junto aos trabalhadores e aos intelectuais liberais, não aos belicistas ou aos milionários de Wall Street.

182 *Ibid*, p. 93.

183 HERZOG, Jesús Silva. ¿Los Estados Unidos o la Unión Soviética? **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 51, n. 3, p. 7-18, mai/jun. 1950. Bimestral. p. 9

Nuestra posición es clara y sencilla. Abrigamos simpatías por el pueblo trabajador de los Estados Unidos y por sus intelectuales de mente liberal. No nos ocurre lo mismo con sus funcionarios belicistas, con los multimillonarios dueños de acciones de los grandes trusts industriales, bancarios o comerciales, cuyos pequeños grandes intereses se hallan simbolizados en el nombre de una calle estrecha y sombría: Wall Street, evocación trágica de angustia, explotación y muerte.¹⁸⁴

Na sequência, também faz um compilado da história russa, abarcando o Império Russo dos Romanov (1613-1918), e a tardia abolição da servidão (1861), marcando séculos de exploração dos camponeses. Comenta tanto a violência contra comunistas, socialistas e anarquistas nas prisões da Sibéria, como a violência da Revolução Russa, da Guerra Civil e da “ditadura do proletariado”. Ao tecer críticas ao caráter autoritário dos soviéticos, e a crença utópica na revolução mundial, enfatiza a inocência com relação ao stalinismo, o que já era conhecido, mas que seria aprofundado nos anos seguinte, com a morte de Josef Stálin (1953) e a denúncia de Nikita Khrushchov durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética (1956).

Nuestra conclusión es que el sistema soviético es bueno o puede ser bueno para los habitantes del antiguo imperio ruso; más de igual manera que tratándose de los Estados Unidos; no creemos que el hombre soviético sea la medida del hombre, ni tampoco que la manera de vida soviética representa la aspiración de todos los pueblos de la tierra. Las metas de la Rusia Soviética no son ni pueden ser el ideal de otros habitantes de nuestro minúsculo planeta, nacidos en otros climas, bajo un sol más brillante y un cielo más azul. En buena hora que realicen sus propósitos constructivos dentro de su mundo, que nosotros los de la América Hispánica también tenemos el nuestro y capacidad para encontrar nuestro propio sendero.¹⁸⁵

Ou seja, Silva Herzog apoia criticamente os EUA, e ataca de forma ainda mais veemente o autoritarismo soviético. É diante disso, que aborda a América Hispânica, começando pela evocação da *leyenda negra* para descrever o processo da colonização.

Los descubrimientos, la conquista y colonización de los países de la América Hispánica forman el triángulo epopéyico más sombrío y a la par más luminoso de todas las edades. Todo mezclado y confundido: el bien y el mal; el desinterés y la codicia; el valor y la cobardía; las virtudes del misionero y las ambiciones del soldado con “hipo de oro”,

184 *Ibid*, p. 10.

185 *Ibid*, p. 14.

como decía el Padre Las Casas; pero también todo en grande, todo hiperbólico: grande el escenario y grandes los hombres.

E continua seu histórico abordando as independências, as disputas internas entre as elites *criollas*, ditaduras e intervenções de potências externas. Nesse ínterim, destaca as virtudes e defesas de homens de estatura mundial: Bolívar, Morelos, San Martín, O'Higgins, del Valle, Morazán, Juárez, Sarmiento e Martínez. Assim, termina nas dezenas de nações latino-americanas, com mesma religião e língua, incluindo o Brasil com certas analogias, e culminando na América Latina no contexto atômico:

Todas, con idénticos o parecidos problemas económicos, políticos y sociales. El más importante de todos es la defensa de su integridad nacional y de su autonomía; problema fundamental de vida o muerte. Ya sabemos que la época actual no es de plena independencia de los países; es de interdependencia política y económica. Esto último, ya en otra ocasión lo apuntamos, aparece como resultado inevitable y fatal del progreso técnico en la Era Atómica. Interdependencia, sí; dependencia, no. Son dos cosas ben diferentes.¹⁸⁶

A crítica aos beligerantes da Guerra Fria, o apoio crítico aos EUA, e a reflexão interna sobre os processos e experiências históricas em comum no subcontinente latino-americano demonstram o deslocamento, aliado à falta de sentido, do conflito na região. A atenção voltava-semuito mais à manutenção da democracia, da independência, e da superação de fraturas sociais, como a desigualdade. É nessa esteira que a revista publicou, também em 1950, o texto “Necesitamos crear un Mundo Nuevo”, transcrição do discurso feito por Waldo Frank na Conferência Interamericana Pró-Democracia e Liberdade, que ocorreu em 13 de maio de 1950, em Havana. O discurso revela a preocupação com a manutenção da democracia no mundo e, em especial, na América Latina, colocando também que a democracia estava - e ainda está - na infância, a nível global, sobretudo após as duas guerras mundiais.

Sabemos lo que nos amenaza. Pero no ser sino anti-militaristas, anti-totalitarios y anti-comunistas equivale a garantizar nuestro fracaso. Las dictaduras del comunismo ruso y las dictaduras de la América Hispana, el capitalismo monopolista de los Estados Unidos

186 *Ibid*, p. 16.

con su sutil y encubierta regimentación del alma y de la mente no son sino síntomas de la generalizada falta de madurez y de la patología de la democracia.¹⁸⁷

Frank critica o comunismo ortodoxo como reacionário, e não como revolucionário. Também critica a falta de resolução da conferência:

La Conferencia de La Habana formuló un elocuente número de resoluciones que anunciaban al mundo que los delegados eran partidarios de la democracia (sin definirla); de la paz (sin la menor indicación para lograrla); contrarios a la guerra, el totalitarismo y las dictaduras (sin analizar las causas que los producen).¹⁸⁸

Diante disso, faz alguns diagnósticos. Primeiro, sobre as ditaduras militares que surgiam na América Latina, segundo ele, fruto da falta de organizações sociais, da participação da sociedade civil, o que evidentemente fortaleceria as democracias nas Américas. Dentro disso, cita trabalhadores, profissionais liberais (professores, advogados, médicos), e a Igreja Católica. Em seguida, critica o capitalismo de Estado, tal qual a URSS, e a neutralidade latino-americana em caso de uma guerra atômica. Indicando como solução a quebra do ciclo vicioso das crises capitalistas, o que evidentemente, dito dessa forma, é superficial e sem efeito prático.

O intelectual pensa a América

A proposta de pensar as concepções americanistas cruza-se com a reflexão sobre as múltiplas concepções do intelectual, enquanto agente no debate público, atuando ativamente não apenas na discussão, mas na criação e difusão de múltiplas concepções americanistas até 1959, e concepções mais fechadas na bipolarização da Guerra Fria a partir da Revolução Cubana. A inflexão pós-1959, menos discutida nessa dissertação, se opõem ao nosso foco que é a maior pluralidade nas duas décadas que antecedem o processo revolucionário na ilha caribenha.

187 FRANK, Waldo. Necesitamos crear un Mundo Nuevo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 52, n. 4, p. 40-48, jul/ago. 1950. Bimestral. p. 40-41.

188 *Ibid*, p. 45.

Para pensarmos essa reflexão interseccional entre americanismos e intelectualidade, o texto “Las cuatro Américas”, do historiador colombiano Germán Arciniegas¹⁸⁹, é muito valioso. O propósito do texto é apresentar ao leitor as quatro Américas - América Indo-espanhola, Canadá, Brasil e Estados Unidos - ordenadas pelas suas populações, e divididas pela questão linguística, sendo a característica bilingue dos canadenses (inglês e francês) o motivo da sua separação dos Estados Unidos. Tal isolamento é, inclusive, um ponto fundamental da sua introdução:

Nuevo Mundo es novedad. De cosas nuevas está cargada nuestra historia, que en lo substancial difiere de todas las conocidas. Por sí sola sería un tema estupendo. Pero nadie la escribe, nadie toma el punto de vista continental. Se ofrecen siempre cuatro historias de cuatro Américas, como podrían darse a conocer las biografías separadas de cuatro personajes. [...] Buscan el aislamiento. Apenas entre dos de ellos se han cambiado de cuando en cuando palabras descompuestas, incidentalmente se ha llegado a los arañazos. Pero ni ellos han intentado un diálogo a fondo de sus vidas.¹⁹⁰

Para Arciniegas, as semelhanças se sobrepõem às diferenças, embora o que foi produzido historicamente seja justamente o contrário. Seria a experiência histórica que teria unido fatores linguísticos, geográficos e humanos, como coloca:

¿De dónde han surgido estas diferencias? ¿Ha sido la geografía, el elemento humano, el trópico? ¿Han sido las minas de hierro y de carbón? Lo ha sido todo. Pero, además, lo ha sido, y con importancia de causa operante, la experiencia histórica. La vida. Cuando se comparan los procesos de las cuatro Américas y se miran sus radicales divergencias, lo demás se ilumina. Surgen las explicaciones. Nuestras historias han sido un poco al revés, y esto habrá que verlo más despacio. Para comenzar, ayuda el hablar de cuatro Américas.¹⁹¹

189 Germán Arciniegas (1900-1999) foi um diplomata, intelectual e político colombiano. Ocupou diversos cargos, como Ministro da Educação e embaixador da Colômbia na Itália, Venezuela, Israel e Vaticano. Cf. MORALES, Carlos David Suarez. **Germán Arciniegas en la posguerra: panamericanismo y guerra fría cultural, 1945-1958**. 2021. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-16052022-121351.

190 ARCINIEGAS, Germán. Las cuatro Américas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 45, n. 3, p. 7- 17, mai/jun. 1949. Bimestral. p. 8.

191 *Ibid*, p. 9.

É nesse sentido que historiciza a expressão - que utilizamos até hoje - “as Américas”, substituindo a expressão singularizante “a América” que, não por acaso, é como os norte-americanos se autodenominam. Mas lança uma indagação provocativa, ao colocar que de divisão em divisão, poderíamos ser 4, 10, infinitas... Dessa forma, destaca que a despeito de um destino comum, o desenvolvimento das Américas foi muito díspar, logo é necessário um diálogo contraditório para chegarmos a uma história continental de *Nuestra América!*

Por outro lado, critica o pan-americanismo, colocando que: “Hasta hoy el panamericanismo ha sido una actitud convencional, pegada con palabras”, no mesmo sentido do que vimos com Silva Herzog e Cosío Villegas. Também analisa os particularismos de uma nação americana pouco abordada em CA: o Canadá. Para o autor, os canadenses possuem uma relação com o Reino Unido - sendo parte da *Commonwealth*, até hoje - maior que com o sul do continente americano. Assim, junto ao Brasil, o país estaria excluído da fórmula pan-americanista. Por isso, se a experiência histórica é o fator de união na desunião, boa parte da solução estaria na (re)escrita da História:

El único camino para llegar a la substancia de una historia que se presenta así, es tomando el toro por los cuernos. Haciendo frente sin titubeos a la cruda realidad. Es uno de esos casos en donde se aprecia mejor lo que dice Huizinga: “La historia es, de todas las ciencias, la que más se acerca a la vida”. Claro, no la historia descolorida, sino la de colores. No la historia muerta, sino la apasionada, con alma y corazón, con nervio y agresividad. Salta a la vista, en los cuatro personajes de América, el contraste, que llega a ser violento. Si ellos hablan, tienen que contradecirse.¹⁹²

Numa perspectiva dialética, Arciniegas propõe a superação da antítese entre as quatro Américas, para pensar uma unidade latino-americana para além de uma visão utópica. O que ocorreria considerando as peculiaridades brasileiras, desde a terra tropical que converge com a noção de raça cósmica de José Vasconcelos, até às peculiaridades como o Período Joanino e a extensa monarquia, da mesma linhagem da metrópole portuguesa. Também menciona o mérito brasileiro de desconhecer o ódio racial (*sic*) o que vai de encontro a própria colaboração de Gilberto Freyre nos *Cuadernos Americanos*. Em suma, o autor propõe uma integração entre as

192 *Ibid*, p. 12.

Américas, não de forma inteiramente propositiva, mas levantando problemas e possibilidades de superação.

No es utópico pensar en una manera de unidad americana que se apoye en diferencias irreductibles, que se declare consciente de ellas y no acuda al pobre recurso de publicar sólo las similitudes aparentes. Este destino internacional, resplandece en el pequeño mundo de cada nación. [...] ¿Podrían en Brasil, en Canadá, imaginarse cosas parecidas? Debemos, cuando menos, dudarlo. Los Estados Unidos, al menos han tenido ejemplos de lo que es la violencia en los asesinatos de los presidentes Lincoln y Garfield. Ciertamente, Lincoln pasó del palco del teatro a dormir bajo la cúpula de los inmortales. Pero en todo caso se ven los estilos. Y puede aceptarse, como punto de partida, la existencia de las cuatro Américas.¹⁹³

Outro exemplo está no texto de Francisco Ayala¹⁹⁴, “Para quién escribimos nosotros”, de 1949. O autor começa remetendo ao seu livro “Razón del mundo” (1944), no qual refletiu sobre a função do intelectual, e suas responsabilidades na sociedade. Assim, procurou focar no tema da atividade intelectual, e suas condições sociais do presente, localizando o debate nos escritores de língua castelhana e seu “destino histórico comum”, sendo que, como espanhol, destaca a Guerra Civil Espanhola como um acontecimento não apenas peninsular, mas universal pelo seu alcance e consequências morais.

Quiero mostrar con esto cómo, no sólo los intelectuales exilados, sino también los que permanecen en el suelo de España – hablo de quienes algo significan; la turbamulta de los demás no hace al caso – hemos perdido todos la posibilidad de dirigirnos a esa comunidad activa, hosca y amarga, sí, pero sensible, que era la nación española, ante la cual se desarrollaron las actividades literarias de sucesivas generaciones hasta el comienzo de la guerra.¹⁹⁵

No excerto acima, há uma referência a indagação da geração de 1898, com destaque para Ortega y Gasset, em torno do “problema espanhol” e da sua decadência civilizacional (sobretudo,

¹⁹³ *Ibid*, p. 16-17.

¹⁹⁴ Francisco Ayala García-Duarte (1906-2009) foi um escritor espanhol. Com a Guerra Civil Espanhola exilou-se em Buenos Aires, Porto Rico e Estados Unidos, tendo regressado à Espanha em 1976, após a redemocratização.

¹⁹⁵ AYALA, Francisco. Para quién escribimos nosotros. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 43, n. 1, p. 36-58. jan/fev. 1949. Bimestral. p. 38-39.

colonial) com a Guerra Hispano-Americana e a perda dos últimos territórios. Ayala critica o grupo espanhol que irradia hispanidade, e não mais hispanismo, para o mundo.

Difícil parece que quien se expresa en español se resigne a no hacerlo para toda la extensión virtual del idioma. Desde Madrid se tenía la sensación de dirigirse a los cuatro puntos cardinales de su ámbito, y en parte esta sensación no era ilusoria. La antigua capital de la Monarquía, todavía centro político del núcleo más denso y número de la lengua española, recogía e irradiaba los grandes movimientos y las grandes obras, no sólo sobre las provincias de aquel Estado, sino también sobre América [...] La guerra civil ha arruinado la hegemonía de ese gran centro colector y redistribuidor de las actividades intelectuales hispanas. Si para bien o para mal, no es aquí la cuestión.¹⁹⁶

De certa forma, Ayala reforça a salvação da cultura ocidental pela América Latina, em especial pelo México, enquanto aborda os limites da América em unir-se e pensar conjuntamente, sobretudo pelo nacionalismo pressionado pelo norte ianque.

Por lo tanto, no quiero referirme a la limitación, tan brutal como ineludible, constituida por la realidad del presente histórico; me refiero a otras que dimanen de nuestra situación especial, como escritores españoles, ensayistas, periodistas, emigrados en América. Casi todas, y desde luego la más considerables, se remiten, directa o indirectamente, a la vigencia de los sentimientos nacionalistas; a la vigencia de sentimientos nacionalistas en los lugares donde vivimos, y a la vigencia de sentimientos nacionalistas en nuestro propio corazón de españoles.¹⁹⁷

Nesse excerto, Ayala aborda questão fundamental para pensar as concepções americanistas dentro de uma história intelectual global, que é a questão da nação. Como já abordado, a história global não é a somatória das histórias nacionais, mas tampouco é sua superação, de forma que entender o lugar dos escritores e das revistas que compõem essas concepções é de primeira importância. É evidente a reverberação de nacionalidades e nacionalismos nas reflexões de ordem transnacional, afinal o conceito inventado e estabelecido profundamente no século XIX, é absolutamente transversal para a história e as sociedades desde então. Assim, Ayala pensa as condições específicas do escritor-intelectual emigrado,

¹⁹⁶ *Ibid*, p. 41.

¹⁹⁷ *Ibid*, p. 45-46.

apresentando uma visão pessimista que vai de encontro a sua trajetória, de alguém que transitou por diversos países e, no fim da vida, voltou para a Espanha.

Pues bien, consideremos de nuevo las condiciones del escritor emigrado, para referirlas al caso del creador literario, desconectado – desgajado, pudiera decirse, por la violencia y la brutalidad del tirón que lo separó – de la comunidad donde se formara, y privado casi por completo del público español, al que con dificultad y mediatización llegan sus escritos. El fondo de realidad concreta en función del cual escribía, le ha sido pues, arrancado, con la doble consecuencia de cortarle, a un mismo tiempo, las incitaciones connaturales para su producción y el destinatario a que en primer lugar tenía que dirigirse.¹⁹⁸

A reflexão explícita entre americanismos, intelectuais e nacionalismos, aparece no texto “Américas desavenidas”, do escritor e diplomata venezuelano Mariano Picón-Salas. Em que o autor propõe uma reflexão acerca dos desacordos e desavenças americanas, começando com a divisão entre América do Norte e América Latina. Primeiro sinaliza o desentendimento, entre unidade americana no período da Independência, incluindo a inspiração que figuras como Monroe e Jefferson inspiravam em Bolívar e Sarmiento, sendo a Guerra Mexicano-Americana (1846-1848) um ponto de inflexão que mudou esse olhar.

Sobre esse divisão Norte e Sul, Picón-Salas resgata “Ariel” de José Enrique Rodó, de forma provocativa, colocando que o autor uruguaio foi aquele que “com mais graça do que sagacidade, se acercou a um dos problemas mais tensos, mais conflituosos na cultura americana”. E depois afirma que “Nuestro José Enrique Rodó – aquel adolescente penseroso, retratado en la primera edición de su juvenil libro – interpretaba la discordia entonces muy viva de las dos Américas (...)”. Na realidade, Rodó (1872-1917) publicou Ariel em 1900, com quase 30 anos, escrevendo um livro que é um clássico na literatura e historiografia latino-americana, seja pelo seu formato, uma releitura da obra “A tempestade”, de Shakespeare, seja pela proposta. Nele, o intelectual uruguaio opõe o alado e sonhador Ariel, ao rude e terrestre Calibã, que representam, respectivamente, o espiritualismo sul-americano e o messianismo tecnológico, disfarçado de ajuda e progresso, dos Estados Unidos. Nesse sentido, tece uma crítica a Rodó como romântico e aristocrático, nas duas passagens abaixo:

198 *Ibid*, p. 50.

Curiosamente la época de mayor protagonismo y ensanche capitalista en la vida de los Estados Unidos, coincidía en Hispano-América con un movimiento estético de tanta importancia como el Modernismo en que nuestros escritores y poetas rebasando el ámbito provincial de nuestra cultura, querían alcanzar las formas más sutiles e individualizadas de una civilización crepuscular, de inspiración europea. ¿Y no era, de cierto modo, el “Ariel” de Rodó la expresión de “modernismo” político, una reivindicación de los derechos de grupos y minorías refinadas ante el acentoeconomicista e industrial que tomaba la época? Como programa histórico el individualismo de Rodó no parecía ofrecer una solución, y el destino de ambas Américas era irreconciliablemente antagónico.¹⁹⁹

Así hasta el problema de la relación de las Américas, se presenta ahora de modo muy distinto a cuando Rodó escribía su “Ariel”. No es un capítulo aislado de la Historia Universal, porque sentimos con más angustia que entonces, todas las tensiones de la época. Ya no nos basta aquel individualismo estético, la lección sosegada del viejo maestro Próspero, porque estamos urgidos de solidaridad ética, y las ondas nos empujan hacia donde está bramando y solicitando lo colectivo. Ha desaparecido ese mundo de Rodó, de los finos aristócratas intelectuales de hace cincuenta años, e inquirimos, perplejos, qué es lo que va a nacer.²⁰⁰

Assim, percebemos a diversidade dos imaginários americanistas, e seus repertórios articulados nos *Cuadernos Americanos*, em especial antes da Revolução Cubana, com destaque para as conexões globais entre intelectuais, periódicos e conexões históricas. O que nos permite afirmar que a revista permitiu a arquitetura, os andaimes, de diversas pontes identitárias na América Latina.

199 PICÓN-SALAS, Mariano. Américas desavenidas. *Cuadernos Americanos*, Cidade do México, v. 58, n. 4, p. 7-18, mai/jun. 1951. Bimestral. p. 10.

200 *Ibid*, p. 17-18.

Conclusão

As *pontes de papel* estabelecidas pelos *Cuadernos Americanos* foram tanto simbólicas como materiais, na medida que estabeleceram vínculos culturais na América e na dita civilização ocidental, como também reforçaram vínculos políticos que evidentemente extrapolavam a revista. Nessa construção, em especial sob o mote da “salvação da civilização ocidental”, merece destaque a América como lugar de utopia, com outras denominações para além do Novo Mundo -que, vale lembrar, compõem o subtítulo da revista. Assim, as ideias de Pan-americanismo, Indo-Americanismo, dentre outras, circularam e foram debatidas pelos intelectuais da revista. Ao propor um mundo novo no Novo Mundo, a revista, com destaque para o diretor Jesús Silva Herzog, resgataram o lugar da América utópica típica dos tempos coloniais, e também inflaram seu potencial, através do ativismo intelectual e das expectativas criadas desde a Revolução Mexicana.

Ao mesmo tempo, a América viu-se sitiada por interesses outros, desde a Política da Boa Vizinhança, que converteria-se em política intervencionistas e imperialistas, após o fim da Segunda Guerra Mundial, até a *hispanidad* e *catolicidad* franquista difundida pelos *Cuadernos Hispanoamericanos*, além dos interesses da União Soviética, que teriam seu auge em 1961, com a oficial inclusão de Cuba no bloco socialista. Tais iniciativas reverberaram e reforçaram o argumento da centralidade que a América Latina teve na opinião pública, na geopolítica e diplomacia, e no imaginário progressista na segunda metade do século XX, algo que hoje encontra-se com o foco deslocado para a África e as relações diaspóricas com o globo, em especial a própria América.

Buscando uma História Intelectual, destacamos o papel dos intelectuais no debate público, o que sempre esteve interseccionado com as funções que ocupavam, como professores universitários, pesquisadores, políticos, diplomatas etc. Na construção desse circuito, que denominamos metaforicamente de *pontes de papel*, vimos também a relação entre diferentes projetos de engenharia, qual seja, projetos editoriais, como os estabelecidos entre os *Cuadernos Americanos* e a costarriquenha *Repertorio Americano*, coordenada por Joaquín García Monge, e a argentina *Sur*, agenciada por Victoria Ocampo. Em comum, estavam as intersecções

intelectuais, e as propostas progressistas de uma América unida, ante os autoritarismos, fascismos e totalitarismos que marcaram as décadas de 1940 e 1950, em especial.

Nesse sentido, novamente destacamos o lugar das revoluções na revista, não que os colaboradores, e sobretudo os editores, fossem vinculados a projetos revolucionários, mas porque uma revolução sempre aponta para o futuro, para a esperança e para a mudança, mesmo que não sejam alcançadas e concretizadas. Assim, nos deparamos com uma revista edificada sobre a Revolução Mexicana, mesmo que mais de três décadas após o seu início, tendo nela o espaço de experiência do nacionalismo e dos projetos sociais mexicanos. Da mesma forma, a emergência de uma nova ordem mundial após 1945, marca o horizonte de expectativa sobre novas revoluções, o que seria consolidado em 1959, em Cuba, valendo lembrar que a consolidação da revolução não foi nosso foco, e sim os projetos plurais despertados enquanto ainda estava no horizonte. Na medida que a Europa encontrava-se destruída após a guerra, uma nova ordem mundial se lançava, e várias revoluções estouravam ao redor do globo, o ambiente de sonhos e projetos germinou, a partir do México, sobre a América Latina, a partir de diversos projetos editoriais, incluindo os *Cuadernos Americanos*.

Dessa forma, buscamos compreender a América para além dos estereótipos e lugares comuns, à esquerda e à direita, enfocando na pluralidade que se tornou possível justamente por ter sido gestada entre os dois principais projetos revolucionários latino-americanos, simultaneamente à uma mudança no cenário geopolítico mundial. Igual, em menor medida, ao que vivenciamos nos dias de hoje.

Assim, concluímos uma jornada de pesquisa, iniciada em 2017 através de uma iniciação científica sobre o pensamento conservador e autoritário, mais especificamente as apropriações que o pinochetismo fez do franquismo. Nessa primeira investigação, tive contato com os *Cuadernos Americanos* enquanto fonte subsidiária, que a partir de 2019 tornou-se a fonte principal para a presente pesquisa de mestrado. O período de iniciação científica, e sobretudo de mestrado, foram ameaçadores para a democracia e a ciência no Brasil, em especial nas ciências humanas, contudo, ao concluir esta dissertação após a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva e início de seu terceiro mandato, com esperanças renovadas, voltamos a sonhar com o Brasil e com a América Latina, para além de estereótipos e “cortinas de fumaça”. Os últimos anos colocaram a democracia em risco em todo o continente, e em todo o mundo também, e a ascensão de uma

nova Onda Rosa é importante não pela simples volta da esquerda, mas pela volta das oportunidades de alianças regionais fortes e pujantes - política, econômica, social e culturalmente - com destaque para o Mercosul, que tanto perdeu força nos tempos recentes. Além disso, a volta do protagonismo regional e global brasileiro, e a preocupação com a representatividade e as pautas identitárias, fortalecem a esperança de um continente mais plural e unido em torno dos ideais democráticos.

Assim, concluo a presente dissertação de mestrado, com a pretensão de contribuir minimamente para a compreensão de uma América Latina plural em defesa da democracia, e contra a ascensão de autoritarismos pelo mundo. Ao passar por diversos intelectuais, de diversas nacionalidades, e com diferentes projetos, pudemos perceber o estabelecimento de laços diversos, seja pela síntese de suas concepções, ou pela antítese a intervenções e imperialismos ao redor do globo, com destaque material para os EUA e simbólico para a Espanha franquista. Longe de chegar a uma resposta definitiva sobre o que é a América e qual é a sua missão, os intelectuais, ao refletirem sobre seu sentido, nos dão exemplos de intervenções no debate público e participação efetiva na construção de novos modelos de sociedade.

Referências

Fontes:

ARCINIEGAS, Germán. Las cuatro Américas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 45, n. 3, p. 7-17, mai/jun. 1949. Bimestral.

AYALA, Francisco. Para quién escribimos nosotros. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 43, n. 1, p. 36-58. jan/fev. 1949. Bimestral.

BODET, Jaime Torres. Misión de los escritores en la organización de la paz. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 21, n. 3, p. 7-17, mai/jun. 1945. Bimestral.

BELTRÁN, Enrique. El suicidio del Continente. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 52, n. 1, p. 56-67, jan/fev. 1950. Bimestral.

CASO, Alfonso. Un mundo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 11, n.5, p. 56-63, set/out. 1943. Bimestral.

COSÍO VILLEGAS, Daniel. Rusia, Estados Unidos y la América Hispánica. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 36, n. 1, p. 40-58, jan/fev. 1948. Bimestral.

DIFFIE, Bailey W. **The Ideology of Hispanidad**. *Hispanic American Historical Review*, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 457-482, 1 ago. 1943. Duke University Press. <http://dx.doi.org/10.1215/00182168-23.3.457>. Disponível em: <https://read.dukeupress.edu/hahr/article/23/3/457/154662/The-Ideology-of-Hispanidad>. Acesso em: 19 ago. 2020.

DOIN, Guillermo Díaz. La política de no-intervención. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 25, n. 2, p. 7-27, mar/abr. 1946. Bimestral.

FRANK, Waldo. Necesitamos crear un Mundo Nuevo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 52, n. 4, p. 40-48, jul/ago. 1950. Bimestral.

HAYA DE LA TORRE, Victor Raúl. Intervención e Imperialismo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 10, n.4, p. 7-12, jul/ago. 1943. Bimestral.

HERZOG, Jesus Silva. La revolución mexicana en crisis. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 11, n. 5, p. 32-55, set/out. 1943. Bimestral.

_____. Lo humano, problema esencial. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 1, n. 1, p. 9-16, jan/fev. 1942. Bimestral.

_____. ¿Los Estados Unidos o la Unión Soviética? **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 51, n. 3, p. 7-18, mai/jun. 1950. Bimestral.

_____. Reflexiones sobre las dictaduras. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 64, n. 4, p.57-63, jul/ago. 1952. Bimestral.

_____. Veinte años al servicio del mundo nuevo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 114, n. 6, p. 7-18, nov/dez. 1961. Bimestral. p. 7.

SILVA HERZOG, J.; PICÓN-SALAS, M.; MONGE, J. G.; ORTIZ, F.; FRANK, W.; ESTRADA, E. M.; VILLEGAS, D. C. Mesa rodante: Imperialismo y Buena Vecindad. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 35, n. 5, p. 64-90, set/out. 1947. Bimestral.

ITURRIAGA, José E.; LARREA, Juan. Hacia una definición de América. Dos cartas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 6, n. 6, p. 7-33, nov/dez. 1942. Bimestral.

ITURRIAGA, José E. La paz y los pueblos americanos. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 48, n. 3, p. 78-100, nov/dez. 1949. Bimestral.

KOURÍ, Raúl Roa. Un año de Revolución Cubana. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 105, n. 3, p. 42-52, mai/jun. 1960. Bimestral.

LARREA, Juan. Carta a Jesús Silva Herzog. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, n. 640, p. 91-107. 2003. Bimestral.

- NERVO, Luis Padilla. Presencia de México en las Naciones Unidas. El caso de Cuba. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 111, n. 3, p. 72-83, mai/jun. 1961. Bimestral.
- MARQUEZ, Javier. La solidaridad continental. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 9, n. 3, p. 57-65, mai/jun. 1943. Bimestral.
- PICO, César E. Nuestro tiempo y la mision de las Españas. **Cuadernos Hispanoamericanos**, Madrid, v. 1, n. 1, p. 40-62, jan/fev. 1948. Bimestral.
- POLIT, Gustavo. Variaciones sobre el tema de la Buena Vecindad. **Cuadernos Americanos**, v. 29, n. 5, p. 24-42, set/out. 1946. Bimestral.
- PICÓN-SALAS, Mariano. Américas desavenidas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 58, n. 4, p. 7-18, mai/jun. 1951. Bimestral.
- REYES, Alfonso. América y los Cuadernos Americanos. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 2, n. 2, p. 7-10, mar/abr. 1942. Bimestral.
- _____. Posición de América. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 8, n. 2, p. 7-23, mar/abr. 1943. Bimestral.
- RIVERA, Diego. Pesadilla de Guerra y Sueño de Paz. Fantasía Realista. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 63, n. 5, p. 65-66, set/out. 1952. Bimestral.
- SELVA, Salomón de la. La unión de las Américas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 6, n. 6, p. 50-52, nov/dez. 1942. Bimestral.
- SÁENZ, Vicente. Latinoamérica en el proceso actual del mundo. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 100, n. 4, p. 42-60, jul/ago 1959. Bimestral.
- SALAS, Mariano Picón. Américas desavenidas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 52, n. 4, p. 7-18, jul/ago. 1951. Bimestral.

SÁNCHEZ, Manuel Moreno. El imperialismo en América Latina. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 40, n. 4, p. 54-66, jul/ago. 1948. Bimestral.

TORRIENTE, Loló de la. Realidad y esperanza en la política cubana. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 102, n. 6, p. 35-65, nov/dez. 1959. Bimestral.

VILLEGAS, Daniel Cosío. Rusia, Estados Unidos y la América Hispánica. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 37, n. 1, p. 40-58, jan/fev. 1948. Bimestral.

ZEA, Leopoldo. Las dos Américas. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v.14, n. 2, p. 7-20, mar/abr. 1944. Bimestral.

Bibliografia:

ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II.** Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010.

APPADURAI, Arjun. *The future of postcolonial thought*. 2021. Disponível em: <https://www.thenation.com/article/world/achille-mbembe-walter-mignolo-catherine-walsh-decolonization/>. Acesso em: 01 abr. 2021.

ARMITAGE, David. The international turn in Intellectual History. **Rethinking modern european intellectual history**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2014. p. 232 – 252.

AUERBACH, Adam Michael. Informal Archives: historical narratives and the preservation of paper in india’s urban slums. **Studies In Comparative International Development**, [S.L.], v. 53, n. 3, p. 343-364, 30 jul. 2018. Springer Science and Business Media LLC. <http://dx.doi.org/10.1007/s12116-018-9270-5>.

AYERBE, Luis Fernando. **A Revolução Cubana**. São Paulo: Editora Unesp, 2004.

BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio. **A Revolução Mexicana**. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

BAROLÍN, Ezequiel Fabricio; ESPINOSA BLAS, Margarita, (2020) “¿“Buenos vecinos” o “enemigos”? Estados Unidos en el discurso de Cuadernos Americanos 1942-1968”, **Pacarina del Sur**, ano 11, núm. 43, abril-junho, 2020. ISSN: 2007-2309. Disponível em: www.pacarinadelsur.com/index.php?option=com_content&view=article&id=1874&catid=1. Acesso em: 27 jul. 2021.

BEIRED, José Luis Bendicho. **Hispanismo: um ideário em circulação entre a Península Ibérica e as Américas**. In: VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2007, Campinas. Anais do VII Encontro Internacional da ANPHLAC, 2006. p. 1-9. Disponível em: . Acesso em: 03 abr. 2020.

BLANQUEL, Eduardo. La Revolución Mexicana. In: VILLEGAS, Daniel Cosío. **Historia mínima de México**. Cidade do México: El Colegio de México, 1994. p. 114-129.

BOLUFÉ, Olga María Rodríguez. **Relaciones artísticas entre Cuba y México (1920-1950): momentos claves de una historia**. Cidade do México: Universidad Iberoamericana, 2011.

BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas (org.). **Por uma história-mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

CAPELATO, Maria Helena. **A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador**. in: PRADO, Maria Ligia Coelho; VILLAÇA, Mariana (org.): **História das Américas: fontes e abordagens historiográficas**. São Paulo: Humanitas, 2015.

CONRAD, Sebastian. Historia Global – Agendas y Perspectivas. In: RINKE, Stefan; RIOJAS, Carlos. **Historia Global: Perspectivas y Tensiones**. Stuttgart: Verlag Hans-dieter Heinz, Akademischer Verlag Stuttgart, 2017. p. 28 – 38.

CONRAD, Sebastian. **What's Global History**. Princeton: Princeton University Press, 2016.

CRESPO, Regina (coord.). **Revistas en América Latina: proyectos literarios, políticos y culturales.** Cidade do México: UNAM e Ed. Eón, 2010.

CRESPO, Regina Aída. **Las Revistas y Suplementos Culturales como Objetos de Investigación.** In: Anais do Coloquio Internacional de Historia y Ciencias Sociales. Colima, Universidad de Colima, 2010.

DELPAR, Helen. Mexican Culture, 1920 – 1945. In: BEEZLEY, William H.; MEYER, Michael C.. **The Oxford history of Mexico.** Nova Iorque: Oxford University Press, 2000. p. 556-585.

FREITAS NETO, José Alves de. **Bartolomé de Las Casas: a narrativa trágica, o amor cristão e a memória americana.** São Paulo: Annablume, 2003.

FUNES, Patricia. **Salvar la nación: Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos.** Buenos Aires: Prometeo Libros, 2006.

GARCIADIEGO, Javier. **Alfonso Reyes, "un hijo menor de la palabra". Antología.** Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2015.

GARCIADIEGO, Javier. La revolución. In: RODRÍGUEZ, Alberto Torres. **Nueva historia mínima de México ilustrada.** Cidade do México: El Colegio de México, 2008. p. 393-468.

_____. Los intelectuales y la Revolución Mexicana. ALTAMIRANO, Carlos (direc.). **Historia de los intelectuales en América Latina: II. Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX.** Buenos Aires: Katz Editores, 2010, p. 31-44.

GILLY, Adolfo. **El cardenismo: una utopia mexicana.** México, DF: Ediciones Era, 2001.

GIROLA, Lidia. Elites intelectuales e imaginarios sociales contrapuestos en la era del “milagro mexicano” y su expresión en la revista Cuadernos Americanos. **Sociologias**, [S.L.], v. 20, n. 47,

p. 170-208, abr. 2018. Disponível em: FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/15174522-020004706>. Acesso em: 27 jul. 2021.

GOMES, Augusto Patrini Menna Barreto. **O conceito de História em Oswald Spengler**. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, University of São Paulo, São Paulo, 2014. doi:10.11606/D.8.2014.tde-26052014-121002. Acesso em: 07 de maio de 2022.

GONZÁLEZ-NEIRA, Ana. Cuadernos Americanos y el exílio español: nacimiento de una revista universal (1942-1949). *Cuadernos Americanos*. México, D.F., vol. 1, n. 127, 2009.

GORELIK, Adrián. A Buenos Aires de Ezequiel Martínez Estrada. **Tempo Social**, [S.L.], v. 21, n. 2, p. 35-59, 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-20702009000200003>.

GRECCO, Gabriela de Lima. **De la pluma como ofício a la pluma oficial: estado y literatura durante los nuevos estados de Getúlio Vargas y Francisco Franco (1936-1945)**. 2017. 591 f. Tese (Doutorado) - Curso de Faculdade de Filosofia e Letras, História Contemporânea, Universidad Autónoma de Madrid, Madrid, 2017. Disponível em: <https://repositorio.uam.es/handle/10486/680035?fbclid=IwAR1KfYh-XNuSTFg3gzeWJ95BpzA-u5WU2zpnzdV7i7D-HASvQathPRYd2c>. Acesso em: 17 ago. 2020.

GRILLO, María del Carmen; PITA, Alexandra. **Revistas culturales y redes intelectuales: una aproximación metodológica**. Universidad de Colima, México. Temas de Nuestra América, N.º 54. 2012.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

KAYSEL, André Velasco e. A primeira polêmica sobre o populismo na América Latina. **Revista Crítica Marxista**, Campinas, v. 43, n. 55, p. 95-115, dez. 2016. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2017_06_03_06_42_10.pdf. Acesso em: 19 abr. 2021.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado. Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio; Contraponto, 2006.

LOAEZA, Soledad. Modernización autoritaria a la sombra de la superpotencia, 1944 – 1968. In: VILLEGA, Daniel Cosío; VELÁSQUEZ, Erik. **Nueva historia general de México**. Cidade do México: El Colegio del México, 2010. p. 653-698.

LINO, Sonia Cristina. Onde está Waldo Frank? God bless a América Hispânica. **Estudos Históricos (Rio de Janeiro)**, [S.L.], v. 22, n. 44, p. 522-538, dez. 2009. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-21862009000200011>.

LINO, Wagner Luiz Menezes. **A contribuição da América Latina para o direito internacional: o princípio da solidariedade**. 2007. Tese (Doutorado em Integração da América Latina) - Integração da América Latina, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. DOI: 10.11606/T.84.2007.tde-10102012-172431.

LÓPEZ, Luz María Uhthoff. La industria del petróleo en México, 1911–1938: del auge exportador al abastecimiento del mercado interno. Una aproximación a su estudio: del auge exportador al abastecimiento del mercado interno. una aproximación a su estudio. **América Latina Historia Economica**, Cidade do México, v. 1, n. 33, p. 5-30, jan/jun, 2010. Disponível em: https://www.scielo.org.mx/scielo.php?pid=S1405-22532010000100001&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 set. 2022.

HUNT, Lynn. *A invenção dos direitos humanos: uma história*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

MARTINS, Maria Antonia Dias. *A Identidade Ibero-americana em revista: Cuadernos Americanos e Cuadernos Hispanoamericanos, 1942-1955*. Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em História Social. 2012.

_____. Jesús Silva Herzog: um intelectual entre o estado e a cultura. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco – História**, [S.L.], v. 13, n. 21, p. 125-147, 30 jun. 2016. Universidade Estadual do Maranhão. <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v13i21.531>.

MEDINA, Mario Oliva. Vicente Sáenz: biografía intelectual y política de un americano desconocido. **Cuadernos Americanos**, Cidade do México, v. 160, n. 2, p. 63-76, mar. 2017. Disponível em: <http://www.cialc.unam.mx/cuadamer/textos/ca160-63.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2021.

MIGNOLO, Walter D.. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Gragoatá**, Niterói, v. 22, n. 12, p. 11-41, 30 jun. 2007. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/33191>. Acesso em: 12 nov. 2020.

MONTES, Jorge Octavio Fernández. Voces y llamamientos de la cultura por la paz: Génesis del pacifismo prosoviético de México en los albores de la Guerra Fría. *Política y Cultura*, Cidade do México, v. 41, n. 41, p.7-29, out. 2014.

Cf: MORALES, Carlos David Suarez. **Germán Arciniegas en la posguerra: panamericanismo y guerra fría cultural, 1945-1958**. 2021. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. doi:10.11606/T.8.2021.tde-16052022-121351.

MOYN, Samuel; SARTORY, Andrew Approaches to Global Intellectual History. MOYN, Samuel; SARTORY, Andrew. **Global Intellectual History**. Nova Iorque: Columbia University Press, 2013. p. 3 – 32.

MYERS, Jorge. El intelectual-diplomático: Alfonso Reyes, sustantivo. In: ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II**. Los avatares de la “ciudad letrada” en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 82 – 97.

_____. Músicas distantes. Algumas notas sobre a história intelectual hoje: horizontes velhos e novos, perspectivas que se abrem. In: SÁ, Maria Elisa Noronha de (org.). **História intelectual latino-americana: itinerários, debates e perspectivas**. Rio de Janeiro: Ed. PUC- Rio, 2016. p. 23 – 57.

MYERS, Jorge. Uma "Atlantic history" avant la lettre: transculturações atlânticas e caribenhas em Fernando Ortiz. **Sociologia & Antropologia**, [S.L.], v. 5, n. 3, p. 745-770, dez. 2015. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2238-38752015v535>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/sant/a/5CjPq3GYr9qKwbZydLgNy6K/?lang=pt#>. Acesso em: 30 abr. 2022.

PUPIN, André Mateus. A hispanidade reivindicada: Pinochet e a apropriação do franquismo no Chile (1973-1975). **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], v. 20, n. 29, p. 185-204, 2021. DOI: 10.46752/anphlac.29.2020.3910. Disponível em: <https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/3910>. Acesso em: 3 maio. 2021.

_____. Cuadernos Hispanoamericanos: o projeto franquista para a América Latina. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 28, n. 55, p. 366–390, 2020. DOI: 10.20396/tematicas.v28i55.13175.

Disponível

em:

<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13175>. Acesso em: 3 maio. 2021.

PICCATO, Pablo. A esfera pública na América Latina: um mapa da historiografia. *Revista Territórios e Fronteiras, [S. l.]*, v. 7, n. 1, p. 6–42, 2014. DOI: 10.22228/rt-f.v7i1.308. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/territoriosefronteiras/index.php/v03n02/article/view/308>. Acesso em: 14 maio. 2022.

RAMOS RODRIGUEZ, Froilán José. Mariano Picón Salas: La semblanza de un intelectual universal. **Tiempo y Espacio**, Caracas , v. 20, n. 54, p.33-52, dez. 2010. Disponível em: http://ve.scielo.org/scielo.phpscript=sci_arttext&pid=S131594962010000200003&lng=es&nr_m=iso>. Acesso em 1 de maio de 2022.

ROMERO, Héctor Gustavo Opazo. Los actores no gubernamentales españoles ante el régimen militar de Augusto Pinochet (1973-1990): apoyo a la democratización y defensa de los derechos humanos. 2009. 489 f. Tese (Doutorado) - Curso de Relaciones Internacionales, Departamento de Derecho Internacional Público y Relaciones Internacionales, Universidad Complutense de Madrid, Madrid, 2009

ROUQUIÉ, Alain; SUFFERN, Stephen. Os militares na política latino-americana após 1930. In: BETHELL, Leslie. *História da América Latina: Volume VII: a América Latina após 1930: Estado e Política*. São Paulo: Edusp, 2015. p. 197-274.

SADER, Emir (coord.). **Latinoamericana**: enciclopédia contemporânea da América Latina e do Caribe. São Paulo, SP; Rio de Janeiro, RJ: Boitempo: Laboratorio de Políticas Publicas da UERJ, 2006. 1342 p., il. ISBN 8575590847 (enc.)

SARLO, Beatriz. “Intelectuales y Revistas: Razones de una Práctica.” **América. Cahiers du Criccal**, n. 9/10 (1992): 9-16

SETTER, Anne-Julie; GRILLOT, Thomas. O gosto pelo arquivo é poliglota: entrevista com Sanjay Subrahmanyam. In: BOUCHERON, Patrick; DELALANDE, Nicolas. **Por uma história- mundo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015, p. 47-53.

SILVA, Helenice Rodrigues da. “Rememoração”/comemoração: as utilizações sociais da memória. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 22, n. 44, p. 425-438, dez. 2002.

SILVA JÚNIOR, José Antonio Ferreira da. **Retórica americana**: temas e ideias político- culturais em Casa de las Américas (1965-1976). 2014. 130 p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/279654>. Acesso em: 3 jun. 2021.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (org.). **Por uma história política**. Tradução: Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231 – 269.

SOARES, Gabriela Pellegrino. **Escrita e edição em fronteiras permeáveis**: mediadores culturais na formação da nação e da modernidade na América Latina (século XIX e primeiras décadas do XX). São Paulo: Intermeios, 2017.

TUSELL, Javier. *Dictadura franquista y democracia, 1939-2004*. Barcelona: Crítica, 2005.

REIS, Mateus Fávaro. Latino-americanismo e pan-americanismo no Uruguai do entreguerras: entre utopias e distopias. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 15, p. 198-224, 2014. DOI: 10.46752/anphlac.15.2013.1440. Disponível em:

<https://revista.anphlac.org.br/anphlac/article/view/1440>. Acesso em: 20 março. 2021.

RINKE, Stefan. **Latin America and the First World War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2017.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. RÉMOND, René (org.). **Por uma história política.**

Tradução: Dora Rocha. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003. p. 231 – 269.

WEINBERG, Liliana. Cuadernos Americanos: la política editorial como política cultural. In:

ALTAMIRANO, Carlos. **Historia de los intelectuales en América Latina: II.** Los avatares de la "ciudad letrada" en el siglo XX. Buenos Aires: Katz Editores, 2010. p. 235 – 258.

_____. El encuentro de un escritor y una revista: Alfonso Reyes y Cuadernos Americanos.

In: CRESPO, Regina (org.). **Revistas en América Latina:** proyectos literarios, políticos y culturales. Cidade do México: UNAM e Ed. Eón, 2010. p. 293 – 318.

WEINSTEIN, Barbara. Pensando a história fora da nação: a historiografia da América Latina e o viés transnacional. **Revista Eletrônica da ANPHLAC**, [S. l.], n. 14, p. 10–31, 2015. DOI:

10.46752/anphlac.14.2013.2331.

Disponível

em:

<https://anphlac.emnuvens.com.br/anphlac/article/view/2331>. Acesso em: 01 nov. 2020.

WEINSTEIN, Barbara. The world is your archive?: the challenges of world history as a field research. In: NORTHROP, Douglas. **A companion to world history.** Malden: Blackwell, 2012. p. 63-78.